

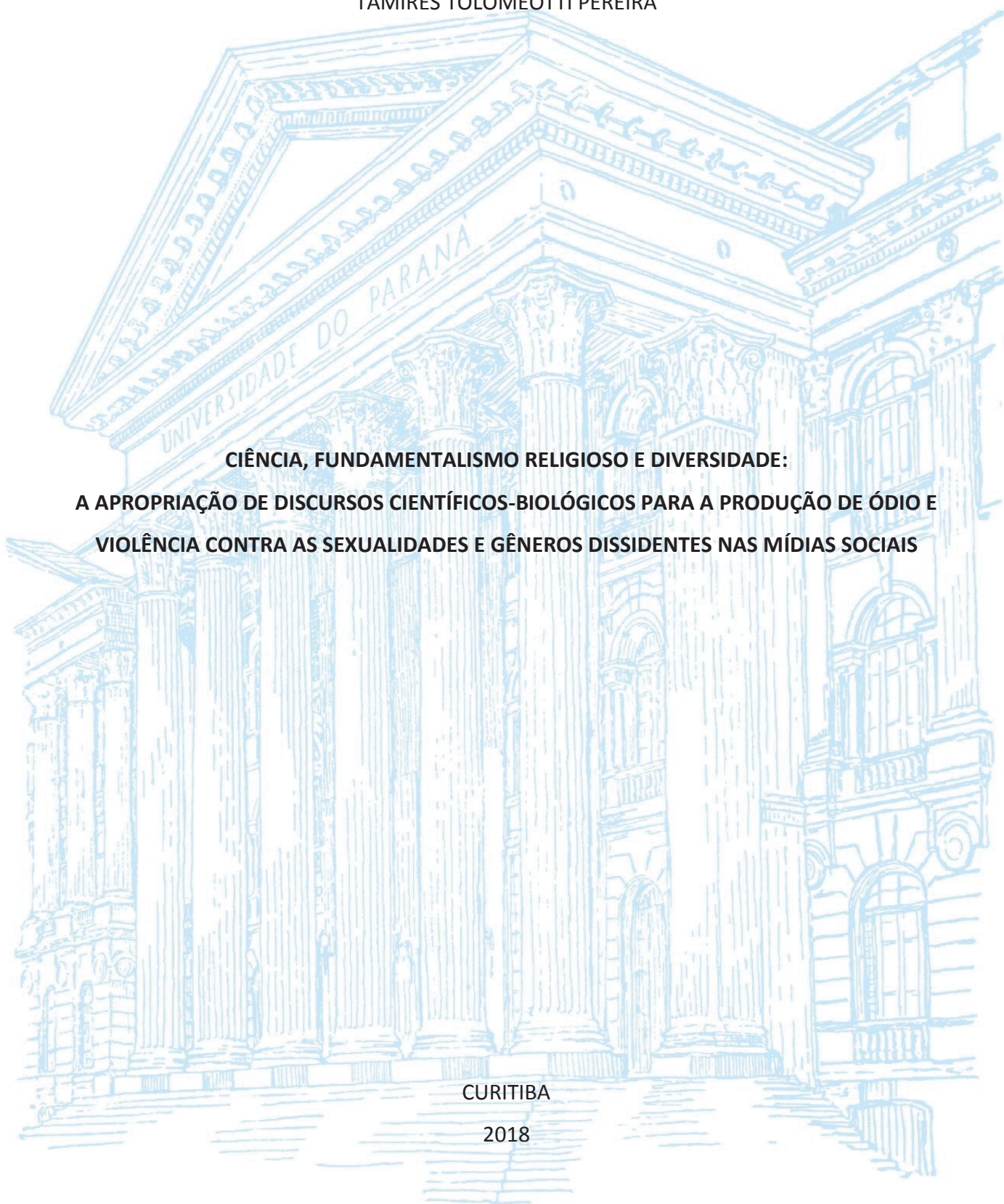
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

TAMIRES TOLOMEOTTI PEREIRA

**CIÊNCIA, FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E DIVERSIDADE:
A APROPRIAÇÃO DE DISCURSOS CIENTÍFICOS-BIOLÓGICOS PARA A PRODUÇÃO DE ÓDIO E
VIOLÊNCIA CONTRA AS SEXUALIDADES E GÊNEROS DISSIDENTES NAS MÍDIAS SOCIAIS**

CURITIBA

2018



TAMIREZ TOLOMEOTTI PEREIRA

**CIÊNCIA, FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E DIVERSIDADE:
A APROPRIAÇÃO DE DISCURSOS CIENTÍFICOS-BIOLÓGICOS PARA A PRODUÇÃO DE ÓDIO E
VIOLÊNCIA CONTRA AS SEXUALIDADES E GÊNEROS DISSIDENTES NAS MÍDIAS SOCIAIS**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação, no Curso de Pós-graduação em Educação, Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Jamil Cabral Sierra

CURITIBA

2018

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR -
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS , MARIA TERESA ALVES GONZATI, CRB 9/1584
COM OS DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

Pereira, Tamires Tolomeotti
Ciência, fundamentalismo religioso e diversidade : a apropriação de discursos científicos-biológicos para a produção de ódio e violência contra as sexualidades e gêneros dissidentes nas mídias sociais / Tamires Tolomeotti
Pereira. - Curitiba, 2018.
142 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná. Setor de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.
Orientador: Prof. Dr. Jamil Cabral Sierra

1. Religião - Sexualidade. 2. Identidade de gênero. 3. Internet. 4. Redes sociais. I. Sierra, Prof. Dr. Jamil Cabral. II. Título. III. Universidade Federal do Paraná.

CDD 306.76



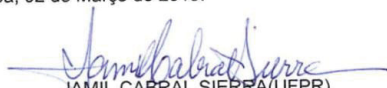
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **TAMIRES TOLOMEOTTI PEREIRA**, intitulada: **CIÊNCIA, FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E DIVERSIDADE: A APROPRIAÇÃO DE DISCURSOS CIENTÍFICOS-BIOLÓGICOS PARA A PRODUÇÃO DE ÓDIO E VIOLÊNCIA CONTRA AS SEXUALIDADES E GÊNEROS DISSIDENTES NAS MÍDIAS SOCIAIS**, após terem inquirido a aluna e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

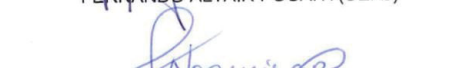
A outorga do título de Mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

Curitiba, 02 de Março de 2018.


JAMIL CABRAL SIERRA(UFPR)
(Presidente da Banca Examinadora)


VALERIA MILENA ROHRICH FERREIRA(UFPR)


FERNANDO ALTAIR POCAHY(UERJ)


JUSLAINE DE FATIMA ABREU NOGUEIRA(UNESPAR)

AGRADECIMENTOS

À **Marci**, pelo prazer de dividir contigo a experiência do cotidiano. Agradeço por fazer de meus dias *algo de desejável*.

À **família** e às **amizades**, por saber que as relações podem se estabelecer em outros entendimentos sobre o amor, o tempo e a ausência.

Ao **Jamil**, (des)orientador com quem tive o prazer de compartilhar as minúcias deste fazer-pesquisa. Agradeço as leituras, as conversas e as provocações sempre benquistas e transformadoras.

À **Juslaine Nogueira**, à **Valéria Rohrich**, e ao **Fernando Pocahy**, pela participação das bancas de qualificação e final, por suas leituras sensíveis e imprescindíveis.

À **Lucimar Rosa Dias**, por aceitar fazer parte das bancas de qualificação e final como suplente.

À **CAPES**, pela concessão da bolsa que possibilitou o desenvolvimento desta pesquisa.

Não obstante, a ideia de que se deve ter um verdadeiro sexo está longe de ser dissipada. Seja qual for a opinião dos biólogos a esse respeito, encontramos, pelo menos em estado difuso, não apenas na psiquiatria, psicanálise e psicologia, mas também na opinião pública, a ideia de que entre sexo e verdade existem relações complexas, obscuras e essenciais. Somos, é verdade, mais tolerantes em relação às práticas que transgridem as leis. Mas continuamos a pensar que algumas dentre elas insultam “a verdade”: um homem “passivo”, uma mulher “viril”, pessoas do mesmo sexo que se amam... Nos dispomos talvez a admitir que talvez essas práticas não sejam uma grave ameaça à ordem estabelecida; mas estamos sempre prontos a acreditar que há nelas algum “erro”. Um “erro” entendido no sentido mais tradicionalmente filosófico: um modo de fazer que não se adequa à realidade; a irregularidade sexual é percebida mais ou menos como pertencendo ao mundo das quimeras. Eis por que nos desfazemos tão facilmente da ideia de que são crimes; mas dificilmente da suspeita de que são ficções involuntárias ou complacentes, mas de qualquer forma inúteis e que seria melhor dissipá-las.

Michel Foucault¹

¹ FOUCAULT (1982, p.3-4)

RESUMO

Com base em aportes Pós-estruturalistas, em especial, as noções foucaultianas de poder, discurso e dispositivo da sexualidade, bem como nos Estudos de Gênero, destacando-se os conceitos de performatividade e matriz heterossexual de Judith Butler, o objetivo deste trabalho é investigar como os discursos científicos-biológicos têm sido apropriados pelo fundamentalismo religioso nas mídias sociais para a produção de violência e exclusão das sexualidades e gêneros dissidentes. A partir de uma análise discursiva de inspiração foucaultiana de artigos científicos-biológicos que produziram sentidos sobre essas dissidências e que, agora, estão sendo reiterados e agregados a discursos religiosos nas mídias sociais de personalidades influentes no cenário fundamentalista brasileiro, como o pastor Silas Malafaia, o pastor e deputado federal Marco Feliciano e a psicóloga Marisa Lobo, proponho a discussão dos seguintes problemas de pesquisa: I) como os discursos científicos-biológicos e fundamentalistas religiosos têm sido apropriados na mídia para a produção de violência e exclusão?; II) a partir de que redes de saber e poder os discursos contemporâneos que espalham ódio e violência contra as sexualidades e gêneros dissidentes se articulam com narrativas que, historicamente, os construíram ora como um destino genético, ora como uma doença, ora como um desvio comportamental?; e III) quais os pontos de continuidade e descontinuidade entre os discursos científicos-biológicos e fundamentalistas religiosos para a legitimação desses discursos de ódio? Os problemas de pesquisa elencados abrem espaço para pensar os efeitos da apropriação de elementos científicos-biológicos nos discursos fundamentalistas religiosos, como a reafirmação das terapias de reorientação sexual na contemporaneidade. Além disso, permitem a problematização de enunciados que operam como “proteção” à família nuclear, que alavancam a “ideologia de gênero” e as propostas de “cura gay” no Brasil, que incidem nas políticas públicas para a diversidade sexual e de gênero e, de modo especial, nas políticas do campo da educação.

Palavras-chave: Diversidade. Educação. Fundamentalismo Religioso. Biologia. Mídia.

ABSTRACT

Based on Post-structuralist theoretical perspective, especially the Foucauldian notions of power, discourse and dispositive of sexuality, as well as in the Gender Studies, highlighting the concepts of performativity and heterosexual matrix of Judith Butler, the proposal of this research is to investigate how scientific-biological discourses have been appropriated by religious fundamentalism in social media to produce violence and exclusion of dissident sexualities and genders. From a Foucauldian-inspired discourse analysis of scientific and biological articles that have produced meanings about these dissidences and which are now being reiterated and added to religious discourses in the social media of influential personalities in the Brazilian fundamentalist scenario, such as pastor Silas Malafaia, the pastor and federal deputy Marco Feliciano and the psychologist Marisa Lobo, I propose the discussion of the following research problems: I) how scientific and religious fundamentalist discourses have been appropriated in the media for the production of violence and exclusion?; II) from which networks of knowledge and power do contemporary discourses that spread hate and violence against dissident sexualities and genders articulate with narratives that historically have constructed them as a genetic destiny, as a disease, as a behavioral deviation?; and III) what are the points of continuity and discontinuity between scientific-biological and religious fundamentalist discourses for the legitimation of these hate speeches? The research problems listed here open space to think about the effects of the appropriation of scientific-biological elements in religious fundamentalist discourses, such as the reaffirmation of the sexual reorientation therapies in the contemporary world. In addition, they allow for the problematization of statements that operate as a "protection" to the nuclear family, which leverage the "gender ideology" and the "gay cure" proposals in Brazil that focus on public policies for sexual and gender diversity and especially in the field of education.

Keywords: Diversity. Education. Religious Fundamentalism. Biology. Media.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Estudo antropométrico de homossexuais afeminados	14
Figura 2. Estudo da inversão sexual.....	15
Figura 3. Homossexualidade: uma anomalia biológica.....	15
Figura 4. Aspectos biológicos da homossexualidade.....	16
Figura 5. <i>Print screen</i> de matéria de jornal.....	16
Figura 6. <i>Tweet</i> Feliciano.....	17
Figura 7. Determinação genética da homossexualidade.....	17
Figura 8. Cromossomos de uma homossexual.....	18
Figura 9. <i>Print screen</i> em matéria <i>online</i>	19
Figura 10. <i>Print screen</i> em matéria <i>online</i>	19
Figura 11. <i>Tweet</i> Malafaia.....	20
Figura 12. <i>Tweet</i> Malafaia.....	20
Figura 13. <i>Print screen</i> de matéria de jornal.....	21
Figura 14. <i>Print screen</i> de matéria de jornal.....	22
Figura 15. <i>Print screen</i> de matéria de jornal.....	22
Figura 16. <i>Tweet</i> Feliciano.....	23
Figura 17. <i>Print screen</i> em matéria de jornal.....	24
Figura 18. A longevidade homossexual.....	24
Figura 19. <i>Tweet</i> Feliciano.....	25
Figura 20. <i>Tweet</i> Feliciano.....	25
Figura 21. <i>Print screen</i> em capa de revista.....	26
Figura 22. <i>Tweet</i> Lobo.....	28

Figura 23. <i>Tweet</i> Malafaia.....	28
Figura 24. <i>Tweet</i> Malafaia.....	29
Figura 25. <i>Tweet</i> Feliciano.....	29
Figura 26. Mudança de orientação sexual.....	30
Figura 27. <i>Print screen</i> em matéria de jornal.....	30
Figura 28. Ex-travesti.....	31
Figura 29. Indução de comportamento heterossexual em um homem homossexual.....	32
Figura 30. Homossexualidade e “Lesbianismo” tratados com Metrazol.....	32
Figura 31. <i>Tweet</i> Malafaia.....	39
Figura 32. <i>Tweet</i> Malafaia.....	39
Figura 33. <i>Tweet</i> Malafaia.....	44
Figura 34. <i>Tweet</i> Feliciano.....	44
Figura 35. <i>Print screen</i> de matéria publicada <i>online</i>	52
Figura 36. <i>Tweet</i> Malafaia.....	53
Figura 37. Camadas de determinação do sexo.....	73
Figura 38. <i>Tweet</i> Feliciano.....	80
Figura 39. <i>Tweet</i> Feliciano.....	80
Figura 40. <i>Tweet</i> Malafaia.....	81
Figura 41. <i>Tweet</i> Lobo.....	81
Figura 42. <i>Tweet</i> Feliciano.....	82
Figura 43. Controle <i>Borderline</i> e sujeito homossexual analisado.....	85
Figura 44. Mecanismo responsável pelo dimorfismo sexual cerebral “normal”	86
Figura 45. Possível mecanismo que levaria a uma diferenciação sexual feminina em um cérebro masculino.....	87

Figura 46. Escala Kinsey para a orientação sexual.....	92
Figura 47. Histórico familiar dos indivíduos examinados.....	100
Figura 48. Crimes de homossexuais.....	100
Figura 49. <i>Tweet</i> Malafaia.....	111
Figura 50. <i>Tweet</i> Malafaia.....	111
Figura 51. <i>Print screen</i> de matéria online.....	113
Figura 52. <i>Tweet</i> Malafaia.....	114
Figura 53. <i>Tweet</i> Lobo.....	114
Figura 54. <i>Tweet</i> Feliciano.....	115
Figura 55. <i>Tweet</i> Feliciano.....	118
Figura 56. <i>Tweet</i> Feliciano.....	118
Figura 57. <i>Tweet</i> Feliciano.....	118
Figura 58. <i>Tweet</i> Feliciano.....	119
Figura 59. <i>Tweet</i> Lobo.....	119
Figura 60. <i>Tweet</i> Malafaia.....	129
Figura 61. <i>Tweet</i> Lobo.....	129
Figura 62. <i>Tweet</i> Feliciano.....	130
Figura 63. <i>Tweet</i> Malafaia.....	131
Figura 64. <i>Tweet</i> Feliciano.....	131

SUMÁRIO

O começo será o prelúdio do fim, como em todas as coisas	12
 Parte I	
Dos descaminhos que suportamos	48
1.1 Inspirações que tornam os descaminhos suportáveis	51
1.2 De onde partem os descaminhos	60
 Parte II	
Uma Ciência sobre a diversidade	68
2.1 Uma etiologia da homossexualidade	71
2.2 Uma ficção cientificamente ensaiada	101
2.3 A <i>peste</i> gay	112
 Parte III	
Nós, as cobaias do fundamentalismo religioso	121
 Considerações finais	135
 REFERÊNCIAS	137

O começo será o prelúdio do fim, como em todas as coisas²

² Clarice Lispector (2016, p.112).

Protocolo Para Extração de Bichas e Sapatões³

O objetivo deste experimento é produzir, *in vitro*, bichas e sapatões.

Materiais:

Objetividade;
Neutralidade;
Luvas;
Olhos atentos;
Lápis afiado;
Autoconfiança de sua heterossexualidade;
Amostras: Mulheres e Homens de sexualidade duvidosa*.

*O número de amostras dependerá de sua disposição. Para homens: quanto mais desmunhecados melhor. Para mulheres: quanto mais machas melhor. A obtenção de amostras de alta pureza é fundamental.

Incubar as amostras no armário. As passivas são essencialmente sensíveis. Certifique-se de acondicioná-las corretamente.

Método:

Com objetividade, calce as luvas para evitar qualquer tipo de contaminação. Assepsia é imprescindível. Em seguida, cheque se sua heterossexualidade está bem segura e dentro do prazo de validade.

Retire as amostras do armário.

Com olhos atentos, de posse de neutralidade e um lápis afiado, você deverá anotar o que for observado.

³ Minha autoria.

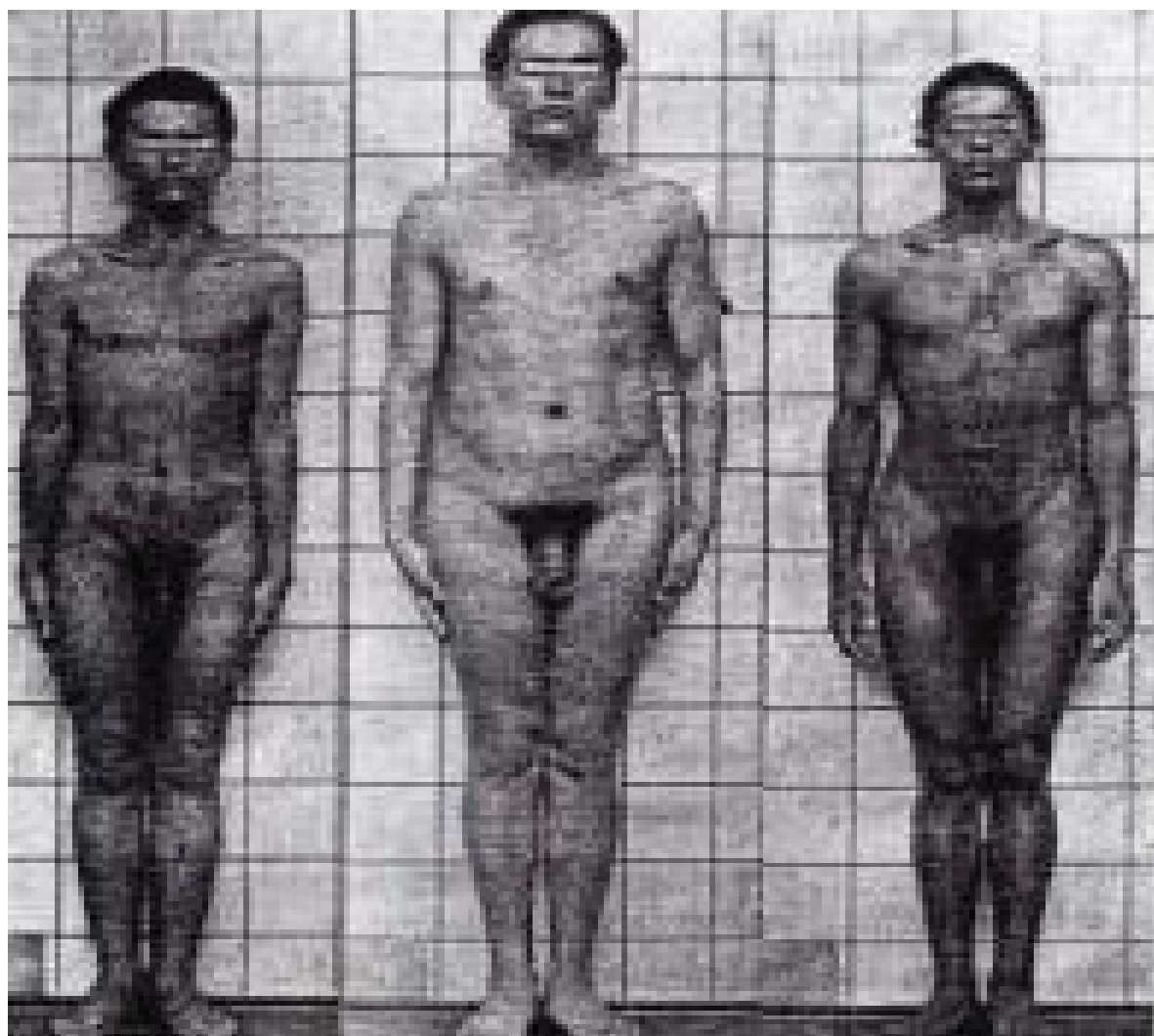


Figura 1. Estudo antropométrico de homossexuais afeminados⁴

⁴ Extraído de Leonídio Ribeiro (1932, p. 104 - apud GREEN, 2000, p. 203).

THE STUDY OF SEXUAL INVERSION.

BY DR. HAVELOCK ELLIS, OF LONDON, ENGLAND.

Westphal, an eminent professor of psychiatry at Berlin, may be said to have been the first to put the study of sexual inversion on an assured scientific basis. In 1870 he published in the *Archiv für Psychiatrie*, of which he was for many years editor, the detailed history of a young woman who, from her earliest years, was sexually inverted. She

Figura 2. Estudo da inversão sexual⁵

HOMOSEXUALITY: A BIOLOGICAL ANOMALY*

BY EDWIN G. WILLIAMS, M.D.†

LEXINGTON, KENTUCKY

Although it is probably true that, given the right conditions, any male may indulge in homosexual activities, there is a vast difference between the man who does so as a substitution for heterosexual activities and the individual who, though having the physical form of the male, has the sexual temperament of the female. (The word sexual is used in its broadest sense.)

Figura 3. Homossexualidade: uma anomalia biológica⁶

⁵ Extraído de Havelock Ellis (1894-1895, p. 148). O estudo da inversão sexual. Escrito por Havelock Ellis, de Londres, Inglaterra. "Westphal, um eminente professor de psiquiatria em Berlim, pode ter sido o primeiro a colocar o estudo da inversão sexual em bases científicas seguras. Em 1870 publicou no *Arquivo Psiquiátrico*, no qual foi editor por muitos anos, a história detalhada de uma jovem mulher que, desde muito cedo, era sexualmente invertida. Ela [...]" Tradução livre feita por mim.

⁶ Extraído de Edwin G. Williams (1944, p. 65). Homossexualidade: uma anomalia biológica. Escrito por Edwin G. Williams, Lexington, Kentucky. "Embora seja verdade que, dadas certas condições, qualquer homem possa praticar atividades homossexuais, há uma grande diferença entre o homem que as faz como substituição para as atividades heterossexuais e o indivíduo que, apesar de ter a forma física do homem, tem o temperamento sexual da mulher. (A palavra sexual é usada em seu amplo sentido.)" Tradução livre feita por mim.

Biological aspects of homosexuality

Malcolm MacCulloch *Park Lane Hospital, Maghull, Liverpool*

Editor's note

This paper is another of those prepared for a London Medical Group symposium on homosexuality held in October 1979. Dr MacCulloch describes a clinical trial conducted on 73 patients, 30 of whom were selected. Early calculations at the end of the trial confirmed an impression that there were two categories of homosexuals — primary and secondary — the former being those who reported that they had never shown any heterosexual interest. A case history of identical twins is highlighted in the control trial between two kinds of aversion therapy and psychotherapy.

Table 1 *The association between homosexual type (primary and secondary) and success at latest follow up in response to avoidance learning. Series and trial patients are combined*

	Primary	Secondary	Total
Success	5	36	41
Failure	12	10	22
Total	17	46	63

$$\chi^2 = 12.21$$

$$p = < 0.001$$

because he was finding the strain of maintaining a

Figura 4. Aspectos biológicos da homossexualidade⁷

2-6 Sexta-feira, 30 de agosto de 1991 mundo FOLHA DE S. PAULO

AGORA VOCÊ PODE FAZER UM GRANDE INVESTIMENTO DESTE TAMANHO



Arqueólogos encontram oito novas vítimas em Pompéia
Das Agências Internacionais

Quimioterapia reduz risco de surgir câncer após cirurgia
Da "Reuter"

Cientista detecta diferença em cérebro de homossexual

Simon LeVay, do Instituto Salk (EUA), localizou a diferença no hipotálamo

Da Reportagem Local

CIÊNCIA

O neurocientista Simon LeVay, do Instituto Salk de Estudos Biológicos (San Diego, EUA), assina na edição de hoje da revista "Science" artigo sobre diferenças anatômicas nos cérebros de homossexuais masculinos que deve provocar polêmica. Ele mostrou que grupos de células da região do sistema nervoso responsável pelo comportamento sexual, em homossexuais, têm tamanho semelhante aos de mulheres.

LeVay investigava áreas cerebrais de processamento visual. A pesquisa sobre a diferença sexual começou depois de notar que grupos de neurônios na parte anterior do hipotálamo (leia box) eram maiores nos homens do que

ONDE FICA A REGIÃO ESTUDADA



rossexuais. A pesquisa de LeVay mostrou que elas existem exatamente nas regiões responsáveis

vas, até que se estudem homossexuais mortos por outras causas. Outros estudos feitos, da mesma

Região regula

O hipotálamo é a região do sistema nervoso que participa do controle da alimentação, agressividade e comportamento sexual, entre outros. Os neurônios estudados por LeVay ficam na parte anterior dessa estrutura.

Figura 5. Print screen de matéria de jornal⁸

⁷ Extraído de Malcolm MacCulloch (1980, p. 133). Aspectos biológicos da homossexualidade. Escrito por Malcolm MacCulloch, Hospital Park Lane, Maghull, Liverpool. "Este artigo é outro daqueles preparados para um simpósio do Grupo Médico Londrino sobre homossexualidade realizado em outubro de 1979. Dr. MacCulloch descreve um ensaio clínico conduzido em 73 pacientes, dos quais 30 foram selecionados. Cálculos iniciais ao final do ensaio confirmaram a impressão de que há duas categorias de homossexuais - primária e secundária - os primeiros são os que relataram que nunca tiveram interesse heterossexual. Um relato de caso de gêmeos idênticos é destacado no ensaio controle entre dois tipos de terapia de aversão e psicoterapia." Tradução livre feita por mim.

⁸ Extraído de **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 30 de ago. 1991, Mundo, p.26.

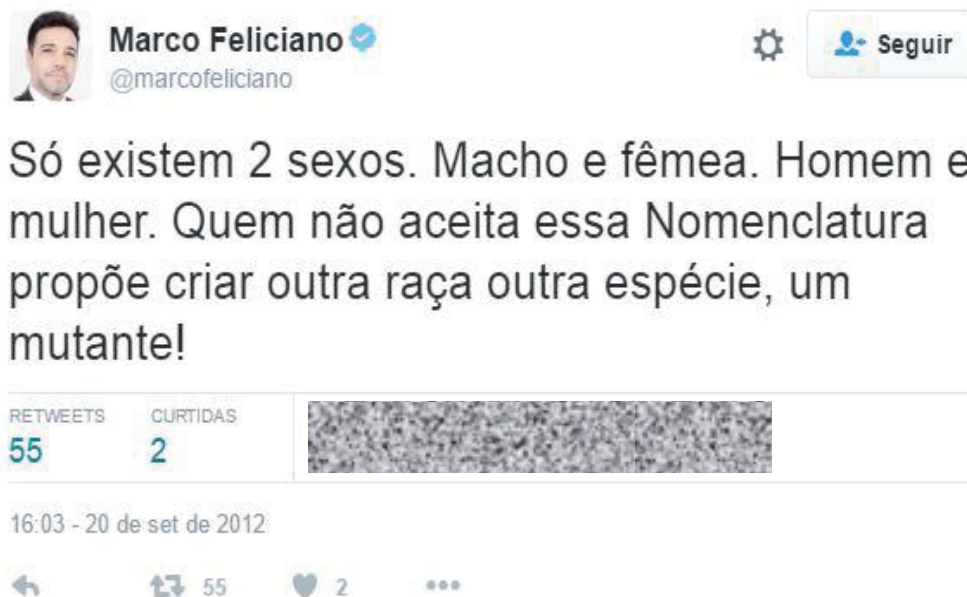


Figura 6. Tweet Feliciano⁹

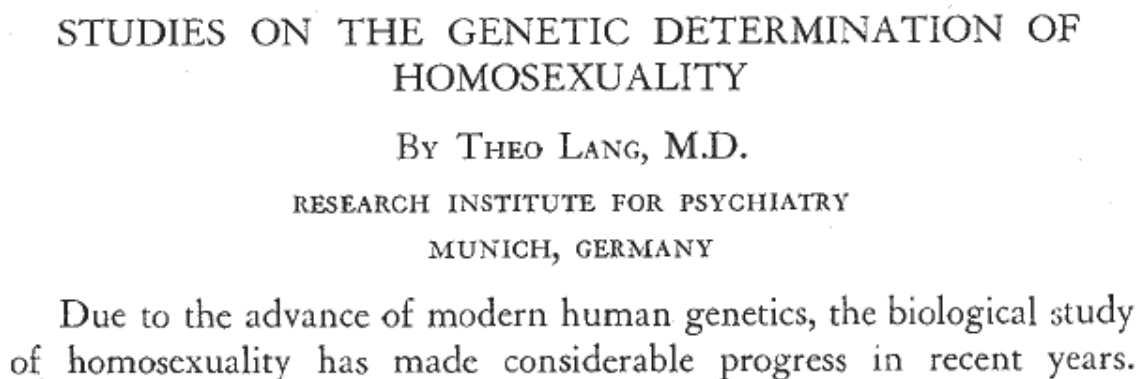


Figura 7. Determinação genética da homossexualidade¹⁰

⁹Extraído de FELICIANO, Marco. @marcofeliciano. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹⁰ Extraído de Theo Lang (1940, p.55). Estudos sobre a determinação genética da homossexualidade. Escrito por Theo Lang, Instituto de Pesquisa para Psiquiatria, Munique, Alemanha. "Devido ao avanço da genética humana moderna, o estudo biológico da homossexualidade tem feito considerável progresso recentemente." Tradução livre feita por mim.



Figura 8. Cromossomos de uma homossexual¹¹

¹¹ Metáfase obtida a partir de meus leucócitos. Imagem capturada por mim.



18/11/2014 06h00 - Atualizado em 18/11/2014 06h00

Homossexualidade masculina pode estar ligada à genética, sugere estudo

Pesquisa americana avaliou DNA de 800 irmãos homossexuais. Cientistas afirmam, porém, que resultados ainda não são conclusivos.

Figura 9. *Print screen* em matéria online¹²



Homossexualismo tem como causas genética e influência da testosterona

Para cientistas dos Estados Unidos, orientações sexuais se devem a fatores genéticos, mas também ambientais, ainda durante a gravidez

Figura 10. *Print screen* em matéria online¹³

¹² Extraído de <<http://twixar.me/mQk>>. Acesso em 20 out. 2016.

¹³ Extraído de <<http://twixar.me/GQk>>. Acesso em 20 out. 2016.

Figura 11. Tweet Malafaia¹⁴Figura 12. Tweet Malafaia¹⁵

¹⁴Extraído de MALAFAIA, Silas. @PastorMalafaia. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@PastorMalafaia>>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹⁵Extraído de MALAFAIA, Silas. @PastorMalafaia. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@PastorMalafaia>>. Acesso em: 22 out. 2016.

É A PIOR E MAIS TERRÍVEL DOENÇA DO
SÉCULO - DOIS BRASILEIROS MORTOS

PESTE-GAY

JÁ APAVORA

SÃO PAULO

Figura 13. *Print screen* de matéria de jornal¹⁶

¹⁶ Extraído de **Notícias Populares**. São Paulo, 12 de jun. 1983.



Figura 16. Tweet Feliciano¹⁹

¹⁹Extraído de FELICIANO, Marco. @marcofeliciano. Não paginado. Disponível em: <http://twitter.com/@marcofeliciano>. Acesso em: 22 out. 2016.

Vírus da Aids em travestis ameaça os heterossexuais

LUCIANO MARTINS COSTA

Editor executivo de Cidades

Melade das travestis que se prostituem nas ruas de São Paulo estão contaminados com o vírus HTLV-3, que provoca a Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (Aids). A constatação foi feita pelo infectologista Celso Armando Mazza, 39, da Clínica de Doenças Infecciosas e Parasitárias do Hospital das Clínicas, que entre novembro de 1985 e junho deste ano colheu e analisou amostras de sangue de 64 travestis para uma tese de mestrado.

Mazza não considera terminado seu trabalho, mas pelas informações que reuniu sente-se autorizado a prever um aumento considerável na incidência do mal nos próximos meses. O estudo, baseado principalmente nas análises sanguíneas e em entrevistas individuais com travestis hospedadas em duas habitações coletivas da cidade, conclui com a observação de que o grupo pesquisado representa "alto risco de contágio para a população de São Paulo".

Segundo os dados fornecidos pelos entrevistados, cada travesti relaciona-se sexualmente com 27 homens, em média, por semana, o que daria, na amostra de 64 indivíduos pesquisada por Mazza, cerca de 92 mil intercursos sexuais num período de um ano. Considerando que 33 dos exames de sangue realizados apresentaram resultado positivo, indi-

catado somente nos casos definidos como de Aids a partir de uma sintomatologia completa. De 20 a 30% dos casos são classificados como de Aids infantojuvenil, de notificação não compulsória, e muitos outros casos em que não se desenvolve a forma aguda da síndrome também ficam fora do controle sanitário.

"Estudos de pequenos grupos em São Paulo indicam que de 20 a 60% dos homossexuais masculinos estariam contaminados", diz Mazza. "Isto amplia o universo das relações suspeitas, levando-se em conta a atitude inconsequente dos líderes de movimentos homossexuais e agrava a circunstância epidemiológica que vivemos".

Popularizar o teste

Mazza acha que os órgãos responsáveis pelo combate à síndrome devem ter ação mais efetiva: "A Saúde Pública precisa intervir, é preciso desestimular a prostituição homossexual masculina, colocar sob controle as casas de sauna que promovem relações sexuais coletivas e, principalmente, popularizar o teste que permite detectar a presença do vírus no sangue".

Na opinião de Mazza, o exame deve ser colocado à disposição da população a preço acessível. "A pessoa pagaria de cem a 150 cruzados para fazer o exame e, ao apanhar o resultado, teria um contato com um médico qualificado, como se faz com as vacinas".



Morador da "Casa das Bruxas" (centro de São Paulo), o travesti "Antônio", de 20 anos, prepara-se para uma noite de trabalho, ignorando o resultado dos testes sanguíneos.

Figura 17. Print screen em matéria de jornal²⁰

THE LONGEVITY OF HOMOSEXUALS: BEFORE AND AFTER THE AIDS EPIDEMIC

PAUL CAMERON, PH.D.

WILLIAM L. PLAYFAIR, M.D.

STEPHEN WELLUM, B.A.

Family Research Institute, Inc., Washington, D.C.

Figura 18. A longevidade homossexual²¹

²⁰ Extraído de. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 7 de dez. 1986, Cidades, p. A32.

²¹ Extraído de Paul Cameron et al. (1994). "A longevidade de homossexuais: antes e depois da epidemia da aids". Tradução livre feita por mim.

Figura 19. Tweet Feliciano²²Figura 20. Tweet Feliciano²³

²²Extraído de FELICIANO, Marco. @marcofeliciano. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

²³Extraído de FELICIANO, Marco. @marcofeliciano. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

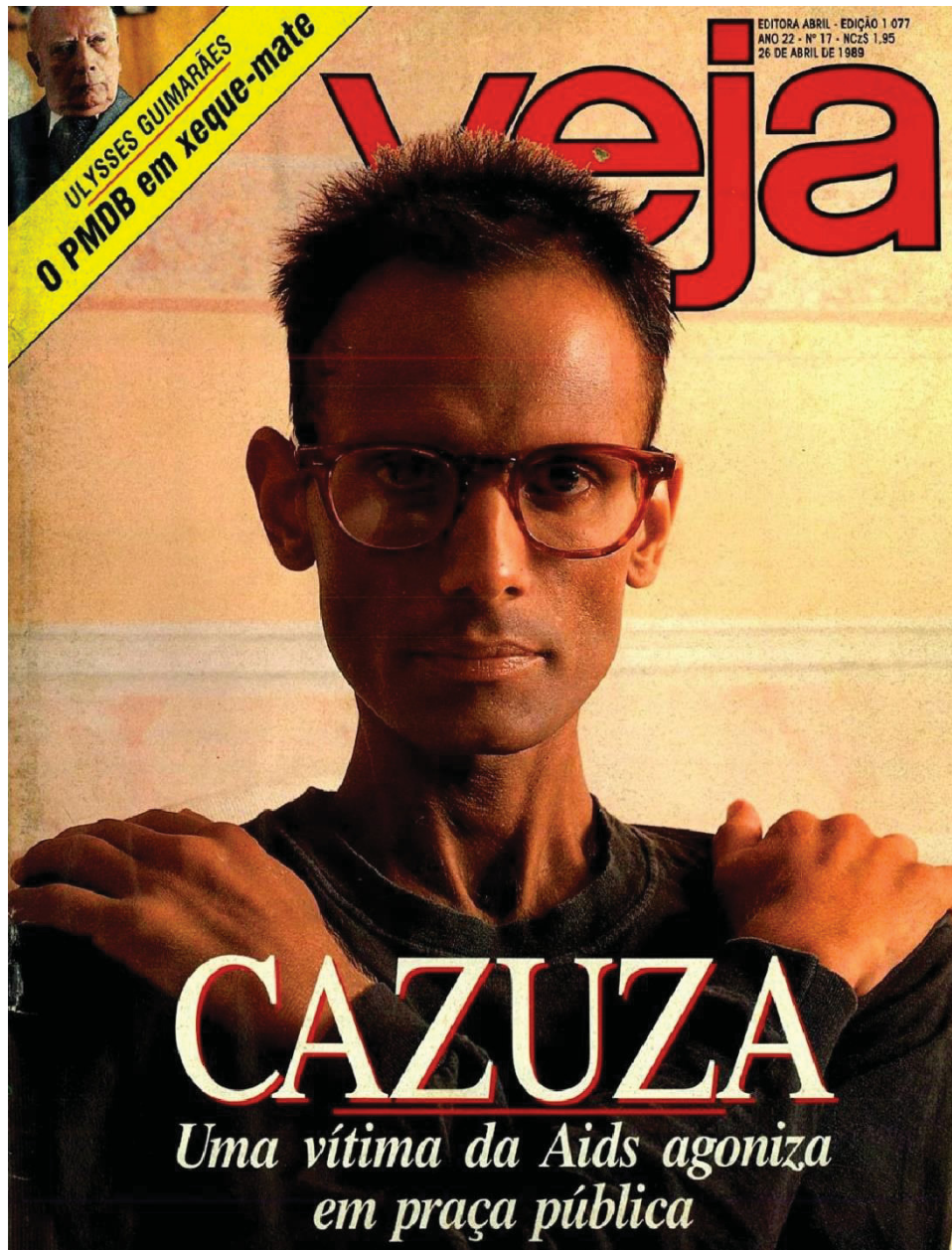


Figura 21. Print screen em capa de revista²⁴

²⁴ Extraído de VEJA. São Paulo: Editora Abril, n.17, ed. 1077, ano 22, 26 abr. 1989.

Levítico 18: 22

Com varão não te deitarás, como se fosse mulher, abominação é.²⁵

Levítico 20:13

Quando também um homem se deitar com outro homem, como com mulher; ambos fizeram abominação; certamente morrerão; fizeram confusão; o seu sangue é sobre eles.²⁶

I Coríntios 6:10

Não erreis: nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados, nem os sodomitas, nem os ladrões, nem os avaros, nem os bêbados, nem os maldizentes, nem os roubadores herdarão o reino de Deus.²⁷

²⁵ LEVÍTICO. In: A Bíblia de promessas. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira King's Cross Publicações, 2004. Cap. 18, vers. 22, p. 105.

²⁶ LEVÍTICO. In: A Bíblia de promessas. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira King's Cross Publicações, 2004. Cap. 20, vers. 13, p. 106.

²⁷ CORÍNTIOS. In: A Bíblia de promessas. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira King's Cross Publicações, 2004. Cap. 6, vers. 10, p. 105.

Figura 22. Tweet Lobo²⁸Figura 23. Tweet Malafaia²⁹

²⁸Extraído de LOBO, Marisa. **@marisa_lobo**. Não paginado. Disponível em: <http://twitter.com/@marisa_lobo>. Acesso em 22. out. 2016.

²⁹Extraído de MALAFAIA, Silas. **@PastorMalafaia**. Não paginado. Disponível em:<<http://twitter.com/@PastorMalafaia>>. Acesso em:22 out. 2016.



Figura 24. Tweet Malafaia³⁰



Figura 25. Tweet Feliciano³¹

³⁰Extraído de MALAFAIA, Silas. **@PastorMalafaia**. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@PastorMalafaia>>. Acesso em: 22 out. 2016.

³¹Extraído de FELICIANO, Marco. **@marcofeliciano**. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

Can Some Gay Men and Lesbians Change Their Sexual Orientation? 200 Participants Reporting a Change from Homosexual to Heterosexual Orientation¹

Robert L. Spitzer, M.D.^{2,3,4}

Figura 26. Mudança de orientação sexual³²



Figura 27. Print screen em matéria de jornal³³

³² Extraído de Robert L. Spitzer (2003). "Alguns gays e lésbicas podem mudar sua orientação sexual? 200 participantes relatam uma mudança de orientação homossexual para heterossexual." Tradução livre feita por mim.

³³ Extraído de **O globo**. Rio de Janeiro, 13 fev. 1987.

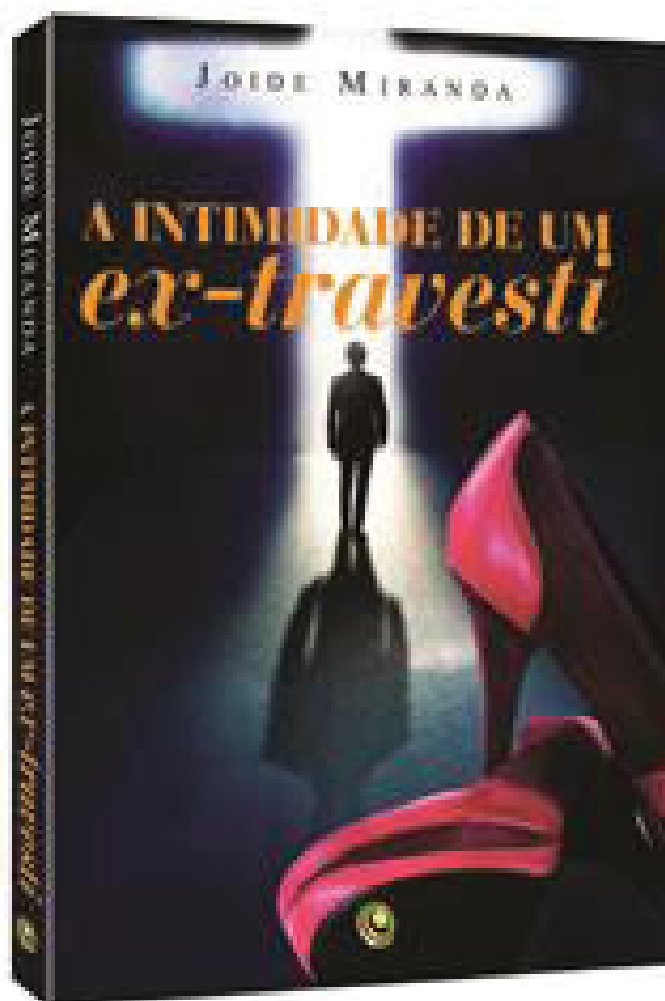


Figura 28. Ex-travesti³⁴

³⁴ Extraído de MIRANDA, Joide. **A intimidade de um ex-travesti**. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2003.

SEPTAL STIMULATION FOR THE INITIATION OF HETEROSEXUAL BEHAVIOR IN A HOMOSEXUAL MALE*

CHARLES E. MOAN and ROBERT G. HEATH

Department of Psychiatry and Neurology, Tulane University School of Medicine

Summary—A 24-year-old male, overt homosexual, repeatedly hospitalized for chronic suicidal depression and found to have temporal lobe epilepsy, underwent a program of septal stimulation which resulted in subjectively reported and behaviorally observed states of pleasure, euphoria, relaxation, confidence, and sexual motivation. These responses were subsequently used to initiate heterosexual arousal and behavior. The findings have important implications for the treatment of some psychological disorders.

Figura 29. Indução de comportamento heterossexual em um homem homossexual³⁵

HOMOSEXUALITY AND LESBIANISM TREATED WITH METRAZOL

PRELIMINARY REPORT

BY NEWDIGATE M. OWENSBY, M.D.

ATLANTA, GEORGIA

This communication does not concern itself with theories or postulates about homosexuality and lesbianism other than to remark that our investigations were based on the assumption that homosexuality and lesbianism are symptoms of an under developed schizophrenia which

Figura 30. Homossexualidade e "Lesbianismo" tratados com Metrazol³⁶

³⁵Extraído de Charles E. Moan e Robert G. Heath (1972, p.23). Estimulação septal para a iniciação do comportamento heterossexual em um homem homossexual. Escrito por Moan e Heath. Departamento de psiquiatria e neurologia, Escola de Medicina da Universidade Tulane. "Resumo. Um homem de 24 anos de idade, homossexual declarado, hospitalizado repetidamente por depressão suicida crônica e encontrado com epilepsia do lobo temporal, foi submetido a um programa de estimulação septal que, subjetivamente relatado e comportamentalmente observado, resultou em estados de euforia, prazer, relaxamento, confiança e motivação sexual. Essas respostas foram posteriormente utilizadas para iniciar a excitação e o comportamento heterossexual. Esses achados têm importantes implicações para o tratamento de algumas desordens psicológicas." Tradução livre feita por mim.

³⁶ Extraído de Newdigate Owensby (1940, p.65). Homossexualidade e lesbianismo tratados com metrazol. Escrito por Newdigate M. Owensby. Atlanta, Georgia. "Esta comunicação não se preocupa com teorias ou postulados sobre homossexualidade e lesbianismo, além de observar que nossas investigações foram baseadas no pressuposto de que homossexualidade e lesbianismo são sintomas de uma esquizofrenia pouco desenvolvida que [...]". Tradução livre feita por mim.

Caso I: Um homem branco de 19 anos foi preso e sentenciado à prisão por depravação moral (homossexualidade). Foi liberado para tratamento e seria absolvido se sua perversão fosse corrigida. O histórico familiar não foi esclarecedor. Experiências homossexuais começaram durante seus quatorze anos e continuaram depois disso. Maneirismos femininos eram evidentes. Metrazol foi administrado até que quinze choques foram produzidos. Todos os desejos homossexuais desapareceram após o nono choque, mas o tratamento continuou até que todos os maneirismos femininos fossem removidos. Relações sexuais normais foram estabelecidas e dezoito meses depois não houve recaída às tendências homossexuais. Foi-lhe concedida a absolvição. (OWENSBY, 1940, p.65, tradução livre feita por mim)³⁷

³⁷ Do original: "Case I. – A White male of 19 years had been arrested and sentenced to prison because of moral turpitude (homosexuality). He was paroled for treatment and promised a pardon if his perversion was corrected. The family history was not enlightening. Homosexual experiences began during his fourteenth year and continued thereafter. Feminine mannerisms were evident. Metrazol was administered until fifteen shocks were produced. All homosexual desires had disappeared after the ninth shock, but treatment was continued until all feminine mannerisms had been removed. Normal sex relations were established and eighteen months later there had been no return of homosexual tendencies. He was granted a pardon."

Esta dissertação emerge de um profundo incômodo com as práticas biologicistas que, privilegiadas nos processos de constituição discursiva dos corpos, dos gêneros e das sexualidades, relegam a diferença ao âmbito do excêntrico, do bizarro e do evitável. Refiro-me a noções particulares de entender essas categorias, os discursos que fazem de um corpo algo mutilado em células, órgãos e sistemas; que nos dizem: anatomia é o destino. Que nos ensinam que há uma lógica natural e coerente entre sexo, gênero e desejo e que há um corpo universal: branco, masculino, cisgênero³⁸ e heterossexual.

Corpo que não é meu, tampouco seu.

Escrevo na perspectiva de alguém³⁹ que sai da bancada de um laboratório de genética humana e se embrenha no terreno das humanidades. Que, a partir das leituras foucaultianas e dos Estudos de Gênero de vertente Pós-estruturalista, aprendeu a estranhar a própria formação: como versar sobre esse corpo “universal” que deflagra processos históricos de violência aos corpos ditos não-universais, e que expõe uma incoerência até mesmo para com essa voz que vos fala? Parece-me que colocar a Biologia sob suspeita pode, afinal, (re)significar os modos de existência daquelas vidas assim descritas e conformadas pela fisiologia, pela genética e, talvez, pela evolução. Pode, é certo, nos fazer (re)pensar as formas pelas quais

³⁸ Um corpo dito cisgênero diz respeito às pessoas cujo gênero é considerado coerente e inteligível com o sexo-gênero que lhes foi designado e imposto a partir do sistema sexo cromossômico-gênero. Além disso, o uso do prefixo “cis” deflagra a ficcionalidade dessa suposta coerência. Deste modo, o uso do prefixo “cis” neste texto intenta demarcar essa condição política. Mais informações em Simakawa (2015).

³⁹ Ao longo do texto opto em usar uma linguagem que tenta não demarcar, mesmo correndo o risco de escorregar nesse objetivo, o gênero do discurso masculino ou feminino. Faço isso por alguns motivos. Primeiro: pode ser interessante se pensarmos que a flexão de gênero “o/a” além de manter o binarismo de gênero, mantém a hierarquia homem/mulher e, consequentemente, o segundo termo marcado em relação ao primeiro que permanece não problematizado; de modo semelhante, a flexão “a/o” incorre no risco de fixar o binarismo mulher e homem. Segundo: o artigo feminino “a” seria usado como opção política e como uma provocação, no sentido de significar a figura que permanece apagada na escrita dita científica, que privilegia um referencial calcado na figura masculina. No entanto, tal alternativa se tornou inviável ao longo do texto. Quando precisei falar sobre as personalidades fundamentalistas religiosas Marco Feliciano e Silas Malafaia, por exemplo, o uso do artigo feminino poderia gerar entendimentos contrários ao que gostaria de expressar com esta pesquisa, tais como a ideia de uma sátira de cunho sexista, machista e misógino. Ademais, seria completamente contrário aos pressupostos dos Estudos de Gênero que dão suporte a esta pesquisa. Ressalto que, em alguns momentos, usarei o artigo masculino “o” quando precisar me referir especificamente ao Marco Feliciano e ao Silas Malafaia, bem como aos homens que escreveram os documentos que analiso na segunda parte desta dissertação e, consequentemente, aos homens que foram examinados nestes estudos. De modo semelhante, será necessário usar o artigo feminino “a” quando intento mencionar especificidades às mulheres que foram examinadas nestes documentos. Respeitosamente, mantenho as citações como escritas originalmente pelo universo referencial-teórico desta dissertação, de modo que, ao longo do texto aparecerá, também, a palavra “sujeito”, pois usar palavras alternativas a ela, como “pessoa”, seria problemático se pensarmos no significado que lhe foi atribuída pelos pressupostos Pós-estruturalistas que rompem com o dito “sujeito humanista”.

vivemos nossos prazeres e, quem sabe, afrouxar as amarras que por tanto tempo nos fizeram anormais.

Nesta pesquisa, penso a (i)materialidade dos gêneros e das sexualidades dissidentes⁴⁰ que, como a minha, assim o são por terem sofrido o desvio de alguma coisa que ousa se dizer “normal”. Confirmei o que há algum tempo desconfiava: não importam as suposições machistas, sexistas, misóginas, e eugênicas ou a violência que tornaram os estudos e experimentos científicos-biológicos⁴¹ possíveis. A diferença deve ser testada por protocolos e metodologias em uma tradição de dizer e nomear cada pequeno desvio que será catalogado para embasar achados à *posteriori* e, com sorte (de quem pesquisa), exibido como troféu no *freak show* científico: anomalia, aberração, desvio, ou qualquer nome científico incompreensível.

Mas há sempre algo mais a incomodar.

⁴⁰ A expressão “gêneros e sexualidades dissidentes” se inscreve nas teorizações de Gayle Rubin (1993) e, deste modo, abarca os gêneros e as sexualidades que são moralmente proibidas e/ou estigmatizadas, que concernem não somente à gays, lésbicas, bissexuais e pessoas trans (LGBT), mas às práticas sexuais não-monogâmicas e às práticas BDSM (*Bondage*, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo), por exemplo. Embora, nesta pesquisa, esteja falando especificamente das sexualidades e gêneros LGBT, opto em usar expressões como “sexualidades e gêneros dissidentes”, “experiências sexuais e de gênero dissidentes ou não-heterossexuais”, ou “dissidências sexuais e de gênero” no intuito de problematizar as normais sexuais como um todo, e para não apostar em estratégias que apelam para a proteção e a tolerância de identidades, como têm sido usual nas subdivisões da homofobia em lesbofobia, transfobia, bifobia etc. (MISKOLCI, 2011). Contudo, há um problema no uso de alguns termos nesta pesquisa que necessita ser explicado. Nos documentos que analiso na Parte II há, sem dúvida, uma voracidade sobre os homens que se relacionam afetiva e/ou sexualmente com outros homens, no entanto, não estou convencida de que quando os documentos científicos-biológicos usam o termo “homossexuais”, estão, de fato, falando exclusivamente de experiências ditas homossexuais. Conforme será discutido na Parte II, algumas experiências parecem estar mais próximas de experiências trans. Além disso, alguns documentos falam sobre experiências lésbicas. Ao mesmo tempo, as personalidades fundamentalistas religiosas cujos enunciados estou tomando como objeto de análise, usam as expressões “ditadura gay”, “homossexualismo”, e “homossexualidade” para falar sobre qualquer dissidência sexual e de gênero. Portanto, se o ataque fundamentalista religioso é dirigido às formas de viver e expressar os gêneros e as sexualidades consideradas “não naturais” e “anormais”, não posso usar os termos “homossexual”, ou “homossexualidade”, para me referir a elas. Ademais, esses termos remontam ao universo médico, biológico, *psi* e moral do século XIX e não estou certa de que a apropriação de termos científicos usados para descrever as dissidências sexuais e, por vezes, de gênero, possa ser um meio interessante de subversão na atualidade (HALPERIN, 2007). Ressalto que os termos “homossexualidade” e “homossexual” aparecerão no texto quando precisar me referir aos documentos que analiso.

⁴¹ O uso da expressão “científicos-biológicos” parte do entendimento que as discussões desta dissertação se inscrevem, de modo geral, na incursão dos corpos e subjetividades dissidentes sexuais e de gênero nas ciências biológicas, considerando que esses saberes foram/são articulados com outros saberes, como os saberes médicos e *psi*. Sei, também, não ser possível esgotar os textos que compõem esse campo de estudos e que qualquer tentativa nesse sentido não traria uma totalidade dos fatos e, tampouco, levaria à alguma verdade absoluta. Antes, entendo que os conhecimentos científicos produzidos sobre essas dissidências estão situados em contingências históricas, políticas, econômicas etc., e imersos em disputas de saber e poder. Também é importante dizer que esta dissertação não intenta discutir uma perspectiva exclusivamente inscrita no âmbito científico das lógicas biomédica e *psi*, como uma espécie de história dessas especialidades.

Este texto também emerge da desconfiança dessas práticas na contemporaneidade, de, talvez, uma peculiaridade. O fato é que discursos científicos-biológicos têm figurado em enunciados fundamentalistas religiosos⁴², como o da Igreja Católica e, mais fortemente, das igrejas de vertente pentecostal e neopentecostal⁴³. O que tem sido dito não concerne exclusivamente ao que os ortodoxismos nos ensinaram – os gêneros e as sexualidades dissidentes como pecado, ato libidinoso que trairia a carne mais fraca. Parece haver, aqui, uma saturação dessa compreensão, não para que ela deixe de existir, mas para que tome outras formas. Agora, suscita-se o status de veracidade dos discursos científicos-biológicos: “vocês, que bradam, ‘eu nasci assim!’ deveriam pensar melhor. Afinal, não se pode mais dizer que a homossexualidade seja um destino genético. A homossexualidade deve ser algo como um comportamento, tal como o alcoolismo, o tabagismo, o uso de drogas, a vulgaridade, a vaidade – essas coisas que nos afastam Dele. Nós, através Dele, podemos lhe ajudar. Nada de exorcismos! Temos algo cientificamente comprovado para você, pobre criatura perdida em lascividade!”

Que você me perdoe pelo sarcasmo, esta escrita também anda saturada desses salvacionismos e, sem dúvida, tende às profanações. Deixe-me aproximar o “X” da questão: o que estou tentando dizer é que há certa ressonância entre o que se tem dito há tantas sobre os gêneros e as sexualidades dissidentes no meio científico e o que têm figurado, na atualidade, nos discursos religiosos fundamentalistas; em alguns pontos, esses enunciados parecem dizer a mesma coisa, parecem ter vindo do mesmo lugar. Os enunciados que abrem este texto, extraídos dos mais diferentes contextos, ilustram um breve panorama para pensarmos essa questão, e é sobre o que eles representam e instituem que gostaria de me

⁴² O fundamentalismo religioso vivenciado no Brasil é oriundo do protestantismo estadunidense de início do século XX, que preconiza a interpretação literal da Bíblia como fundamental à vida e à doutrina cristã. Em sua concepção tradicional, o fundamentalismo religioso rejeita o tempo presente a partir da mobilização das camadas tradicionais da sociedade e de seus sistemas de valores aos sistemas tradicionais. Portanto, associado à ideia de fundamentalismo religioso está a noção de regresso aos fundamentos e a rejeição daquilo que não é considerado normal ou natural (LÉON, 2017). Essa será a noção principal a ser adotada e que será aprofundada na Parte III desta dissertação.

⁴³ As igrejas pentecostais compreendem as organizações que tiveram início no reavivamento estadunidense no começo do século XX. As principais igrejas pentecostais do Brasil são: Assembleia de Deus; Congregação Cristã no Brasil; Igreja do Evangelho Quadrangular; O Brasil para Cristo; e Deus é amor. As igrejas de vertente neopentecostais surgiram depois do movimento pentecostal, como um desdobramento. As principais representantes no Brasil são: Igreja Universal do Reino de Deus; Igreja da Graça; Sara Nossa Terra; e Renascer em Cristo.

ater: o quê, ou que condições permitem pontos de continuidades e descontinuidades entre os discursos científicos-biológicos e os discursos fundamentalistas religiosos quando se posicionam sobre os gêneros e as sexualidades dissidentes na contemporaneidade?

Há mais de um século a Ciência se debruça sobre uma etiologia das dissidências sexuais e de gênero. Falta ou excesso de neurotransmissores; estresse materno que geraria filhos pouco viris ou filhas viris demais; reincidência do nascimento de filhos do mesmo sexo; saco vitelino compartilhado; um padrão de metilação diferenciado em uma região específica do cromossomo X; comportamento mantido ao longo da e-vo-lu-ção. Um suposto alívio para as pessoas mais aflitas, que as livrariam de uma carga de violência física, emocional e simbólica pelo viés da naturalização parece ter perdido um pouco de seu brilho no meio científico nas últimas décadas. Agora é a vez de supor que as interações gênicas trabalham com a influência do ambiente, e esta última correria o risco de prevalecer às predeterminações biológicas. O que, então, justificaria esses “desvios da natureza”?

Perguntar pelas origens é sempre perigoso, e elas não importam aqui. Afinal, quando o assunto concerne às bases biológicas da sexualidade, quando se determina o quê procurar e a origem daquilo que se procura, a ideia de um desvio da normalidade já está estabelecida. Em outras palavras, se há uma base fisiológica, genética, ou comportamental específica para as sexualidades dissidentes, por exemplo, assim o seria para qualquer outra expressão afetivo e/ou sexual do desejo. Deste modo, o que as tornam passíveis de investigações e de experimentos, ao passo em que a heterossexualidade goza de seu *status* e parâmetro de normalidade? Se apostássemos em uma Ciência isenta de atravessamentos biopolíticos⁴⁴, talvez o problema não residisse no dado biológico puro e simples (mesmo sabendo que o “puro” está mais próximo de aguarrás), a questão é que são discursos que, para além de uma etiologia, estiveram a serviço dos imperativos de uma moral que não cansou de perseguir, especificar e normalizar as dissidências que produziu (FOUCAULT, 2015).

É sobre isso que gostaria de falar, dos problemas que são suscitados quando falamos dos gêneros e das sexualidades dissidentes em consonância com os discursos científicos-

⁴⁴ Conceito foucaultiano que designa a maneira pela qual “o poder tende a se transformar, entre o fim do século XVIII e o começo do século XIX, a fim de governar não somente os indivíduos por meio de um certo número de procedimentos disciplinares, mas o conjunto dos viventes constituídos em população: a biopolítica – por meio dos biopoderes locais – se ocupará, portanto, da gestão da saúde, da higiene, da alimentação, da sexualidade, da natalidade etc., na medida em que elas se tornam preocupações políticas.” (REVEL, 2005, p.26). O conceito de biopolítica será ampliado ao longo do texto.

biológicos. Se existem estudos e artigos que se propunham a analisá-las, não podemos olhar se não com desconfiança para a mistura de informações que se intentam bem fundadas (especificamente a história de posturas científicas diante das dissidências sexuais), ou para uma suposta benfeitoria ou livramento de ideais moralistas que encontramos em alguns escritos⁴⁵ (LOWY, 2000), afinal, persistem nesses estudos noções patologizantes que evidenciam uma vontade de verdade sobre o sexo que não se cansa de descobrir e (re)inventar essas dissidências. Pelo menos desde a segunda metade do século XIX os saberes científicos-biológicos produzem noções a respeito das dissidências sexuais e de gênero, quer sejam: um destino genético; uma doença; um desvio comportamental – isso para abranger noções principais que foram produzidas pelas diversas áreas desses conhecimentos, como a genética, a endocrinologia, a neurologia etc. Mais válido seria questionar a potência em seus efeitos discursivos: o que podem essas pesquisas? A noção de que a homossexualidade, por exemplo, seria um desvio comportamental abriu precedentes para terapias de reorientação sexual que dizem “curá-la”⁴⁶, incendiadas no Brasil, recentemente, por representantes das igrejas pentecostais e neopentecostais, que aglutinam a essas discursividades elementos de discursos religiosos que operam nessa mesma lógica, como o exemplo de dois *tweets*⁴⁷ do pastor Silas Malafaia (Figuras 31 e 32):

⁴⁵ Refiro-me ao despropósito criado em torno da ideia de que os saberes biológicos, médicos e *psi* nos salvariam das moralidades religiosas, incluindo a noção de que seria necessário inscrever os gêneros e as sexualidades dissidentes na ordem do discurso científico para que elas deixassem de ser consideradas pecado ou mesmo serem estigmatizadas. Deste modo, é comum encontrar a incorporação de um papel redentor ou reabilitador das “feridas sociais” nos discursos científicos-biológicos.

⁴⁶ As terapias de reorientação sexual, também conhecidas como “terapias de conversão”, “terapias reparadoras da homossexualidade”, ou “cura gay” funcionam como intervenções para viabilizar a mudança de orientação sexual de não-heterossexual para heterossexual. No Brasil, a “cura gay” foi polemizada no campo social em 2011, quando o deputado federal e pastor da Assembleia de Deus, João Campos (na época PSDB/GO), propôs um Projeto de Decreto Legislativo (PDC 234/11) que propunha suprimir a resolução 001/99 do Conselho Federal de Psicologia que, em linhas gerais, proibia profissionais de praticar tais terapias, entretanto, o projeto foi arquivado em 2013. Recentemente, o deputado e pastor da Associação Missionária Vida Nova, Ezequiel Teixeira (PTN/RJ), propôs o Projeto de Lei PL 4931/2016, de cunho semelhante à proposta de João Campos. As terapias de reorientação sexual serão abordadas nas Partes II e III desta dissertação.

⁴⁷ *Tweets* são textos de até 280 caracteres vinculados ao *Twitter*, uma rede social e um servidor para *microblogging*, que permite às pessoas enviar e receber atualizações pessoais de outras pessoas, por meio do website do serviço, por SMS e por *softwares* específicos de gerenciamento.



Figura 31. *Tweet Malafaia*⁴⁸



Figura 32. *Tweet Malafaia*⁴⁹

No contexto das mídias sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*, sob a égide da “liberdade de expressão”, quero apostar que os discursos científicos-biológicos têm sido apropriados a fim de incitar moralmente o ódio e a violência contra as dissidências sexuais e de gênero, ou seja, uma incitação que age pelo medo, estigma, aversão e proibição às práticas afetivo e/ou sexuais e às performatividades de gênero que possam perturbar a ordem “natural” dos sexos e dos gêneros, além da ordem social, ética e moral da sociedade (FONE, 2000). É possível que

⁴⁸Extraído de MALAFAIA, Silas. **@PastorMalafaia**. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@PastorMalafaia>>. Acesso em: 22 out. 2016.

⁴⁹Extraído de MALAFAIA, Silas. **@PastorMalafaia**. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@PastorMalafaia>>. Acesso em: 22 out. 2016.

se diga que não há nada nos enunciados fundamentalistas religiosos que possa ser considerado explicitamente discriminatório, até mesmo porque esses enunciados são ativamente presentificados em cenários de regulação social como o Senado ou a Câmara de Deputados sem que nada aconteça a quem os profira. Nesse sentido, o relatório anual de assassinatos LGBT divulgado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB)⁵⁰, referente ao ano de 2016, é elucidativo:

343 LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais) foram assassinados no Brasil em 2016. Nunca na história desse país registraram-se tantas mortes, nos 37 anos que o Grupo Gay da Bahia (GGB) coleta e divulga tais homicídios. A cada 25 horas um LGBT é barbaramente assassinado vítima da LGBTfobia, o que faz do Brasil o campeão mundial de crimes contra as minorias sexuais [...]. (GGB, 2016, p. 1)

Outros relatórios indicam caráter semelhante, como os da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR)⁵¹, publicado em 2013, que contabilizou 310 homicídios e 9.982 violações de direitos humanos motivados pela homofobia, bem como o relatório da *International Transgender Europe* (TGEU)⁵², que afirma que o Brasil é o país em que mais ocorrem assassinatos de pessoas trans no mundo, sendo que de um total de 325 casos de assassinatos de pessoas trans entre outubro de 2016 e setembro de 2017, 171 casos ocorreram no Brasil.

Ainda que não seja o intuito estabelecer efeitos de causa e consequência, considero que essas discursividades possam ser importantes disparadoras das violências simbólicas e físicas às quais essas dissidências estão submetidas. Em outras palavras, quero afastar a ideia de que as personalidades fundamentalistas religiosas sejam as fontes de produção desses discursos (BUTLER, 1997) e posicioná-las como parte de uma rede discursiva da qual emerge o fenômeno fundamentalista. As estratégias discursivas usadas pelo fundamentalismo religioso não abrem espaço para dúvida: tratam-se de violências que intentam a aniquilação daquilo que expõe a insustentável fragilidade com que a heteronormatividade se mantém. Não nos esqueçamos que por pressões da Frente Parlamentar Evangélica, vivencia-se um cerceamento das políticas públicas de saúde, educação e de direitos civis, além do

⁵⁰ O relatório do GGB pode ser acessado em: <<https://goo.gl/6XGLlj>>. Acesso em dez. 2017.

⁵¹ O relatório da SDR/PR pode ser acessado em: <<https://goo.gl/9k3Ghs>>. Acesso em dez. 2017.

⁵² O relatório da TGEU pode ser acessado em: <<https://goo.gl/74Hb1v>>. Acesso em dez. 2017.

enfraquecimento de estratégias de combate às violências contra as dissidências sexuais e de gênero.

As estratégias usadas pelo fundamentalismo religioso são polimorfas, e o intuito desta pesquisa é pensar essa espécie de simbiose entre os discursos científicos-biológicos e religiosos fundamentalistas. É desse imbricamento que personalidades fundamentalistas religiosas como o pastor Silas Malafaia, o pastor e deputado Marco Feliciano⁵³ e a psicóloga Marisa Lobo têm mobilizado uma grande massa de pessoas que as seguem e causado alvoroço nas mídias sociais a partir de polêmicas que ameaçam a existência das dissidências sexuais e de gênero. Em outras palavras, o que se têm feito é o que poderíamos talvez chamar de uma “performatividade política” que tem, na polêmica, a incitação/excitação moral de sua força. O pastor Silas Malafaia, por exemplo, recebeu grande destaque na mídia⁵⁴ ao defender a ideia de que “ninguém nasce gay”, citando artigos científicos-biológicos. Longe de estar se posicionando contra determinismos biológicos, a negação que o pastor defende está mais próxima de estudos deterministas que receberam notoriedade no início do século XX, como os estudos que diziam ser a homossexualidade uma doença congênita resultante de alguma anormalidade genética e que poderia estar associada a problemas mentais familiares (NAPHY, 2006) que, inclusive, abririam espaço para as práticas eugenistas de castração, as terapias hormonais, os transplantes testiculares etc., quando estudos que pautavam uma etiologia endocrinológica para a homossexualidade entraram em voga (GREEN, 2000).

No contexto em que proponho as discussões, parece haver um movimento que consiste na apropriação dos discursos genéticos para, em seguida, negá-los em prol de pressupostos que posicionam os gêneros e as sexualidades dissidentes como um desvio comportamental. É nesse ponto que gostaria de ampliar a discussão, no sentido de que pensar uma cura para essas dissidências significa negar que elas não são exatamente inatas. Nessa prerrogativa, as personalidades fundamentalistas religiosas expõem as falhas científico-deterministas, explorando-as a fim de legitimar a suposição de que elas são desvios comportamentais que podem ser curados. Não há uma preocupação com os conteúdos, ou

⁵³ PSC-SP de 2011-2015 e 2015-2019.

⁵⁴ Referência à entrevista de Silas Malafaia com Marília Gabriela. Disponível em:< <https://goo.gl/fvZcfH>>. Acesso em mar. 2017.

mesmo com sua coerência. O que está em jogo é a disputa hegemônica do discurso e da vontade de verdade e poder.

Articulados a essa estratégia, artigos científicos estão sendo suscitados para validar as terapias de reorientação sexual, como a pesquisa de Robert L. Spitzer⁵⁵, publicada em 2003, chamada *Can Some Gay Men and Lesbians Change Their Sexual Orientation? 200 Participants Reporting a Change from Homosexual to Heterosexual Orientation*⁵⁶, realizada com 200 participantes que haviam passado por processos terapêuticos de reorientação sexual. Nesse estudo, conclui-se que grande parte das pessoas que participaram da pesquisa mudaram sua orientação sexual, de homossexuais para heterossexuais. No entanto, a maior “sensação” deste artigo advém do fato de que Spitzer presidiu a comissão que elaborou a revisão da terceira edição do DSM (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*⁵⁷), publicada em 1987 - marcada pela retirada de comentários ou critérios diagnósticos acerca da homossexualidade⁵⁸.

A narrativa se torna mais problemática ao passo em que, além de artigos científicos, o fundamentalismo religioso se apropria, seletivamente, de teorias psicologizantes que justificariam os gêneros e sexualidades dissidentes, como o abuso sexual na infância, mães dominadoras e pais ausentes, etc. Em relação a uma concepção essencialista:

[...] o homossexual é portador de sintomas de uma psique enferma. Homossexuais são dados à depressão e ao suicídio, são instáveis, inseguros e imaturos. Enfatiza-se uma representação patologizada das práticas homossexuais, articulada em torno das concepções de vício, compulsão e transtornos mentais. (NATIVIDADE, 2006, p. 119)

⁵⁵ Ao longo do texto opto em escrever o nome completo de referenciais na primeira vez em que aparecem para marcar suas dimensões de gênero. A partir daí, apenas seus sobrenomes serão escritos. Neste caso, Robert L. Spitzer aparecerá ao longo do texto como Spitzer. No caso em que estiverem citadas entre parênteses, seus nomes completos estarão indicados na lista de referências ao final da dissertação.

⁵⁶ O título do estudo pode ser traduzido por *Alguns gays e lésbicas podem mudar sua orientação sexual? 200 participantes relatam uma mudança de orientação homossexual para a heterossexual*.

⁵⁷ No Brasil, recebe o nome de *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*.

⁵⁸ É válido lembrar que nessa mesma edição do DSM, houve a entrada do diagnóstico “Transtorno da identidade de gênero na infância”, numerado como 302.60. Além disso, a retirada da homossexualidade do DSM é discutível. Para essa discussão, ver Pestana (2015).

Além dessas noções, as justificativas de reorientação sexual englobam relações de doença e causalidade, como o caso da transmissão de IST/aids⁵⁹. Em *The longevity of homosexuals: before and after the aids epidemic*⁶⁰, de 1994, afirma-se que embora as práticas sexuais não-heterossexuais sejam consideradas normais e saudáveis, homossexuais e pessoas usuárias de drogas são afetadas desproporcionalmente pela aids, de modo que o *status* saudável da prática homossexual deveria ser colocada em xeque. Em uma conferência, a autoria do estudo afirmou que “[...]dada a expectativa de vida bastante reduzida para os homossexuais, as crianças nas escolas deveriam ser muito bem e constantemente advertidas sobre os perigos da homossexualidade mais ainda do que o cigarro” (CAMERON; CAMERON, 2007, p.14), uma vez que o cigarro reduziria a expectativa de vida em até 7 anos, enquanto a homossexualidade em até 20 anos. Seus estudos têm sido amplamente referenciados por fundamentalistas quando se trata de elencar aos gêneros e sexualidades dissidentes perigos e riscos à sociedade.

Vincula-se às dissidências sexuais e de gênero uma concepção de vício, anti-natural, atrelado à anormalidade ou doença, pela negação de uma etiologia genética baseada na falta de evidências de uma “natureza homossexual”. Por suposto, haveria uma natureza heterossexual? E o que ela significaria? Certamente, não seria expressa por um gene heterossexual, mas, antes, uma referência de normalidade ancorada em discursos científicos-biológicos, assentados em bases naturalizadas sobre o gênero, e regulados a partir de uma matriz heterossexual, que “[...] não só pressupõe uma relação causal entre sexo, gênero e desejo, mas sugere que o desejo reflete ou exprime o gênero, e que o gênero reflete ou exprime o desejo” (BUTLER, 2003, p.45). A existência de “ex-gays” é um “trunfo” que corroboraria a afirmativa de uma natureza heterossexual e provaria que as terapias de reorientação sexual funcionam, desconsiderando-se os efeitos colaterais pós-terapêuticos amplamente alertados, como o risco aumentado de depressão, suicídio, ansiedade etc (APA, 2009).

⁵⁹ Opto em escrever “aids” com a inicial minúscula, uma vez que nomes de doenças são substantivos comuns. Esta opção também é política e se inscreve em uma tentativa de não reforçar os estereótipos ligados a ela (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009).

⁶⁰ O título do estudo pode ser traduzido por *A longevidade dos homossexuais: antes e depois da epidemia da aids*.

Agregados à essas redes discursivas, estão também enunciados religiosos fundamentalistas, no intuito de gerar medo e atribuir causalidades aos gêneros e sexualidades dissidentes, quando as posicionam como uma ameaça à família tradicional, a saber: nuclear, composta por marido/mulher/prole, entendida como o único arranjo familiar inteligível, como pode ser notado nos *tweets* de Silas Malafaia e de Marco Feliciano (Figuras 33 e 34). Esses enunciados também estão relacionados com a famigerada “ideologia de gênero”⁶¹, na cruzada moral contra os direitos e igualdade política para as dissidências sexuais e de gênero, em que se reafirma a naturalização e a essencialização das concepções de família, parentesco, sexualidade e diferença sexual.



Figura 33. *Tweet* Malafaia⁶²



⁶¹ A “ideologia de gênero” será discutida na Parte III desta dissertação.

⁶² MALAFAIA, Silas. @PastorMalafaia. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@PastorMalafaia>>. Acesso em: 22 out. 2016.

Figura 34. *Tweet Feliciano*⁶³

Em nome da natureza, da moral e dos bons costumes, o fundamentalismo religioso tem encontrado subterfúgios nos discursos científicos-biológicos, a fim de legitimar o ódio e a violência contra os gêneros e as sexualidades dissidentes, bem como - até mesmo! - terapias de reorientação sexual a fim de curá-las. Vale dizer que se esses discursos de ódio se alojam nos discursos científicos-biológicos é porque eles constituem um campo discursivo privilegiado para a significação epistêmica do corpo, do gênero e da sexualidade, bem como do disciplinamento e controle que abarcam esses corpos e sexualidades no cotidiano, nas culturas ocidentais modernas (MEYER, 2012). Portanto, não se trata apenas da distorção de saberes formulados sob o crivo científico, mas de extrair potência nesses discursos e somar força aos discursos conservadores e fundamentalistas.

Diante do exposto, interessa-me pensar uma genealogia dos discursos de ódio voltados às dissidências sexuais e de gênero nas mídias sociais e como esses discursos têm sido constituídos (ao mesmo tempo em que instituem verdades) pela apropriação de discursos científicos-biológicos e religiosos fundamentalistas. Assim, trago os seguintes problemas de pesquisa: I) como os discursos científicos-biológicos e fundamentalistas religiosos têm sido apropriados na mídia para a produção de violência e exclusão?; II) a partir de que redes de saber e poder os discursos contemporâneos que espriam ódio e violência contra as dissidências sexuais e de gênero se articulam a narrativas que, historicamente, as construíram ora como uma doença, ora como um destino genético, ora como um desvio comportamental?; e III) quais os pontos de continuidade e descontinuidade entre os discursos científicos-biológicos e fundamentalistas religiosos para a legitimação desses discursos de ódio?

Para pensar as questões expostas, trabalho com dois conjuntos de materiais empíricos. O primeiro conjunto diz respeito a artigos científicos-biológicos, publicados entre 1935 e 2003, que podem fornecer pistas para pensarmos em uma mudança discursivo-científica sobre as dissidências sexuais e de gênero – de determinista para menos determinista - e que nos ajudam a problematizar como algumas noções sobre elas foram historicamente tecidas. Além

⁶³ FELICIANO, Marco. **@marcofeliciano**. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

disso, esses documentos possuem enunciados em que se ancoram alguns argumentos fundamentalistas da atualidade. São eles:

Doc 1. *Homosexuality: a biological anomaly* (1944)⁶⁴;

Doc 2. *Biological aspects of homosexuality* (1980)⁶⁵;

Doc 3. *Studies on the genetical determination of homosexuality* (1940)⁶⁶;

Doc 4. *Electroencephalographic and neurologic studies of homosexuals* (1945)⁶⁷;

Doc 5. *Homossexualismo e endocrinologia* (1935);

Doc 6. *The longevity of homosexuals: before and after the aids epidemic* (1994)⁶⁸;

Doc 7. *Can Some Gay Men and Lesbians Change Their Sexual Orientation? 200 participants Reporting a Change from Homosexual to Heterosexual Orientation* (2003)⁶⁹;

Doc 8. *Septal stimulation for the initiation of heterosexual behavior in a homosexual male* (1972)⁷⁰;

Doc 9. *Homosexuality and lesbianism treated with metrazol* (1940)⁷¹.

Um segundo conjunto de material empírico é construído a partir de uma imersão, no período de 2011 a 2016, nos perfis das redes sociais do pastor Silas Malafaia, do pastor e deputado federal Marco Feliciano e da psicóloga Marisa Lobo, à procura de enunciados que se articulem com a apropriação dos discursos científicos-biológicos e religiosos fundamentalistas a serem discutidos e que dialoguem com os problemas centrais da pesquisa. O propósito de trabalhar com dois conjuntos de materiais empíricos aparentemente tão distintos e pertencentes a diferentes contextos (midiático, religioso e científico) não é, senão, uma escolha estratégica a fim de mostrar como o posicionamento científico e religioso sobre as dissidências sexuais e de gênero se estabelece, de forma relacionada, como verdade na contemporaneidade. Em vista disso, a dissertação está organizada em três partes. Na

⁶⁴ Tradução: *Homossexualidade: uma anomalia biológica*.

⁶⁵ Tradução: *Aspectos biológicos da homossexualidade*.

⁶⁶ Tradução: *Estudos sobre a determinação genética da homossexualidade*.

⁶⁷ Tradução: *Eletroencefalográfico e estudos neurológicos de homossexuais*.

⁶⁸ Tradução: *A longevidade de homossexuais: ante e depois da epidemia da aids*.

⁶⁹ Tradução: *Alguns gays e lésbicas podem mudar sua orientação sexual? 200 participantes relatam uma mudança de orientação homossexual para a heterossexual*.

⁷⁰ Tradução: *Estimulação septal para a iniciação de um comportamento heterossexual em um homem homossexual*.

⁷¹ Tradução: *Homossexualidade e lesbianismo tratados com metrazol*.

primeira, intitulada *Dos descaminhos que suportamos*, apresento as ferramentas teóricas que compõem este trabalho. O caminho teórico-metodológico a ser perseguido é o dos estudos pós-estruturalistas e dos Estudos de Gênero de mesma vertente. Aciono as noções foucaultianas de discurso, poder e dispositivo da sexualidade, bem como articulo os Estudos de Gênero, destacando-se os conceitos de performatividade e matriz heterossexual, de Judith Butler. Discuto, ainda, brevemente, a noção de mídia como um dispositivo pedagógico, no intuito de significar a escolha dos enunciados presentificados nas redes sociais das figuras supracitadas como parte do material empírico. Por fim, apresento as entradas de problematização advindas do trabalho com os artigos científicos-biológicos e dos enunciados midiáticos que serão discutidos.

A segunda parte, intitulada *Uma Ciência sobre a diversidade*, será composta por uma análise discursiva de inspiração foucaultiana dos dois conjuntos de materiais empíricos. Aspectos biológicos sobre os gêneros e as sexualidades dissidentes serão discutidos, como as questões pertinentes à genética, a fisiologia, e a endocrinologia para mostrar a invenção de um diferencial no corpo de “homossexuais”, considerados anormais, que não estaria presente no corpo de heterossexuais/normais; neste ponto, também será possível mostrar a invenção da figura homossexual afeminada. Será discutido como a “homossexualidade” se tornou uma espécie de doença contagiosa e um risco de vida para heterossexuais, além de um desvio de comportamento a ser diagnosticado e tratado com as terapias de reorientação sexual.

Na terceira parte, intitulada *Nós, as cobaias do fundamentalismo religioso*, proponho um ensaio sobre os efeitos da apropriação de elementos científicos-biológicos nos discursos fundamentalistas religiosos que funcionam para reafirmar as terapias de reorientação sexual na contemporaneidade. Também serão discutidos enunciados que operam como *proteção* à família nuclear, que alavancam a “ideologia de gênero” e as propostas de “cura gay” no Brasil e que incidem nas políticas públicas para a diversidade sexual e de gênero e, de modo especial, nas políticas do campo da educação.

Dos descaminhos que suportamos

[...]

Para ler esse poema é preciso ter miríades de olhos, como um daqueles faróis que giram sobre as águas agitadas do Atlântico à meia-noite, quando talvez somente uma réstia de algas marinhas fende a superfície, ou subitamente as ondas se escancaram e delas emerge algum monstro.

[...]

É preciso ter paciência e infinito cuidado e deixar que também se desdobre o tênue som, seja o das delicadas patas de uma aranha sobre uma folha, seja o da risadinha das águas em alguma insignificante torneira. Nada deve ser rejeitado por medo ou horror.

O poeta que escreveu essa página (que leio em meio a pessoas falando) desviou-se. Não há vírgula nem ponto e vírgula. Os versos não seguem a extensão adequada. Muita coisa é puro contrassenso. É preciso ser cético, mas lançar ao vento prudência e, quando a porta se abrir, aceitar resolutamente. Também, por vezes, chorar; também cortar fora implacavelmente com um talho de lâmina a fuligem, a casca e duras excreções de toda sorte. E assim (enquanto falam) baixar nossa rede mais e mais fundo, e mergulhá-la docemente e trazer à superfície o que ele disse e o que ela disse, e fazer poesia. Virginia Woolf⁷²

Entendo que o gesto de escrever esta dissertação se pareça um pouco com este pequeno fragmento de *As ondas*, de Virginia Woolf. Talvez um dos movimentos mais difíceis consista em trazer à superfície referenciais que nos inspiram e transformar seus dizeres em alguma forma de poesia – mas sem qualquer pretensão de novidade. Lanço minha rede para significar as palavras e as vozes que compõem esse texto - para dar vida a elas e assegurar-me de que elas também me deem vida.

⁷² Woolf (2011, p. 192-193).

É cortando “com um talho de lâmina a fuligem, a casca e duras excreções de toda sorte”, como diz a epígrafe acima, que corro o risco de me fazer ver, na busca de uma permanência pela escrita nesse nosso tempo feito em *bits*⁷³. Assumo o compromisso de escrever o que me mobiliza, de revirar as urgências que me causam a estranha sensação de que algo não vai bem *lá fora*. Sei que uma métrica para essa poesia só pode ser pensada à medida em que se adicionam alguns versos de si.

Deixo os sons ecoarem e, como se portasse miríades de olhos, estou atenta às pequenas vibrações, ou ao emergir de um monstro na superfície. Cada tênue som atíça um ímpeto de transcrever os pequenos movimentos que me (a)traem - que nada seja rejeitado por medo ou horror.

Lanço ao vento a prudência para estranhar o normal e encontrar o estranho.

Há quem diga que isso é puro contrassenso. Afinal, um trabalho que se pretende científico deveria manter uma distância segura de quem realiza a pesquisa – sujeito autotransparente, autoconsciente, atemporal, racional e universal. Mas, para mim, que nunca gostei de rimas, ponto e vírgula, o contrassenso é bem-vindo. A distância que mantenho de meu objeto de pesquisa esbarra em outro entendimento que contraria os pressupostos de um “sujeito universal”, quer seja: a temporalidade, a corporificação, a generificação, a finitude e a constituição discursiva.

O que apresento aqui ecoa um outro modo de fazer pesquisa, quer se entenda Pós-estruturalista⁷⁴, ou um modo de pensar a desnaturalização e a problematização das coisas que

⁷³ *Bit* significa dígito binário em português, podendo assumir dois valores, 0 ou 1. É a menor unidade de informação que pode ser armazenada ou transmitida na comunicação de dados. Quando digo “esse nosso tempo feito em *bits*” estou me referindo à incursão das subjetividades em sistemas de informação/comunicação que constituem novas noções de comunicação, espaço e tempo, ou o que poderíamos chamar de cibercultura (CHAMPANGNATTE; CAVALCANTI, 2015). Embora não seja o objetivo explorar o conceito de cibercultura, esta pesquisa se insere, de certo modo, neste contexto ao tomar a materialidade de enunciados presentificados no ciberespaço.

⁷⁴ A partir da leitura de Michael Peters (2000), entendo o Pós-estruturalismo como uma reação filosófica ao Estruturalismo. Ao tomá-lo como objeto teórico, o pós-estruturalismo estabelece uma crítica a partir de seu interior para apontar seus limites e inconsistências metodológicas, buscando a descentralização das “estruturas”, de sua sistematicidade, criticando a metafísica que lhe estava subjacente, além de sua pretensão de cientificidade e de megaparadigma às Ciências sociais. O Pós-estruturalismo mantém algumas similitudes com o Estruturalismo, dentre elas, a crítica ao sujeito do humanismo, quer seja – a racionalidade, “o autonomismo e autotransparência. Ainda, citando Sabina Lovebond, Peters (2000, p.50) afirma que o Pós-estruturalismo “[...] postula que há uma pluralidade de razões, irreduzíveis, incomensuráveis e relacionadas a gêneros, tipos de discursos e epistemes específicos, visão que contrasta com a pretensão iluminista à universalidade e com a concepção de uma razão unificada, concebida como o padrão de racionalidade, que supostamente funda todas as asserções de conhecimento, independente de tempo e espaço e proporciona o fundamento de um sujeito

têm cara de “sempre”, que desde sempre “estão aí”. É certo que as teorizações pertinentes ao Pós-estruturalismo estão menos preocupadas em dar resposta ao que as coisas seriam de fato, e mais preocupadas em descrever e problematizar os processos que sempre se instauram em diferenciações e hierarquias sociais e culturais pelos quais os corpos, posições de sujeitos e identidades, tais como homem/mulher, heterossexual/homossexual, cisgênero/transgênero são categorizados no interior de uma cultura (MEYER, 2012). Portanto, não é surpresa que não intento soluções mágicas para os problemas que aparecerão ao longo do texto, tampouco estabelecer receitas ou protocolos para um fazer-pesquisa.

Antes, prefiro provocar e tensionar os caminhos supostamente seguros com os escritos que me inspiram. Busco ferramentas teóricas que se acionam quando necessário, quando problematizações precisam ser presentificadas e discutidas, mas não no intuito de repetir os seus escritos. As teorizações foucaultianas e dos Estudos de Gênero Pós-estruturalistas que adoto não perfazem um encaixe para os meus objetos de pesquisa ou, em outras palavras, não se trata de “aplicar” ao meu objeto de estudo Foucault ou outras referências teóricas tão caras à realização deste trabalho. Busco essas inspirações porque me ensinam outros modos de tratar o objeto da pesquisa para que não permaneça inalterado ao término desta investigação.

1.1 Inspirações que tornam os descaminhos suportáveis

Anunciar os descaminhos que suportam esta dissertação (à medida em que ela os possa suportar) permite que eu desloque referenciais, conceitos e ferramentas pertinentes para delinear os processos que possibilitaram a construção deste trabalho. São elas: discurso, poder e dispositivo, inspirados em Foucault; performatividade e matriz heterossexual, evocados por Butler.

Inicialmente, encontro ressonância com as teorizações foucaultianas, em sua perspectiva genealógica, para pensar os processos que produziram as sexualidades e gêneros

unitário, considerado agente de uma mudança historicamente progressista”. Algumas referências teóricas são consideradas Pós-estruturalistas (há fortes controvérsias nessa lista): Foucault, Jacques Derrida, Gilles Deleuze, Julia Kristeva, e Butler – cujas críticas emergem de inspirações Nietzscheanas e Heideggerianas.

dissidentes como resultado de um intrincado processo de objetivação e subjetivação que se deu/dá no interior das redes de saber e poder; o que nos permite arriscar alguns passos que se confrontam diretamente com as noções de “história”, “poder” e “sujeito” pertinentes a esta dissertação. Explico: interrogar os documentos científicos-biológicos que perfazem o material empírico desta pesquisa não significa querer encontrar neles a origem, a causa, ou aquilo que se esconderia por detrás das palavras, que justificaria qualquer entendimento sobre essas dissidências. Aliás, o trabalho genealógico é justamente se esquivar dessa tentadora manobra e se comprometer apenas com um *a priori* - o histórico -, o que nos leva a pensar a história não como um processo linear, de única duração, mas como uma multiplicidade de tempos, descontínua e repleta de rupturas. Antes, uma história feita de fragmentos e de interpretações que nos são contadas e impostas (VEIGA-NETO, 2007). Tomemos como exemplo os enunciados das figuras 35 e 36: não parecem evocar essas grandes pérolas de inteligibilidade e de ininteligibilidade as quais nos agarramos tão fortemente? “Nasci assim”; “saiu na Nature”⁷⁵; “não tenho nada contra homossexuais, mas...”; “Deus ama o pecador e não o pecado”; “está na bíblia”. Aqui, interessa pensar: como essas coisas se tornaram viáveis de ser ditas?



Figura 35 – Print screen de matéria publicada online⁷⁶

⁷⁵ A *Nature* veicula informações científicas e médicas de alto impacto em formato impresso e *online*. Inclui revistas, bases de dados *online* e serviços nas áreas das ciências físicas e químicas aplicadas, além de medicina clínica.

⁷⁶ Disponível em: <<http://twixar.me/W6q>>. Acesso em 20 jul. 2016.



Figura 36 – Tweet Malafaia⁷⁷

O conceito foucaultiano de “emergência” nos guia nessa empreitada. Seguindo a trilha de Alfredo Veiga-Neto (2007, p.60), esse conceito designa “o ponto de surgimento no passado” do objeto – prática, conceito, noção ou valor com o qual nos preocupamos - para que perguntemos de que maneira e em que ponto ele surge e não mais no sentido de saber de onde ele veio. Estudar a emergência de um objeto consiste em deslocar contingências históricas e políticas de possibilidade dos discursos que o instituíram e o alojaram. Deste modo, pensar as práticas que atuaram/atuam na constituição de determinadas noções sobre os gêneros e as sexualidades dissidentes - sejam elas, um destino genético, um desvio comportamental, ou uma doença contagiosa - não é, de fato, retornar a um passado distante para saber de onde essas noções surgiram. O gesto genealógico permite que interroguemos como elas foram possíveis em determinada época, como se transformaram e que formas poderiam assumir na contemporaneidade.

Para uma pesquisa documental como essa, isso é muito relevante, já que a análise das emergências rompe com uma tradição historiográfica de tratar os documentos, isto é, interrogar o que queriam dizer - se verídicos, válidos ou autênticos - para que, ao final, se reconstituísse o passado de onde emanam. Em síntese, na sua forma tradicional, a história tratava de memorizar os monumentos do passado e transformá-los em documentos – “feliz instrumento de uma história que seria em si mesma, e de pleno direito, memória” (FOUCAULT, 2007, p.8). Na atualidade, a história transforma os documentos em monumentos, em que tecem e destecem uma massa de elementos que são organizados, recortados, repartidos em

⁷⁷ MALAFAIA, Silas. @PastorMalafaia. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@PastorMalafaia>>. Acesso em: 22 out. 2016.

níveis, em séries. A história identifica elementos, distingue o que é pertinente e o que não é, define unidades e, por fim, descreve relações. Portanto, entendo que os documentos científicos-biológicos, bem como os textos das mídias sociais dos quais me ocupo como materiais empíricos nesta pesquisa não são apenas matéria inerte sobre o qual se reconstituiria o passado. Faço o recorte de enunciados dentro desses documentos por entendê-los como um emaranhado de descontinuidades que, por vezes, se confundem e se encontram no mesmo espaço-tempo onde os estratos de conhecimento se multiplicam. São justamente as descontinuidades que devem aparecer como resultado da descrição da análise desses documentos, não se deve apagá-las para purificarmos e remontarmos uma história contínua (FISCHER, 2001). Segundo Foucault (2007, p.28):

[...] é preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros. Não é preciso remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância.

Tratar o discurso “no jogo de sua instância” exige que ele seja pensado como prática advinda da formação de saberes e de sua articulação com as práticas não discursivas. Ou, ainda, como espaço de luta em que saber e poder se articulam, já que o enunciado parte de algum lugar sempre instituído de poder ao mesmo tempo em que o institui. Desse modo, diz Foucault (1988), que o poder não está localizado em nenhum ponto específico da estrutura social, ao contrário, ele funciona como uma rede de dispositivos a que nada ou ninguém escapa; não permite existência exterior a ele, limites ou fronteiras. Não é algo que se possua, compartilhe ou ignore. Não sendo um objeto ou coisa, tem caráter relacional, o que implica que uma luta contra seu exercício não possa ser feita a partir de seu exterior, já que nada está isento de poder. O poder se exerce em toda a parte, a partir de inúmeros pontos e em relações não horizontais e móveis. Não se refere exclusivamente à uma instância de dominação caracterizada pelo Estado, por exemplo; não se dá em termos de “dominação” e “subordinação”. Pode-se dizer que “o poder” não existe; existem práticas ou relações de poder. Portanto, o poder é algo que se exerce e que funciona como uma maquinaria social que se dissemina em todas as relações e estruturas sociais. O poder pode ser considerado, deste modo, uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social, muito mais do que uma

instância negativa que tem como função apenas reprimir, portanto, não se dá somente em caráter negativo - de exclusão, rejeição, coerção e violência. Onde atua, possui papel diretamente produtor e transformador, no sentido de que produz o real, institui domínios, objetos e rituais de verdade.

O caráter produtivo do poder pode ser melhor entendido se pensarmos que ele também produz os sujeitos; em outras palavras, o sujeito é um efeito de poder, ou foco de investimento do poder. Para Foucault (1988), o sujeito não é um elemento pré-existente e exterior às relações de poder que, por sua vez, se encarregariam de aniquilá-lo. Como efeito de poder, o sujeito não pode ser entendido como instância fundadora da linguagem, ao contrário: o sujeito do discurso é um espaço a ser preenchido por diferentes vozes que o ocuparão ao formularem o enunciado. Portanto, o sujeito do enunciado não é a causa, origem ou ponto de partida do fenômeno de articulação escrita ou oral de um enunciado, nem a fonte ordenadora móvel e constante das operações de significação que os enunciados viriam a manifestar na superfície do discurso.

Ao trazer tais conceitos inerentes às suas formulações, Foucault nos aproxima de seu entendimento de discurso como um conjunto de enunciados, ou seja, “como acontecimentos que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 2007, p. 31); como uma função de existência, que está fora de qualquer possibilidade de reaparecimento. O discurso não se reduz aos signos, mas se exerce sobre unidades como a frase, a proposição ou o ato de linguagem. Um enunciado, deste modo, pode ser caracterizado por quatro elementos: um referente (ou um princípio de diferenciação), um sujeito (não no sentido fundante, mas na posição a ser ocupada), um campo associado (em coexistência a outros enunciados), e uma materialidade específica (já que trata de coisas efetivamente ditas, marcadas em algum tipo de material e, passíveis de reprodução ou repetição). Esses princípios de regularidade estão em uma mesma formação discursiva, ou marcados pelas mesmas regras de formação advindas de condições históricas e sociais que os mantém em circulação e funcionamento. Isso nos permite dizer que os discursos são sempre efeitos de uma construção, cujas regras precisamos conhecer para não aceitar resolutamente os enunciados da forma como os recebemos e reproduzimos (FISCHER, 2001).

Nesse sentido, seria preciso que tomássemos três decisões para “conhecer” as regras do discurso, para tomá-lo em suas condições, jogos e efeitos: questionar nossa vontade de verdade, restituir ao discurso seu caráter de acontecimento, e suspender a soberania do

significante (FOUCAULT, 2014). Tais preposições exigiriam alguns princípios, quais sejam: I) princípio de inversão: não se iludir com a tradição que nos remete ao reconhecimento da fonte dos discursos, seja ela desempenhada pela figura da autoria, da disciplina, ou da vontade de verdade: aqui, deve-se reconhecer os princípios de rarefação do discurso; buscar cercar as formas de exclusão e limitação; mostrar como se formam, se modificaram e se deslocaram; II) princípio de descontinuidade: os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas que, por vezes, se tocam, mas também se ignoram ou se excluem; III) princípio de especificidade: não dispomos de ferramentas pré-discursivas que tornariam os discursos legíveis, decifráveis. O discurso deve ser entendido como uma prática que fazemos e impomos às coisas – nessa prática encontraríamos seu princípio de regularidade; e IV) princípio da exterioridade: investigar as condições de possibilidade e de emergência - ou não - dos discursos (FOUCAULT, 2014). É preciso recusar as explicações unívocas, de fácil acesso e interpretação, e resistir à busca de um esgotamento de sentidos a serem desvelados, isto é, deixar o discurso aparecer em sua complexidade. Para isso, é necessário nos esforçarmos para nos desprendermos da compreensão de que os discursos são apenas signos imbuídos de significados, quase sempre ocultos, distorcidos ou dissimulados. O que existem são enunciados e relações de poder, e o que é pertinente a essa análise de discurso é se ater às relações históricas e às práticas, ou efeitos que os discursos instituem no real (FISCHER, 2001).

Para além de uma argumentação arqueológica, uma análise genealógica se preocupa não só com o como se formam e transformam os saberes, mas, também, com o porquê da formação desses saberes. Interroga as condições externas de seu aparecimento, ou as contingências políticas, econômicas, históricas, etc., que pautaram o aparecimento ou o desaparecimento de determinados enunciados, legitimados ou deslegitimados pelo poder em determinado tempo e lugar. Por isso, a genealogia considera o saber - em sua materialidade, prática e acontecimento como parte de um dispositivo político. A noção de dispositivo será essencial para pensarmos a articulação das emergências, das descontinuidades e das condições de possibilidade dos enunciados científicos-biológicos e religiosos fundamentalistas sobre os gêneros e as sexualidades dissidentes, uma vez que as ciências que as interrogaram/interrogam fazem parte do crivo da anormalidade estabelecido por esse dispositivo. Para Foucault, um dispositivo pode ser entendido

[...] como um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas

administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito não os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos. (FOUCAULT, 1988, p.244)

Um dispositivo ainda funcionaria como estratégia de manipulação de relações de força, para aplicá-las, bloqueá-las, utilizá-las. Enfim, o dispositivo está sempre inscrito em jogos de poder que sustentam tipos de saberes ao mesmo tempo em que são sustentados por eles. Dessa forma, o dispositivo também pode ser entendido como um tipo de formação que teve por função, em determinado período histórico, responder a uma urgência (FOUCAULT, 1988).

Deste modo, pensar os gêneros e as sexualidades dissidentes como invenção de uma tecnologia de saber e poder nos mostra como essa tecnologia pode ser lida dentro do contexto de um dispositivo que atuou/atua como um ponto de estruturação da sexualidade; como um conjunto heterogêneo de discursos não redutíveis, ocupados em estabelecer padrões normativos para a sexualidade - o dispositivo histórico da sexualidade. O dispositivo da sexualidade tomou o sexo como objeto de verdade e construiu em torno de si um enorme aparato para a produção da verdade. O que somos foi estabelecido em relação a uma lógica do sexo: sexo-história, sexo-discurso, sexo-significação.

É pelo sexo efetivamente, ponto imaginário fixado pelo dispositivo de sexualidade, que todos devem passar para ter acesso a sua própria inteligibilidade (já que ele é, ao mesmo tempo, o elemento oculto e o princípio produtor de sentido), à totalidade de seu corpo (pois ele é uma parte real e ameaçada deste corpo do qual constitui simbolicamente o todo), à sua identidade (já que ele alia a força de uma pulsão à singularidade de uma história) (FOUCAULT, 2015, p. 169).

No ocidente, a matriz geral que conduz a produção da verdade do sexo foi estabelecida por uma *scientia sexualis*, que usou a prática da confissão como cerne para a extorsão das singularidades, do âmago. Nas palavras de Foucault (2015, p.66):

Confessam-se os crimes, os pecados, os pensamentos e desejos, confessam-se passado e sonhos, confessa-se a infância; confessam-se as próprias doenças e misérias; emprega-se a maior exatidão para dizer o mais difícil de ser dito; confessa-se em público, em particular, aos pais, aos educadores, ao médico, àqueles a quem se ama; fazem-se de si próprios, no prazer e na dor, confissões impossíveis de confiar a outrem, com o que se produzem livros.

A confissão foi integrada aos esquemas de uma regularidade científica⁷⁸, que possibilitou o aparecimento de algo como a “sexualidade”, que pode ser entendida como “[...] o conjunto de efeitos produzidos nos corpos, nos comportamentos, nas relações sociais” (FOUCAULT, 2015, p. 139), tomada como correlato da prática discursiva da própria *scientia sexualis*. A sexualidade também foi criada como um domínio a ser penetrado por processos patológicos passíveis de intervenção e normalização, sendo que, nesse processo, estabeleceram-se os corpos produtivos/normais em relação aos corpos não-produtivos/anormais: a criança masturbadora, a mulher histérica, as sexualidades desviantes e perversas, etc.

Até o século XVIII não se falava em “homossexuais”. Havia, sem dúvida, o ato interdito de um sujeito jurídico, mas, a partir do século XIX, a homossexualidade surge como uma espécie, torna-se uma “[...] personagem, um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa.” (FOUCAULT, 2015, p. 47-48). Coloquemos em suspenso o martírio de uma natureza homossexual: o que sabemos, cientificamente, sobre a homossexualidade é fruto de uma tecnologia de poder que pretendeu atribuir uma realidade analítica, visível e permanente a ela; torná-la princípio de classificação e inteligibilidade; constituí-la em razão de ser. Isto significa torcer a ideia de que a homossexualidade fosse especificada para ser excluída do *hall* das sexualidades. Antes, essa especificação tratou de produzi-la, disseminá-la, semeá-la no real e incorporá-la nas pessoas. Por fim, a homossexualidade foi cravada nos corpos por uma Ciência que, na incapacidade ou recusa em falar do próprio sexo, dedicava-se às suas anomalias, aberrações e raridades (FOUCAULT, 2015).

Trata-se, ainda, de uma estratégia de individuação do poder; normas pelas quais os corpos e as sexualidades se tornam viáveis⁷⁹ (FOUCAULT, 2015). Uma vez que o sexo fosse compreendido em sua normatividade, a materialidade dos corpos não poderia ser pensada

⁷⁸ A partir do que Foucault (2015) estabelece como: técnica de escuta; postulado de causalidade; princípio de latência; regra da interpretação e; imperativo de medicalização.

⁷⁹ A noção de corpos e sujeitos “viáveis” está relacionada ao que Jamil Cabral Sierra desenvolveu em sua tese de doutorado (SIERRA, 2013a), pensando a produção de corpos e de vidas ajustados aos processos de classificação, correção e normalização que impõe aos sujeitos LGBT um modo de vida operado pela heteronormatividade. Os corpos e as sexualidades viáveis são aqueles enquadrados em uma certa moral que os considera saudáveis, seguros, corretos, aceitáveis diante dos movimentos sociais e das políticas públicas de Estado; e à uma certa economia, que institui os corpos e as práticas sexuais e afetivo-amorosas que atendem ao projeto de utilidade-rentabilidade neoliberal.

fora dela e, conseqüentemente, fora da norma que padronizaria os corpos, os sexos, as sexualidades e os gêneros, assegurando quais identidades podem ou não ser reconhecidas e inteligíveis dentro desse regime de verdade (BUTLER, 2000).

Se Foucault (2015) havia dito que o sexo não se fundamenta na cultura e, tampouco, na natureza, bem como que deveria ser entendido como efeito do dispositivo da sexualidade, Butler causa um deslocamento com relação a essa assertiva. Para Butler, o sexo é tão fictício quanto o gênero. A autora desfaz a distinção sexo/gênero para mostrar que não há sexo que não seja, desde sempre, gênero. Estamos sempre condicionados a uma trama discursiva. Já nascemos em processos de generificação, o que significa que não há um corpo natural pré-existente a sua inscrição cultural, ou seja, não haveria um masculino e um feminino originais. Gênero pode ser entendido como uma performatividade - não como algo que somos, mas algo que fazemos, uma sequência de atos repetidos de performances que adquirem efeito ontológico.

Assim, a performatividade não pode ser confundida com uma encenação artística: I) gênero não é uma encenação onde se representa um papel; e II) gênero não é uma escolha subjetiva ou, um ato voluntário, como se escolhêssemos um papel para representar. Esses pontos esbarram, novamente, no entendimento de que não pré-existimos aos nossos atos, mas que nos constituímos em nossos atos. Os corpos generificados, como conhecemos, são cópias de um modelo que, desde sempre, também é uma cópia, de modo que repetimos um modelo incorporado. E aqui é importante que se diga que essa incorporação não se refere somente aos comportamentos hegemônicos. A partir do momento que se ganha inteligibilidade, estamos falando de uma incorporação. Os modelos devem ser pensados como historicamente incorporados, decifrados, valorados e que se dão em suas normas hegemônicas vigentes.

Em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Butler (2003) nos mostra como o que entendemos por homem e mulher, tanto como substantivos, quanto atributos de masculinidade e feminilidade, só faz sentido no interior de uma matriz heterossexual, que organiza e estabiliza os discursos binários e hegemônicos de gênero. Essa matriz funciona a partir do estabelecimento de uma coerência e causalidade entre sexo-gênero-desejo que impõe uma ordem binária universal, atemporal e violenta aos corpos, e institui a heterossexualidade como a única possibilidade inteligível de viver e manifestar a sexualidade. Nesse contexto, os “problemas de gênero” se instauram nas descontinuidades

entre sexo-gênero-desejo, nas incoerências e inadequações para com a heteronormatividade. Como efeito, produzem violência e exclusão nos corpos, gêneros e sexualidades que destoam de seu modelo hegemônico.

1.2 De onde partem os descaminhos

Creio que mesmo com alguns elementos em comum, nenhuma metodologia possa ser igual a outra. Não somente porque se tratam de objetos e domínios de saber diversos, mas porque caminhamos diferentemente. Algumas pessoas por caminhos sempre horizontais e seguros, e outras, por descaminhos; um passo à frente, dois atrás. Sempre suspeitando daquilo que se escreve e sabendo que aquilo que fazemos, em alguma medida, também nos constitui. O que se pensa em fazer, muitas vezes, é somente uma sombra daquilo que se materializará, e isto, por sua vez, é um processo em permanente construção, o que me permite dizer que uma metodologia de pesquisa pode ser desenhada sem que seja necessário agarrar-se à um protocolo e fazer dela mera aplicação ao seu objeto.

Prefiro pensar que este fazer pesquisa é uma tentativa de tecer um outro modo de pensar e fazer Biologia. Não mais preso aos protocolos dos laboratórios, aos vidros com formalina, às dificuldades de ensino-aprendizagem. Antes, um modo que permita deslocar conceitos e teorizações de áreas de conhecimento que, à primeira vista, parecem não conversar com a Biologia e que sofrem resistência, tal como a História, a Filosofia, a Sociologia, a Arte, e a Literatura. É certo que a resistência, por vezes, partiu do eu-bióloga, visto que a incorporação e a ressignificação de conceitos e ferramentas teóricas também foi e ainda é um processo difícil, exige que façamos e desfaçamos alguns ritos que nos são caros: abrir mão daquilo que acreditava ser instrumental de acesso à verdade, do método científico positivista, não aconteceu sem conflitos. E, ironicamente, parte da construção do conjunto de materiais empíricos dessa pesquisa foi pensado em vistas àquilo que outrora foi apreendido como graduanda na Biologia – normas, classificação, especificação, objetividade, neutralidade e protocolos. Trato disso adiante.

Gosto de pensar essa metodologia como uma experimentação, que me lança o desafio de pensar a Ciência como produtora de verdades para não aceitar o que enuncia resolutamente. Colocar a Biologia sob suspeita também pode, afinal, (re)significar qualquer

modo de existência, assim descrito pela fisiologia, pela genética e, talvez, pela evolução. Pode nos fazer pensar de outro modo as formas pelas quais vivemos nossos prazeres e, quem sabe, afrouxar as amarras que por tanto tempo nos disseram: anormais. Que digam que isso não pertence à biologia, “descaminhos a gente suporta”⁸⁰.

Nesta pesquisa, a análise dos documentos converge com as condições de possibilidade dos discursos que produziram e alojaram o objeto do qual me ocupo: a apropriação dos discursos científicos-biológicos para a produção de violência contra as sexualidades e gêneros dissidentes, e é preciso dizer que esses processos falam mais sobre a análise discursiva a ser feita e menos de um método, no sentido estrito da palavra. Insisto nisso porque se trata de uma pesquisa documental e, como tal, não se pode dizer que é um método. Dizer que usarei documentos é exatamente não dizer o que deles serão feitos (MAY, 2004), por isso, deveria lhe dizer mais sobre a dificuldade de estabelecer uma metodologia e menos sobre um método em si. Veja, diz-se que a coleta de dados a partir de documentos eliminaria uma possível influência ou contaminação de quem realiza a pesquisa, mas a própria escolha dos documentos, o recorte que operamos, em si, já é um fato discursivo que, inclusive, expõe uma heterogeneidade discursiva. Por que escolho alguns enunciados e não outros? Cabe a quem faz a pesquisa selecionar, organizar e dispor em série o que for pertinente aos seus questionamentos e isso não está presente em nenhuma receita.

Não significa, diante desse quadro, que não há rigor científico ou organização neste trabalho. Há, sem dúvidas, precauções que foram tomadas para a escolha dos documentos. Segundo André Cellard (2012), é preciso avaliar o contexto social no qual o documento foi produzido, no qual sua autoria estava inserida e a quem o documento foi destinado, para que perguntemos: por que esse documento chegou até nós? Por que foi publicado e conservado? Sei que os documentos e seus enunciados escolhidos como parte do material empírico desta pesquisa só foram possíveis porque, a seu modo, entraram na ordem do discurso. Daí a importância de, se possível, conhecer a autoria do documento, para entender a motivação e interesses para a sua produção: essa/s pessoa/s fala/m em nome de quem? Em nome de si, de uma instituição? É válido ressaltar que, como veremos na segunda parte desta dissertação, alguns documentos estão relacionados a instituições estatais, como prisões e hospitais. Nessa esteira, a autenticidade e a confiabilidade do texto também devem ser consideradas: o texto

⁸⁰ Trecho da música *Ator de cinema*, escrita por Suely Costa e João Medeiros Filho, interpretada por Maria Bethânia.

reporta a fala de alguma pessoa? Este item será importante quando nos depararmos com os relatos de caso⁸¹, presentes em alguns documentos, que remetem aos esquemas de confissão do dispositivo da sexualidade.

Outro passo importante é atentar para a natureza do texto, pois sua estrutura e conteúdo podem variar segundo o contexto e a plataforma em que foi escrito. Foram selecionados contextos informais (*tweets* e notícias em revistas *online*) e contextos formais (artigos científicos publicados em revistas especializadas). No caso dos *tweets*, há um limite de caracteres que exige uma linguagem diferenciada; já para os artigos, há a exigência do cumprimento de normas científicas, ortográficas, etc. Nesse caso, tais documentos também foram estruturados de forma que só adquirem sentido para quem lê em função de seu grau de iniciação no contexto próprio de sua produção. O que nos leva a considerar que há conceitos-chave, ou termos técnicos que mudaram ao longo do tempo e que devem ser explicados se pertinentes às análises, por isso a escolha pelos artigos científicos-biológicos, pelo contato prévio de seus signos advindo de minha formação em Ciências Biológicas.

Em tempo de definir um objeto e os problemas de pesquisa desta dissertação, lembrei da incitação de discursos científicos-biológicos nos enunciados religiosos fundamentalistas na polêmica votação dos Planos Estaduais e Municipais de Educação, em 2015: “menino já nasce menino, menina já nasce menina”; “menina é XX, menino é XY”; “identidade biológica do homem e da mulher”, isto só para citar alguns enunciados. O fato é que boa parte da discussão em torno da retirada de qualquer menção à gênero e sexualidade dos planos de educação foi fervilhada por essas enunciações. Deste modo, inicialmente, queria entender o fenômeno da apropriação dos saberes científicos-biológicos pelo universo discursivo religioso. Para entender o porquê desse movimento, pensei em seus efeitos imediatos: os discursos de ódio. Sei que esses discursos imprimem força para a legitimação de atos de violência contra os gêneros e as sexualidades dissidentes, mas isso, em si, não seria o suficiente. Seria o objetivo buscar coerência naquilo que teria maior legitimidade social, à sombra dos discursos científicos-biológicos? Por que, em alguns casos, essa apropriação estava associada à enunciados religiosos?

⁸¹ Excertos em que são narrados aspectos pessoais e familiares dos sujeitos selecionados para os estudos em questão.

Nessa direção, o primeiro passo foi procurar por personalidades que têm movimentado o cenário religioso fundamentalista brasileiro nos últimos anos: o pastor Silas Malafaia, o pastor e deputado federal Marco Feliciano, os deputados federais Eduardo Cunha, Magno Malta e Jair Bolsonaro, e a psicóloga Marisa Lobo, conhecidas por seu posicionamento contra as políticas públicas para mulheres, para as minorias religiosas e para a diversidade sexual e de gênero. Sabendo que essas personalidades atuam por meio de polemizações, embrenhei-me em suas redes sociais, *Facebook* e *Twitter*, para entender de que forma elas agiam. Concentrei-me especialmente no *Twitter*, uma vez que os *tweets* ganharam espaço na mídia, também, através de *prints* que podem ser facilmente circulados em outras plataformas sociais, como o *Facebook*. Destarte, em contato com as publicações feitas pelo *Facebook*, percebi que eram, em sua maioria, replicações de textos originalmente publicados no *Twitter*, por isso, os enunciados recortados correspondem exclusivamente às publicações feitas no *Twitter*.

Para filtrar os conteúdos relacionados às dissidências sexuais e de gênero usei as seguintes palavras-chave nas contas do *Twitter* de todas as personalidades citadas: *LGBT*; *gays*; *lésbicas*; *homossexualidade*; *homossexualismo*. Conforme os *tweets* apareciam, observei a presença de conteúdos científicos-biológicos nos textos, de modo que outras palavras-chave foram usadas: *natural*; *natureza*; *biologia*; *homem e mulher*; *ciência*; *científica*; *científico*; *aids*; *sida*. Em contato com os *tweets* marcados pela presença dessas palavras-chave, outros descritores foram alocados, pois apareciam recorrentemente associados a elas, a saber: *família*; *religião*; *Deus*; *Jesus*. Não tracei uma temporalidade específica, mas, ao final, os *tweets* selecionados foram publicados entre 2011-2016. As personalidades Eduardo Cunha, Magno Malta e Jair Bolsonaro foram excluídas na seleção final dos enunciados pela ausência de *tweets* que estivessem relacionados à busca realizada, no entanto, é importante dizer que essa operação de exclusão tem mais a ver com a plataforma em que a busca foi feita, do que com a ausência de discursos de ódio aos gêneros e sexualidades dissidentes que tais personalidades suscitam em entrevistas ou em vídeos de *sites* como o *Youtube*.

Para complementar este conjunto de textos, procurei pelos elementos suscitados nos *tweets* em outros *sites* que veiculam notícias e fazem uma espécie de divulgação sensacionalista-científica, como o G1 e a Super Interessante, por exemplo. Dito isso, a combinação de todos os descritores mencionados que resultaram nos *tweets* e nos recortes de matérias vinculadas em outros *sites* originou um conjunto de material empírico que será

analisado na segunda parte desta pesquisa, sob o item *Uma Ciência sobre a diversidade*, bem como servirá de inspiração para o ensaio que proponho que na terceira parte desse trabalho em *Nós, as cobaias do fundamentalismo religioso*.

É importante ressaltar que os enunciados selecionados estão inscritos em um período marcado pela parceria estabelecida entre os movimentos sociais e o Estado (2002-2015) para a elaboração de políticas públicas, o atendimento às demandas de direitos civis e jurídicos, o fortalecimento de políticas de saúde, bem como a discussão da composição dos currículos educacionais que tangenciam a noção de diversidade (SIERRA, 2013a). Segundo Jamil Cabral Sierra (2013a), este período também demarca o surgimento das políticas de inclusão da diversidade sexual e de gênero no campo social e educacional, o que contribuiu para os avanços dos últimos anos no campo dos direitos, da educação e da saúde, mas também, paradoxalmente, abriu condições de possibilidade para a emergência do discurso conservador e fundamentalista religioso que estamos vivenciando – já que não foram criadas as devidas dificuldades para esses setores quando necessário. Isso justifica, em parte, a reação exacerbada por parte das personalidades fundamentalistas religiosas que envolvem uma série de ações, como as reações contra o Caderno Escola sem Homofobia, que ficou conhecido como “Kit gay”, em 2011; a criação do Estatuto da Família e, posteriormente, a revisão dos planos de educação em 2014, entoada pela “ideologia de gênero”; e, mais recentemente, o projeto Escola Sem Partido e a alteração/revogação da resolução 001/99 do Conselho Federal de Psicologia que, em outras palavras, atenta para a possibilidade das terapias de reorientação sexual.

Justifico, por fim, que o interesse pelos enunciados presentificados na mídia advém do conceito de dispositivo pedagógico da mídia, trabalhado por Rosa Maria Bueno Fischer (2002). Para a autora, a mídia pode ser considerada como um dispositivo pedagógico à medida em que produz saberes e significados que imputam formas de ser e estar na cultura em que vivemos instituindo as corporalidades e as práticas desejáveis, passíveis de reconhecimento e legitimidade cultural - caucasianas, cisgêneras, heterossexuais, saudáveis, classe média e alta – bem como as corporalidades e as práticas não desejáveis e ininteligíveis, como as pessoas dissidentes sexuais e de gênero, as pessoas gordas, pessoas com deficiência, negras, idosas, etc. O discurso midiático é, também, prática de disciplinamento, de controle, de formação de subjetividades, à medida em que nos interpelam e nos diz quem somos, como somos, o que devemos desejar, o que não podemos desejar.

Podemos estreitar esse conceito para pensar nas mídias sociais, em particular. Há algo de significativo nesses enunciados, na interação entre quem publica e entre quem comenta, seja para discordar ou encontrar uma âncora; são reverberações que, sem dúvidas, produzem seus efeitos. Como Sierra (2004; 2013b) diz, a mídia pode ser pensada como a mais nova aliada dos saberes médico-científicos, como uma espécie de porta-voz das biopolíticas que especificam, corrigem e normalizam. Além disso, a mídia dá suporte às discursividades normalizadoras porque ela pode ser facilmente alcançada e desenvolve maneiras, cada vez mais incisivas e imperceptíveis, de delimitar, conhecer e administrar os comportamentos sexuais. O poder se ramifica ainda mais com a mídia e toma novas formas para produzir efeitos de verdade sobre os corpos, os desejos, os prazeres e as experiências, assim como para criar outras formas de saber para controlar.

Ora, o que esses enunciados selecionados evocam, como veremos na Parte II desta dissertação, são noções sobre os gêneros e as sexualidades dissidentes presentificadas em discursos científicos-biológicos. Noções essas que também fizeram emergir um outro conjunto de material empírico que analiso sob o item *Uma Ciência sobre a diversidade*. Para chegar a ele, as seguintes palavras-chave foram usadas na ferramenta de buscas do Google: *biology of homosexuality*; *endocrinology of homosexuality*; e *gay gene*. Os documentos, ou artigos científicos, foram selecionados porque evidenciam a repetição de enunciados deterministas sobre as dissidências sexuais e de gênero e, além disso, nos fornecem pistas para pensar em como algumas noções sobre elas foram historicamente tecidas. Ao final da seleção, obtive nove documentos científicos-biológicos publicados entre 1935 e 2003 em revistas tradicionais e reconhecidas no meio científico.

Os documentos e suas hipóteses centrais estão descritas abaixo:

Doc 1. *Homosexuality: a biological anomaly* (1944): a homossexualidade é uma anomalia biológica presente em pessoas não saudáveis.

Doc 2. *Biological aspects of homosexuality* (1980): um ponto de vista bioquímico da etiologia da homossexualidade primária, se confirmada, poderia mudar a forma como a sociedade percebe homossexuais.

Doc 3. *Studies on the genetical determination of homosexuality* (1940): homossexuais podem ser definidos como intersexos.

Doc 4. *Electroencephalographic and neurologic studies of homosexuals* (1945): uma anormalidade do sistema nervoso central, herdada ou precocemente adquirida, contribui para o desenvolvimento da homossexualidade.

Doc 5. *Homossexualismo e endocrinologia* (1935): a homossexualidade deve ser diagnosticada e tratada.

Doc 6. *The longevity of homosexuals: before and after the aids epidemic* (1994): o status saudável da homossexualidade deve ser debatido porque a homossexualidade reduz a expectativa de vida em até 20 anos.

Doc 7. *Can Some Gay Men and Lesbians Change Their Sexual Orientation? 200 Participants Reporting a Change from Homosexual to Heterosexual Orientation* (2003): há evidências de que a mudança de orientação sexual seguindo alguma forma de terapia reparadora é possível.

Doc 8. *Septal stimulation for the initiation of heterosexual behavior in a homosexual male* (1972): a estimulação septal pode induzir o comportamento heterossexual em homens homossexuais.

Doc 9. *Homosexuality and lesbianism treated with metrazol* (1940): a indução de convulsões com metrazol pode curar homossexuais.

De posse dos dois conjuntos de materiais empíricos: **tweets** e **matérias veiculadas na mídia** (conjunto 1) e os **Documentos científicos/biológicos** (conjunto 2), estabeleci três entradas de problematização que foram agrupadas no item *Uma Ciência sobre a diversidade*. Abaixo, apresento uma breve descrição dessas entradas de problematização:

Entrada I. *Uma etiologia da homossexualidade*: saberes advindos da genética, da fisiologia e da endocrinologia que pautaram diferentes etiologias para as dissidências sexuais e de gênero. Cria-se um diferencial no organismo de homossexuais/anormais que não estaria presente em heterossexuais/normais. A partir dos critérios de

seleção das “amostras” para os estudos, cria-se, também, a figura homossexual afeminada.

Entrada II. *Uma ficção cientificamente ensaiada*: as dissidências sexuais e de gênero devem ser diagnosticadas e tratadas. Técnicas de tratamento: terapias de aversão; indução de convulsões com metrazol.

Entrada III. *A peste gay*: as dissidências sexuais e de gênero são responsáveis pela transmissão de IST/Aids. As práticas dissidentes são um risco de vida para heterossexuais.

É importante dizer que disponho a organização das entradas de problematização, a fim de organizar a leitura e oferecer uma prévia sobre o exercício analítico. Com isso, não quero mostrar que elas não são intercambiáveis, já que a análise vai mostrar que os conteúdos presentes em cada uma delas são relacionais.

A terceira parte desta dissertação, *Nós, as cobaias do fundamentalismo religioso*, será um ensaio composto por elementos do conjunto de *tweets* que, ora corroboram, ora ignoram e/ou distorcem os conteúdos dos documentos científicos-biológicos para discutir a apropriação de elementos científicos-biológicos nos discursos fundamentalistas religiosos, que funcionam para reafirmar as terapias de reorientação sexual na contemporaneidade. Também serão discutidos enunciados que operam como proteção à família nuclear, e que alavancam a “ideologia de gênero” e as propostas de “cura gay” no Brasil e que incidem nas políticas públicas para a diversidade sexual e de gênero e, de modo especial, nas políticas do campo da educação.

Uma ciência sobre a diversidade

Pensar em saberes científico-biológicos sobre a diversidade sexual e de gênero têm se mostrado extremamente complexo, tanto pelos embates científicos, quanto pelas disputas nas arenas social e política contemporâneas, no que se refere à igualdade política para as sexualidades e gêneros dissidentes. De um lado, o que foi e ainda é escrito sobre as bases biológicas dessas dissidências é controverso, mas parece estar sempre rondando o espectro determinista *versus* salvacionista. Há quem diga que elas são uma fatalidade de ordem genética, fisiológica ou endocrinológica. Há quem diga, também, que são uma doença ou, ainda, desvios de comportamento. Do outro lado (e, talvez, o mais atualizado), há um certo consenso de que é praticamente impossível estabelecer causas biológicas “seguras”, uma vez que pesquisas mais atuais rodeiam o já desgastado argumento, um tanto clichê inclusive, que aposta na combinação entre genética e fatores ambientais que, trocando em miúdos, também não significa dizer muita coisa.

Já no âmbito das discussões de políticas públicas, sob a égide da “ideologia de gênero”⁸², setores conservadores e de cunho religioso fundamentalista impõem que as discussões de gênero não devem estar presentes nas escolas porque “conduziriam a humanidade à mente polimorficamente sexuada que destruiria a família”, colocando em risco a saúde mental das crianças que poderiam se “transformar” em gays, lésbicas e, até mesmo, travestis⁸³. Para justificar seus privilégios, apropriam-se (quando convém) da Biologia e de outros saberes científicos para assegurar seu poder e verdade de dizer que as dissidências sexuais e de gênero são “um mal a ser curado”. Afinal, se não há como provar cientificamente que essas dissidências são um fato da natureza, devem ser desvios comportamentais e, como tal, as terapias de reorientação sexual devem permanecer como “um direito a quem deseja mudar”. Neste caso, há certa confusão conceitual quando se coloca sob o mesmo guarda-chuva as performatividades de gênero, os desejos e as práticas afetivo e/ou sexuais.

Neste ponto, não é difícil perceber que tanto os discursos científico-biológicos quanto os discursos fundamentalistas religiosos não estão concentrados somente em um conjunto de

⁸² A discussão sobre ideologia de gênero será retomada na terceira parte desta dissertação, *Nós, as cobaias do fundamentalismo religioso*.

⁸³ Como uma distorção do que Shulamith Firestone chama de “sexualidade polimorficamente diversa” em *A Dialética do Sexo*, tal expressão figura no documento Informação /2015 enviado ao Ministério da Educação, de autoria do Deputado Izalci Lucas Ferreira (PSDB/ DF), cobrando posições sobre a recorrência da palavra gênero nos documentos educacionais. O requerimento pode ser acessado em <<http://twixar.me/95r>>. Acesso em ago. 2017.

proposições com conteúdos fixos. Essas estratégias que atuam na produção de violência são diversas, “[...] modelam os discursos públicos e privados, saturam todo o campo da representação cultural e, como o poder na concepção de Foucault, estão em todas as partes” (HALPERIN, 2007, p.53, tradução minha)⁸⁴. Se, como diz David Halperin (2007), devemos combater uma estratégia com outra estratégia, é possível, então, que a questão seja mais sobre discutir os motivos pelos quais o fundamentalismo religioso tem buscado esses determinismos científicos-biológicos e o efeito deste movimento no campo social, e menos sobre a veracidade ou utilidade desses conteúdos na atualidade. Isto porque um movimento de contra discurso que busque este tipo de estratégia possa não ser muito profícuo, ou surtir efeito significativo, já que os discursos de ódio e violência são intencionalmente e constantemente renovados. Em outras palavras: mudam-se os argumentos, mas não sua finalidade. Refutá-los pode ser interessante em alguns contextos (e admito que em alguns momentos essa estratégia aparecerá ao longo do texto) mas, de modo geral, parece ser inútil (HALPERIN, 2007).

Aqui começa parte do problema: como tecer esta análise sem se envolver com a manobra equivocada de refutar argumentos que, por si só, não cessam de mudar ou mesmo de se contradizerem? Talvez uma das limitações desta pesquisa (como há em todas as pesquisas) esteja situada justamente neste paradoxo. Se considerarmos que os discursos científicos-biológicos têm sido evocados cada vez mais no âmbito dessas discussões, tanto para dar força aos discursos de violência quanto para desarmá-los, talvez conhecer criticamente o que diz a própria Biologia possa nos munir de argumentos que constituiriam maneiras mais justas de nos posicionarmos nesses debates. Embora você possa pensar que fazer isso é jogar o jogo inimigo, uma vez que essas pesquisas e investigações parecem estar sempre a cargo da normalização das sexualidades e gêneros dissidentes, há referenciais teóricos que partem dos próprios conteúdos da Biologia e que ensaiam importantes discussões sobre a construção do que sabemos sobre o sexo e o gênero, alinhando-se às perspectivas feministas, filosóficas, históricas e sociológicas, como Ilana Lowy, Anne Fausto-Sterling, Elsa Dorlin e Londa Schiebinger.

Deste modo, para entender os motivos pelos quais conteúdos científicos-biológicos estão sendo apropriados pelo fundamentalismo religioso, considero importante suscitar

⁸⁴ Trecho original: “[...] modelan los discursos públicos y privados, saturan todo el campo de la representación cultural y, como el poder en la concepción de Foucault, están en todas partes.”

discussões que, ao meu ver, parecem fornecer um campo propício para que essa estratégia seja possível na atualidade, quer sejam: discussões sobre os estudos da determinação do sexo que, por extrapolação, atestam a determinação da identidade de gênero e abrem espaço para as terapias de reorientação sexual que, uma vez mais, figuram como ameaças a existência das dissidências sexuais e de gênero. Estão aí articulados os efeitos da divisão entre sexo e gênero, o problema epistemológico que o próprio sexo representa, bem como o princípio de inteligibilidade conferido pelo sexo. Com isso, tento (re)compor uma espécie de relação entre as noções presentificadas nos documentos que analiso (desde os artigos científicos até os *tweets* e as matérias *online*), e as teorias científicas às quais o fundamentalismo religioso têm recorrido, sendo importante ressaltar que este movimento está centrado na aposta de que o *modus operandi* da disseminação dos discursos de ódio e violência contra as dissidências sexuais e de gênero pelo viés fundamentalista religioso, na atualidade, têm transpassado um movimento de apropriação desses saberes e que isso tem sido feito a partir de alguns estudos e teorias presentificadas nos documentos selecionados e ganhado força e repercussão nas mídias sociais.

Em suma, o texto está organizado nas três entradas de problematização anunciadas anteriormente: I) as sexualidades e gêneros dissidentes como um construto fisiológico, endocrinológico e genético (o que estou chamando de *Uma etiologia da homossexualidade*); II) as sexualidades e gêneros dissidentes como desvios a serem corrigidos (o que estou chamando de *Uma ficção cientificamente ensaiada*); e III) as sexualidades e gêneros dissidentes como uma doença (o que estou chamando de *A peste gay*).

2.1 Uma etiologia da homossexualidade

Se o intuito é pensar de que forma algumas noções sobre a etiologia das sexualidades e gênero dissidentes foram tecidas nos documentos que analiso - e já que o ataque fundamentalista religioso não se dirige somente a quem se relaciona afetiva e/ou sexualmente com pessoas de mesmo gênero - é importante que o título deste item, bem como o título do próximo item (*A peste gay*) sejam justificados. Onde estão as lésbicas, as pessoas bissexuais e trans nesse contexto? Que seja por uma limitação desta pesquisa e dos materiais empíricos escolhidos, parece-me que essas experiências foram apagadas, varridas

da história – pelo menos até um certo momento - de uma Ciência sobre a diversidade, ainda que algumas coisas possam ser consideradas: conforme será exposto ao longo do texto, os critérios de seleção dos sujeitos a serem examinados, ou o que é entendido como “homossexual” nos estudos em questão, nem sempre corresponde às experiências ditas “homossexuais”. Mesmo que se saiba que os estudos realizados com gays não possam ser extrapolados às lésbicas, bem como para pessoas bissexuais, e que tudo isso nada tem a ver com performatividades de gênero e experiências trans, aparentemente, todas as experiências dissidentes de gênero e sexualidade se colocam, nesses documentos, sob o guarda-chuva da “homossexualidade”.

Em alguns documentos as pessoas designadas como “homens homossexuais femininos” talvez estivessem mais próximas de experiências trans; em outros documentos, alguma coisa ou outra é mencionada sobre lésbicas. No entanto, o fato é que há uma voracidade sobre os estudos em gays, por isso, creio ser coerente chamar este item de *Uma etiologia da homossexualidade* (já que a “homossexualidade” é o que se produziu) ao invés de *Uma etiologia das dissidências sexuais e de gênero*, por exemplo. Com isso, não quero fazer generalizações, mas também não seria útil partir de termos mais gerais para abarcar somente uma especificidade, a homossexualidade masculina. Talvez, a confusão criada pelo título deste item possa servir para outras problematizações que reconheço não ser o foco desta pesquisa, como exemplo: como os estudos científicos-biológicos sobre experiências trans e outras manifestações do desejo não heterossexuais podem ser pensados como fontes de reverberação de discursos de violência?

A questão é que mesmo não encontrando um número significativo de enunciados que se referem especificamente as pessoas que não são gays, isso também é importante porque nos mostra como a Ciência moderna tem entendido outras experiências sexuais e de gênero, e como isso surte efeito no campo social, político e cultural. As personalidades fundamentalistas que cito, por exemplo, usam as expressões “ditadura gay”, “homossexualismo” e “homossexualidade” para falar sobre qualquer dissidência sexual e de gênero. Pensando nisso, ao articular as noções presentificadas nos documentos que analiso e as teorias científicas às quais o fundamentalismo religioso tem recorrido, conforme anunciado anteriormente, tomo o cuidado de usar os termos conforme constam nos documentos.

Sendo assim, é necessário dizer que considerar todo o universo publicado sobre a fisiologia, a endocrinologia e a genética das sexualidades e gêneros dissidentes nos levaria à

exaustão e contraria o intento desta pesquisa, que não é o de reconstruir uma história dessas especialidades médicas e biológicas. Aliás, mesmo que pudéssemos reunir todos esses estudos, o que foi produzido não pode ser comparado se considerarmos as diferentes metodologias, amostragens e matrizes de estruturação, que tornam extremamente difícil uma compilação de evidências que possam ser consideradas “consistentes” (FAUSTO-STERLING, 2012). Em vista disso, abro essa discussão com o que considero ser um ponto de partida interessante e menos pretencioso: um esquema atualíssimo das camadas de determinação do sexo (Figura 37), elaborado em meados da década de 1950, por John Money⁸⁵ e equipe, usado mundo afora para estabelecer caminhos supostamente seguros para a determinação do “sexo biológico” e, posteriormente, da identidade de gênero.

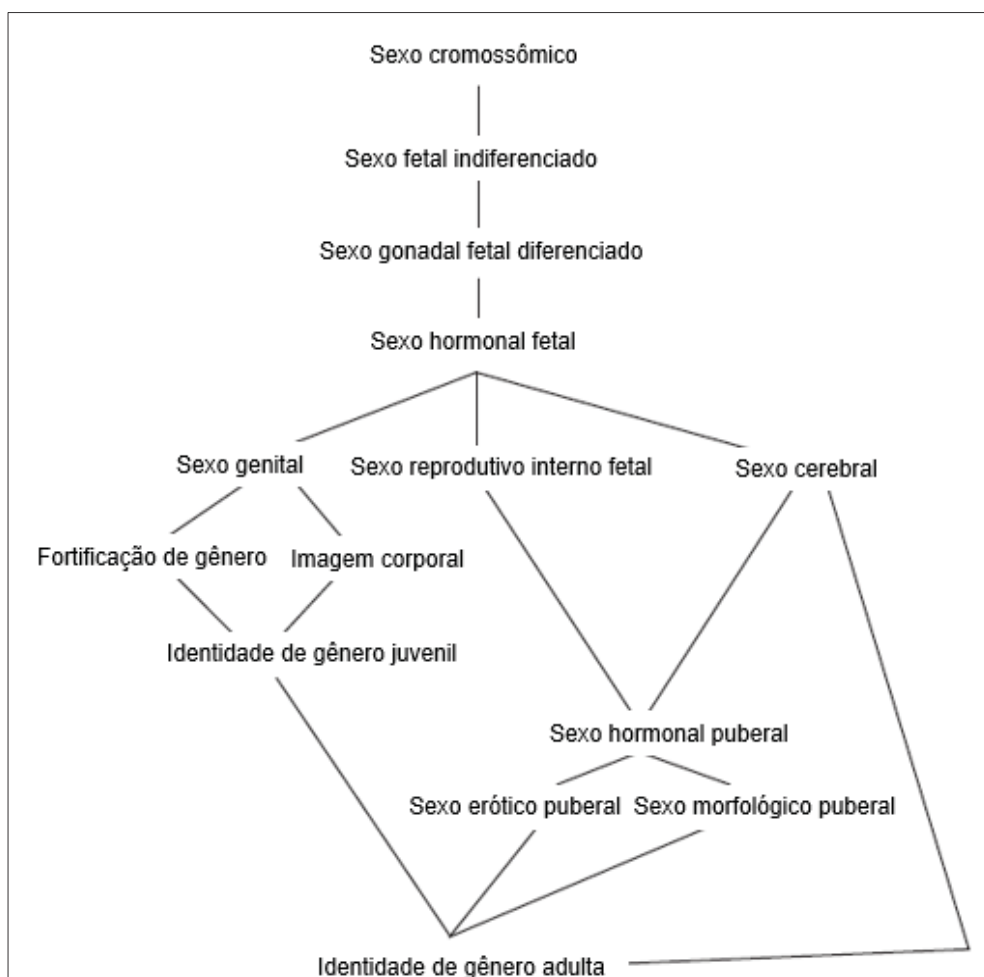


Figura 37. Camadas de determinação do sexo⁸⁶

⁸⁵ Nos Estados Unidos, a partir de 1950, Money ficaria conhecido como o mais célebre especialista em intersexualidade.

⁸⁶ O esquema é parte de uma discussão que Fausto-Sterling faz referente à tese de Ph.D. de Money publicada em 1952, *Hermafroditism*. A figura foi extraída de Fausto-Sterling (2012, p.5) e traduzida livremente por mim.

Ora, poderíamos encurtar esse caminho se lembrarmos que após o 3º mês de gestação é possível dizer o sexo da criança apenas pela aparência de sua genitália: “é um menino!” ou “é uma menina!”, dizem as célebres frases. Perceba que a partir daí paramos de dizer macho e fêmea e começamos a falar em gênero. Suscita-se, assim, todo um aparato discursivo disposto a afirmar o gênero da criança: brinquedos, cores e práticas diferenciadas e inerentes à masculinidade e à feminilidade – é o que Fausto-Sterling exemplifica como o **reforço de gênero**. A partir daí, quando as crianças começam a explorar o mundo ao seu redor, são os sentidos que lhes forneceriam as informações primárias e auxiliariam no desenvolvimento de seu próprio corpo, formando uma imagem corporal sensorial. A anatomia genital externa afetaria essa imagem, conformando um outro nível de formação sexual, o **sexo da imagem corporal**.

Agora, pensando o lado direito do esquema, temos o **sexo cerebral**, desenvolvido a partir do sexo hormonal fetal, que pode ser feminino ou masculino. Aqui as investigações são muitas, mas para todos os efeitos, características de um cérebro feminino envolveriam menos aptidão às ciências exatas, aos esportes ou à agressividade e mais romantismo, sentimentalismo, monogamia, dependência emocional etc. Ao passo em que um “típico” cérebro masculino condicionaria o gosto pelos números, pelas atividades abstratas, pela agressividade, pela poligamia, pela dominação etc. Em suma, a soma de todos os “sexos” elencados até o momento formaria uma **identidade de gênero juvenil**, um senso precoce de pertencimento ao universo masculino ou ao feminino. Finalmente, na puberdade, as gônadas diferenciadas se tornariam ativas, colocando em ação o **sexo hormonal puberal**, responsável pelo desenvolvimento das sensações eróticas e desejos (**sexo erótico puberal**) e da anatomia sexual diferenciada adulta (**sexo morfológico puberal**). Por fim, todo esse arranjo convergeria e resultaria na produção de uma **identidade de gênero adulta**, o senso de ser um homem adulto ou uma mulher adulta.

Note que o tempo todo quis me referir ao esquema de Money no futuro do pretérito: formaria, desenvolveria, afetaria etc., e isso não foi à toa. A ilustração de suas pretensões é muito limpa e direta, mas não nos esqueçamos que cada um desses “sexos” ou todas essas “camadas de determinação do sexo” podem se desenvolver independentemente uma da outra⁸⁷. Quando isso acontece, há o que poderíamos chamar de “pane no (cis)tema!”. Para as

⁸⁷ Para a descrição dos processos biológicos detalhados, veja Fausto-Sterling (2012).

crianças que possuem um número de cromossomos autossomos e sexuais diferentes da condição 46, XX ou 46, XY; ou para aquelas cuja genitália não pode ser claramente identificada como feminina ou masculina; ou, ainda, quando a genitália é “incompatível” com a constituição cromossômica sexual, há sempre um nome-outro para enquadrá-las. Existem as “super fêmeas” cuja constituição cromossômica pode ser 47, XXX; os “super machos” de 47, XYY; há pessoas intersexos⁸⁸, que podem ter 47, XXY; também podem ser fenotipicamente femininas mas de constituição cromossômica sexual XY e fenotipicamente masculinas de constituição cromossômica sexual XX – todas incluídas no que é chamado de “distúrbio do desenvolvimento sexual”. Fausto-Sterling (1993) nos provoca a pensar que se levássemos a cabo o que supõe a biologia, usando seus próprios critérios, no espectro entre macho e fêmea, existiriam pelo menos cinco sexos (XX, XY, XXX, XXY, XYY) e, talvez, mais que isso. De fato, é estranho pensar que para a sociedade ocidental, tão ciente de suas maravilhas científicas, o que se considera legítimo para o sexo ainda se cristalize no binômio hierarquizado masculino/feminino.

O que é suscitado pelas camadas de determinação do sexo é a plasticidade com que operam, o biológico só interessa à medida em que pode corroborar a flexibilidade da determinação do sexo que, independentemente das vias que tomar (ou das intervenções hormonais e cirúrgicas), só poderia resultar em duas coisas, feminino ou masculino. O objetivo sempre foi a designação de um sexo normal ou de um “bom sexo”, ou seja, composto fundamentalmente por um aparato genital masculino ou feminino plausível em um comportamento sexual que deve ser normal. Por isso, o que comumente entendemos por “sexo biológico” remete muito mais aos papéis e comportamentos sexuais que a um processo biológico de sexuação; este conceito sempre traz consigo uma tecnologia de gênero disposta a gerir a reprodução, porque quando uma equipe médica assinala um **sexo definitivo**, não é suficiente que a criança se torne homem ou mulher, para o sucesso completo do tratamento é necessário que ela também seja heterossexual (DORLIN, 2009).

⁸⁸ Usualmente, o termo “intersexo” tem sido empregado como uma generalização para os três maiores subgrupos de pessoas que possuem uma mistura de características anatômicas, cromossômicas, etc., femininas e masculinas. Há pessoas que possuem um testículo e um ovário, tratadas na literatura médica como “hermafroditas verdadeiras”, pessoas com testículos e alguns aspectos da genitália feminina, mas não ovários, chamadas de “pseudo-hermafroditas masculinas”, e pessoas que possuem ovários e alguns aspectos da genitália masculina, mas sem testículos, chamadas de “pseudo-hermafroditas femininas” (FAUSTO-STERLING, 1993).

Veja, por exemplo, o caso John/Joan. John (codinome escolhido para a criança no estudo em questão), tinha oito meses quando teve seu pênis decepado durante uma cirurgia de circuncisão, em 1966. Os pais de John procuraram Money, especialista em pesquisa sexual que, por sua vez, sugeriu que fosse redesignado um sexo para a criança, uma vez que um “homem biológico” não poderia ser “verdadeiramente homem” sem pênis. Deste modo, aos dois anos de idade, a criança foi tratada no hospital da Universidade John Hopkins, segundo o método designado para pessoas intersexos (ainda que não se tratasse de um caso de intersexualidade): foi castrada e passou por tratamentos hormonais para ser transformada em uma menina, Joan. Alinhado ao tratamento, a família de John/Joan foi orientada a incentivar comportamentos esperados para uma menina e punir comportamentos considerados masculinos. John/Joan ganhou bonecas, e deveria zelar pela sua limpeza e apresentação, tendo sua identidade feminina reforçada pela família sempre que possível (COLAPINTO, 2001). Logo, o caso John/Joan foi usado como exemplo de sucesso e fez a fama de Money - era possível que a identidade de gênero fosse mudada apesar da determinação do sexo. Portanto, o sexo biológico não era uma fatalidade, ainda que as categorias homem e mulher tivessem suas bases biológicas. A identidade de gênero poderia ser reconstruída e, sem dúvida, construída e determinada mediante uma intervenção técnica (DORLIN, 2009).

No início da década de 1970, uma outra criança, de 4 anos e 11 meses, foi tratada no Programa de Problemas de Gênero na Infância, financiado pelo governo estadunidense, na Universidade da Califórnia, em Los Angeles (U.C.L.A.). Kraig (codinome escolhido para a criança) se encaixava no perfil de jovens meninos com comportamentos sexuais femininos que, segundo a equipe que conduziu o estudo, era objeto de interesse científico pela crescente evidência de que transitar entre gêneros (*cross-gender*) na infância era indicativo de anormalidades sexuais na fase adulta, como o “travestismo”, o “transsexualismo” e a “homossexualidade” (REKERS; LOVAAS, 1974). Kraig apresentava todos os comportamentos elencados como indicativos de um distúrbio de gênero, a saber: preferência por roupas do sexo oposto, uso real ou imaginário de artigos cosméticos, maneirismos comportamentais femininos, aversão a atividades masculinas e preferência por brincadeiras de meninas e atividades femininas, preferência pelo papel feminino, inflexão de voz feminina e conteúdo predominantemente feminino na fala, e desejo expresso em ser uma menina. O tratamento se justificaria pois, além dessas características, o comportamento de Kraig causava seu isolamento e ridicularização na escola. Mais do que isso, como consta no estudo:

Embora a sociedade provavelmente possa se dar ao luxo de tornar-se mais tolerante com indivíduos desviantes de seu papel sexual, os fatos permanecem de que ela é intolerante e, sendo realista, é potencialmente mais difícil modificar os comportamentos da sociedade do que os de Kraig a fim de aliviar seu sofrimento. (REKERS; LOVAAS, 1974, p.174)

Na clínica da U.C.L.A coube à mãe de Kraig o papel de terapeuta: deveria ignorar-lhe quando escolhesse brincar com objetos ditos femininos e fazer elogios quando brincasse com objetos ditos masculinos. O tratamento clínico durou dez meses, mas, em casa, era muito mais severo e durou até o fim da infância de Kraig. Usando um sistema de recompensa e punição, a criança ganhava fichas de *poker* azuis acompanhadas de doces quando apresentava comportamento masculino, mas quando se comportava “feito menina” ganhava fichas rosas e, junto a elas, sessões de espancamento pelas mãos de seu pai.

Os casos citados ilustram as premissas da separação entre sexo e gênero que seriam discutidas na década de 1970 entre os estudos feministas e que ainda reverberam nos dias de hoje. Um dos efeitos dessa separação foi abrigar sob o conceito de gênero todas as discussões concernentes à construção da feminilidade e da masculinidade e deixar intocável o “sexo biológico”, como uma entidade a-histórica. Nesse processo, esqueceu-se o processo biológico da sexuação e o que sobrou do sexo foi reduzido às categorias macho e fêmea – instâncias sociais agora naturalizadas (DORLIN, 2009). Novamente: o problema reside no que este conceito carrega, pois a anatomia nunca está sozinha. Neste conceito também se perpetuam os papéis de gênero e sempre o lugar inapropriado das sexualidades e gêneros dissidentes no desenvolvimento sexual “normal”. Na perspectiva dicotômica sexo/gênero, em que se pensava haver uma emancipação da anatomia e dos determinismos biológicos que justificavam as relações sociais desiguais entre homens e mulheres, uma vez que o gênero seria uma inscrição cultural sobre os corpos já sexuados, mascara-se o próprio caráter essencialista do gênero.

Seguindo a trilha de Dorlin (2009), somente no final dos anos 1980 a historicidade do “sexo biológico” receberia destaque nos campos da sociologia, da filosofia e da história da Ciência e gênero se tornaria uma categoria útil de análise histórica⁸⁹, um conceito crítico que colocaria em suspenso o que já se sabe sobre os sexos. Deste modo, mulheres cientistas, dentre elas, biólogas, estão (re)escrevendo a história do sexo biológico, e têm mostrado como

⁸⁹ Referência ao artigo de Joan Scott *Gender: a useful category of historical analysis*, de 1986.

aquilo definido como um dado biológico por excelência, está atravessado pelas concepções de gênero hegemônicas de nossa sociedade. A questão em jogo é que não há como descolar os entendimentos sociais e culturais de gênero da Ciência que se tem feito, sobretudo, no que concerne ao sexo. Pensando o gênero como um ponto central de interesse nessa questão, é possível até mesmo entender o motivo das práticas e teorias científicas se modificarem e reafirmarem a todo tempo, em uma espécie de égide do “avanço científico”. Parece que foi sempre o gênero que esteve em disputa, tanto porque ele pauta ou modula aspectos das pesquisas, quanto pelo fato de que as pesquisas mudam a percepção social sobre o gênero.

Tomando como exemplo o esquema de Money discutido anteriormente (Figura 37), o poder da fecundação tem sido, sistematicamente, atribuído ao homem - possuidor do espermatozoide ativo e veloz, em detrimento à mulher - cujos óvulos são massas passivas e inertes à espera de que algo aconteça. Ainda que, por vezes, em uma tentativa de apaziguamento, o óvulo e o espermatozoide sejam dispostos em uma espécie de parceria, quando se diz que o óvulo pode ser ativo como o espermatozoide, não significa que a relação seja de igualdade, pois isso dependeria da reafirmação de valores masculinos. É por esse mesmo viés que se mascara o fato de que o óvulo teria um papel muito maior e decisivo para o desenvolvimento do zigoto, contribuindo com organelas, nutrientes e proteínas essenciais (SCHIEBINGER, 2001). No que concerne a primeira camada de determinação do sexo, o sexo cromossômico, o que aconteceria se a história evolutiva do cromossomo Y fosse ensinada? Afinal, ele teria sido uma derivação, ou melhor, uma degeneração de um cromossomo X. Esse cromossomo diminuto carrega apenas uma pequena fração da quantidade de genes que o cromossomo X possui. E quanto ao gene *SRY*, sabe-se que ele pode ser expresso até mesmo quando presente no cromossomo X pelo evento de uma translocação cromossômica. Ao privilegiar os atributos biológicos ditos masculinos, silenciam-se, também, achados de genes femininos que determinariam o nascimento de fêmeas (FAUSTO-STERLING, 2012). Continuamos a aprender e a ensinar conclusões tendenciosas, fatalistas e sexistas que privilegiam estudos que, por consequência, promovem a ideia de que a mulher é uma ausência da masculinidade.

Desde o final do século XVII o sexo foi definido segundo um modelo binário com a ajuda de diversos campos conceituais – a fisiopatologia do temperamento, a anatomia das genitálias e das gônadas, a informação hormonal (agora masculinos e femininos) e a genética (XX e XY). São quatro definições que fundamentam a distinção entre machos e fêmeas, mas

que também representam obstáculos epistemológicos para a própria compreensão científica do “sexo”, uma vez que a determinação dos processos de sexuação em duas categorias absolutamente distintas não pode ser sustentado cientificamente (DORLIN, 2009). Conforme Dorlin (2009, p.45, tradução minha):

Se a crise do fundamento natural do sexo (macho/feminino) permite manter a relação de gênero em boas condições, é sobretudo o efeito de uma distorção entre a teoria e a prática científica, que é ao mesmo tempo o efeito da crise e da solução desta última. A crise é mantida como tal. É uma situação científica de status quo que resolve um problema político, a saber, a reificação das categorias, não natural mas política, dos sexos: manter a investigação do fundamento natural do sexo em suspenso, usar na ausência de outra coisa ou enquanto um critério dóxico-prático: o gênero⁹⁰.

Se fizessemos o exercício de historicizar cada camada do sexo proposta por Money, veríamos se desmantelar não somente o caráter natural de cada uma delas, mas do próprio sexo⁹¹: lá estão implícitos processos históricos e políticos que deflagram seu caráter fictício. Nesse tensionamento, Butler (2003) nos diz que se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez ele seja tão culturalmente construído quanto o gênero. Em última instância, não há distinção entre sexo e gênero. Gênero não pode ser concebido como uma simples inscrição cultural em um corpo já sexuado, mas como o meio discursivo e cultural pela qual um “sexo natural” é produzido e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. Dispor a dualidade do sexo em um domínio pré-discursivo, como fazem as pesquisas científicas que influenciam todo o campo social é, por fim, uma estratégia para assegurar a estabilidade interna e binária do sexo.

O que estou tentando explicitar com essa discussão inicial é que as bases científicas das sexualidades e gêneros dissidentes são pensadas segundo os mesmos determinismos evocados pela história social e política de uma crise científica e social - a bicategorização impossível e contraditória dos sexos. Consequentemente, os conteúdos dos enunciados das

⁹⁰ Trecho original: “Si la crisis del fundamento natural del sexo (macho/hembra) permite mantener la relación de género en buenas condiciones, es ante todo el efecto de una distorsión entre teoría y práctica científicas, que es a la vez el efecto de la crisis y la solución de esta última. La crisis es mantenida como tal. Es una situación científica de statu quo que resuelve un problema político, a saber, la cosificación de las categorías, no naturales sino políticas, de los sexos: mantener la investigación del fundamento natural del sexo en suspenso, utilizar a falta de otra cosa o mientras un criterio dóxico-práctico: el género.”

⁹¹ Fausto-Sterling nos propõe discussões interessantíssimas sobre esse assunto em *Sex/Gender: biology in social world* (2012).

personalidades fundamentalistas religiosas incorporam esses mesmos problemas, como denotam os *tweets* das figuras 38, 39, 40 e 41.



Figura 38. *Tweet Feliciano*⁹²

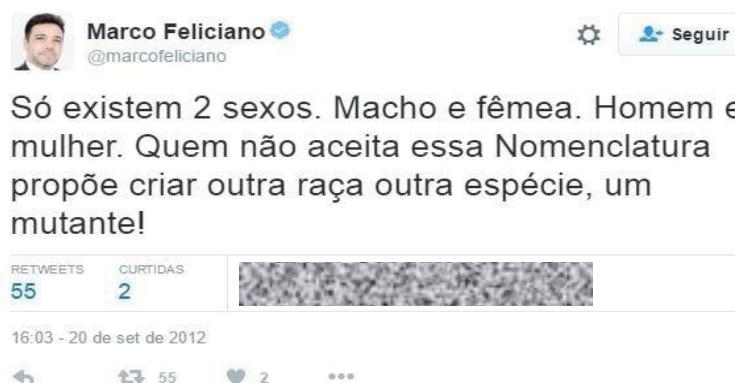


Figura 39. *Tweet Feliciano*⁹³



Figura 40. *Tweet Malafaia*⁹⁴

⁹²Extraído de FELICIANO, Marco. **@marcofeliciano**. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

⁹³ Extraído de FELICIANO, Marco. **@marcofeliciano**. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

⁹⁴ Extraído de MALAFAIA, Silas. **@PastorMalafaia**. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@PastorMalafaia>>. Acesso em: 22 out. 2016.



Figura 41. Tweet Lobo⁹⁵

Supondo, como disse Marisa Lobo, que o programa televisivo apresentado por Faustão fosse uma fonte científica confiável e que “todos deveriam ver a verdade manifesta na natureza animal”, em consonância ao que foi exposto até o momento, pode-se dizer que a determinação do sexo não é tão simples assim e tampouco dicotômica. Tarefa muito mais complexa seria entender porque a “homossexualidade” é excluída da natureza do sexo como supõem as personalidades fundamentalistas religiosas. Talvez por isso se insista tanto em dizer que “menina é XX, menino é XY” e “menina já nasce menina, menino já nasce menino”, porque confere estabilidade de identidade. O que o fundamentalismo religioso propõe é afirmarmos o “sexo biológico” e vivermos de acordo com esse ponto inexorável da natureza, de forma que os gêneros e as sexualidades dissidentes não podem coexistir com a conformação cisgênero e heterossexual, porque que desafiam as leis da natureza e, oportunamente, as leis divinas.

Há, sem dúvida, uma preocupação com o destino natural (Figura 42) que restringe o uso dos corpos e dos prazeres em uma equação que funciona pelo reforço do papel natural e sadio da reprodução que está respaldado pelo o que está escrito na bíblia (NATIVIDADE, 2006). Mas, além disso, arrisco dizer que essas prerrogativas também estão respaldadas na biologia que, por um lado, mantém o problema epistemológico suscitado pelo sexo e que, por outro lado, tem servido como pressuposto, tanto pelos discursos fundamentalistas religiosos,

⁹⁵ Extraído de LOBO, Marisa. @marisa_lobo. Não paginado. Disponível em: <http://twitter.com/@marisa_lobo>. Acesso em: 22 out. 2016.

quanto pela mídia, que reproduz as descobertas científicas sem qualquer cuidado ou sutileza de linguagem⁹⁶.



Figura 42. Tweet Feliciano⁹⁷

Os enunciados fundamentalistas reiteram a natureza heterossexual às custas de um *status* de anormalidade elencado historicamente aos gêneros e sexualidades dissidentes, designando-as como um terceiro sexo mutante, antinatural e inadmissível. No entanto, conforme venho afirmando, noções semelhantes podem ser encontradas em suposições que esbarram em diferentes etiologias que persistem em investigações científicas que buscam identificar hormônios, genes, estruturas ou mecanismos neurais que as justifiquem sempre em uma relação de hierarquia que as supõem como desvios ou anormalidades. Podemos começar com um excerto do Doc. 3:

Doc. 3:

Homossexuais entre os seres humanos também são, pelo menos até certo ponto, **definidos como intersexos**. Existem, então, duas possibilidades. Os homens homossexuais podem ser considerados como homens mais ou menos feminizados ou como verdadeiros intermediários sexuais masculinos, que são

⁹⁶ Os enunciados de outros contextos midiáticos serão abordados ao longo do texto.

⁹⁷ Extraído de FELICIANO, Marco. @marcofeliciano. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

geneticamente femininos mas perderam todas as características morfológicas do sexo, exceto a fórmula cromossômica.

(LANG, 1940, p.55-56, grifo meu, tradução livre feita por mim)⁹⁸

A homossexualidade seria explicada pela constituição cromossômica sexual feminina (XX) dos indivíduos que, misteriosamente, faria com que desejassem sexualmente alguém do mesmo sexo. Interessantemente, o experimento foi conduzido sem que se soubesse a constituição cromossômica sexual dos sujeitos analisados, sendo que a suposição de que homossexuais eram “mulheres invertidas” foi baseada em um experimento realizado com borboletas por outro pesquisador em uma outra pesquisa⁹⁹. A despeito dos problemas de rigor científico desse estudo, o importante é que a suposta intersexualidade dos indivíduos, que explicaria a inversão da escolha do objeto de desejo, difere sensivelmente das primeiras concepções de cunho semelhante pensadas no século XIX e, conseqüentemente, de suas finalidades.

O termo “uranista”, por exemplo, foi uma concepção criada em meados de 1860, por Karl Heinrich Ulrichs, para designar que um sujeito homossexual fosse, na verdade, uma mulher presa no corpo de um homem. Outro exemplo é a noção de terceiro sexo pensada por Magnus Hirschfeld, em que homossexuais possuiriam uma inversão congênita ou psíquica, cujas características físicas pertenceriam ao gênero masculino, mas os instintos sexuais não corresponderiam aos órgãos sexuais. Ulrichs e Hirschfeld podem ser considerados pioneiros que escreveram sobre as bases biológicas da homossexualidade na tentativa de descriminalizá-la, de apresentá-la como uma condição natural, não como uma imoralidade ou perversão na época em que a teoria da degeneração vigorava na Europa. No entanto, essas tentativas abriram caminhos para que toda uma extensão de pesquisas que aproximariam a homossexualidade à uma noção de doença ganhasse notoriedade e legitimidade.

⁹⁸ Trecho original: “[...] homosexuals among human beings, too, are at least to a certain extent defined as intersexes. There are then two possibilities. Male homosexuals may be regarded either as more or less feminized males or as real male sex intergrades, which are genetically female but have lost all morphological sex characteristics except their chromosome formula.”

⁹⁹ No Doc. 3, essa pesquisa é indicada como GOLDSCHMIDT, R. Z. *Abstammungslehre*, vol.7, 1912.

Neste caso, a diferença não está somente nos termos empregados, mas também em uma suspensão de entendimentos que podem ser considerados “mais brandos” sobre a homossexualidade e que, posteriormente, abriria espaço para as tentativas de normalização quando as bases científicas da homossexualidade adentraram outros campos de investigação, como a endocrinologia e a neurologia. Seja como for, há a **invenção de um diferencial biológico entre heterossexuais/normais e homossexuais/anormais** quando de uma substancialização, tem-se uma marca cravada definitivamente no corpo. Não se poderia mais justificar a existência da homossexualidade pelo “campo das ideias”, uma vez que dizer que homossexuais possuíam uma identidade mista e indefinida tinha implicações desconcertantes, já que a ambiguidade suscitada pela intersexualidade chacoalha as categorias fixas de gênero e confunde as noções de papéis de gênero considerados adequados (GREEN, 2000). Destarte, outras teorias etiológicas da homossexualidade produziram resultados que poderiam ser comprovados mais facilmente, conforme ilustra um excerto do Doc. 4.

Doc. 4:

A maior parte da literatura que trata da etiologia da homossexualidade se preocupa principalmente com estudos da psicogênese ou com os fatores endocrinológicos e etiológicos constitucionais associados. Parece haver investigações insuficientes sobre **variações do sistema nervoso central** em homossexuais.

(SILVERMAN; ROSANOFF, 1945, p.311, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹⁰⁰

Neste estudo, a homossexualidade foi comparada a condição *borderline*¹⁰¹, conforme ilustrado pela comparação entre um eletroencefalograma de uma pessoa diagnosticada *borderline* e um sujeito homossexual analisado, respectivamente (Figura 43).

¹⁰⁰ Trecho original: “The bulk of literature dealing with the etiology of homosexuality is concerned primarily with studies of the psychogenesis or with the endocrinological and associated constitutional etiological factors. There seems to have been insufficient research on variations of the central nervous system in homosexuals”.

¹⁰¹ O DSM-5 especifica tal condição como um transtorno de personalidade cujos critérios diagnósticos incluem: intolerância à solidão; alternância entre extremos de idealização e desvalorização em relacionamentos interpessoais, que seguem padrões instáveis e intensos; perturbação da identidade; impulsividade que possa prejudicar sua própria vida; oscilações frequentes de humor; intenção suicida; entre outros (APA, 2014).

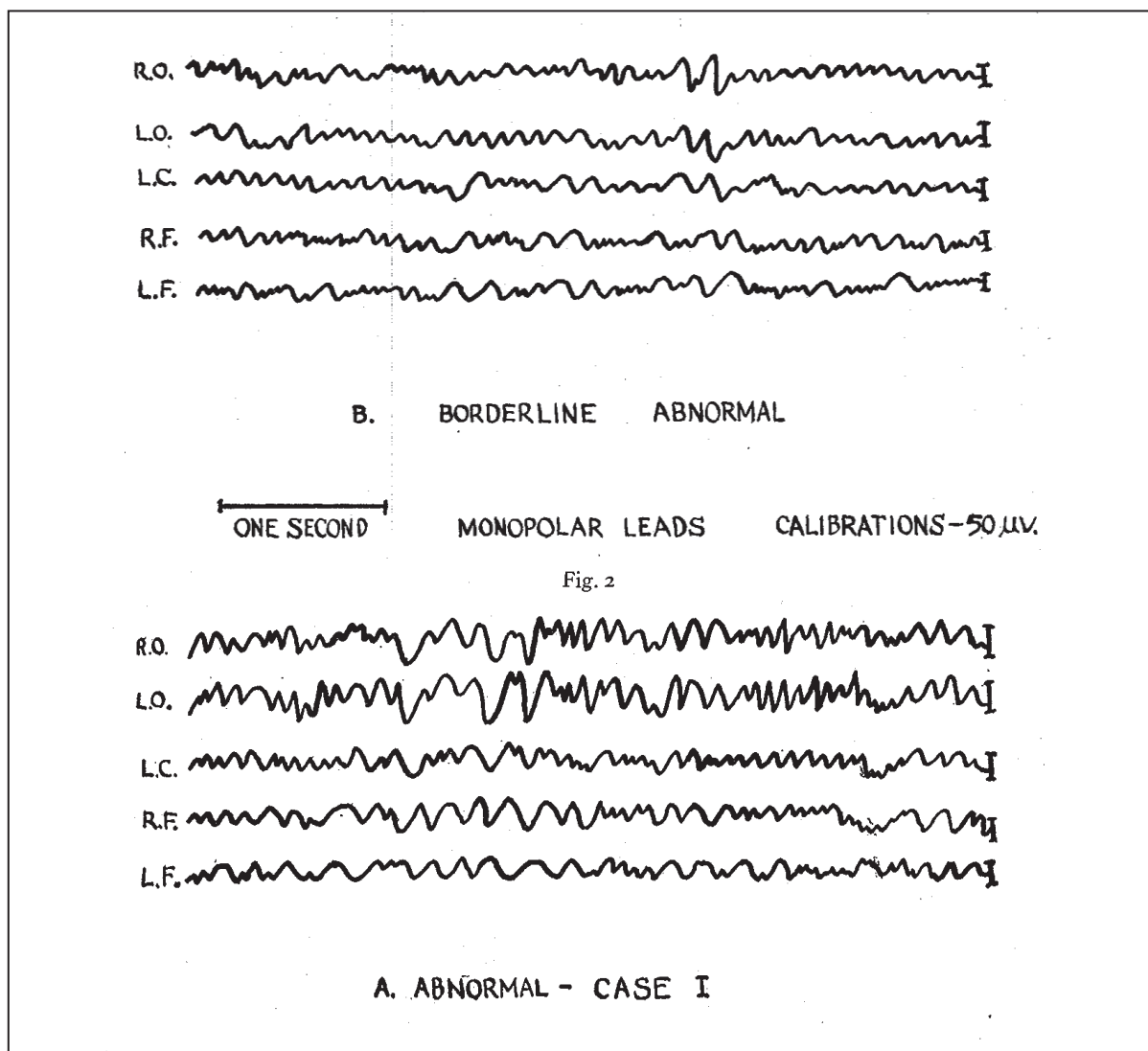


Figura 43. Controle *Borderline* e sujeito homossexual analisado¹⁰²

No Doc. 2 também se aciona uma relação de efeito e causa, mas, dessa vez, com relação a um hormônio sexual pré-natal.

Doc. 2:

Pode ser que nos seres humanos os hormônios controlem a diferenciação do cérebro e a direção da subsequente escolha do objeto sexual na vida adulta. Co-pesquisadores sugeriram que o **comportamento dos homens homossexuais primários tem como causa essencial um cérebro feminino diferenciado**. Vemos essa diferenciação como **resultado da**

¹⁰² Figura extraída de Silverman; Rosanoff (1945, p. 318).

ausência de um efeito androgênico no hipotálamo durante o período crítico para a diferenciação do sexo

(MACCULLOCH, 1980, p. 137, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹⁰³

Abaixo, reproduzo dois esquemas apresentados no documento para explicar o mecanismo de sexuação cerebral. O primeiro diz respeito ao processo considerado *normal* (Figura 44) e o segundo representa o que seria a feminização anormal em homossexuais (Figura 45).

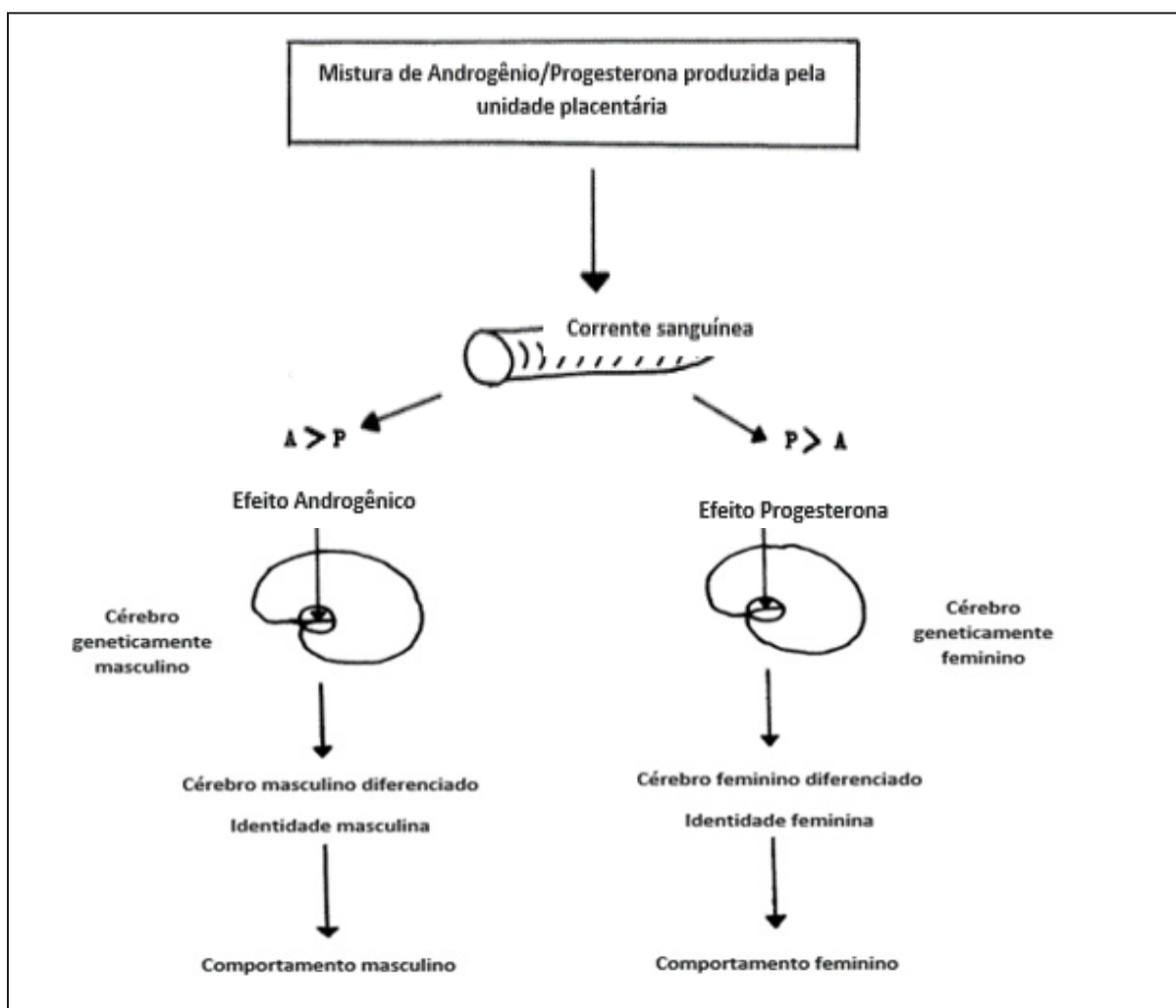


Figura 44. Mecanismo responsável pelo dimorfismo sexual cerebral “normal”¹⁰⁴

¹⁰³ Trecho original: “[...] it may be that in humans, hormones control brain differentiation and the direction of subsequent sexual object choice in adult life. Co-workers have suggested that the behaviour of primary male homosexuals has as its essential cause a female differentiated brain. We see this differentiation as resulting from the absence of an androgen effect in the hypothalamus during the critical period for brain sex differentiation”.

¹⁰⁴ Figura extraída de MacCulloch (1980, p.136), tradução livre feita por mim.

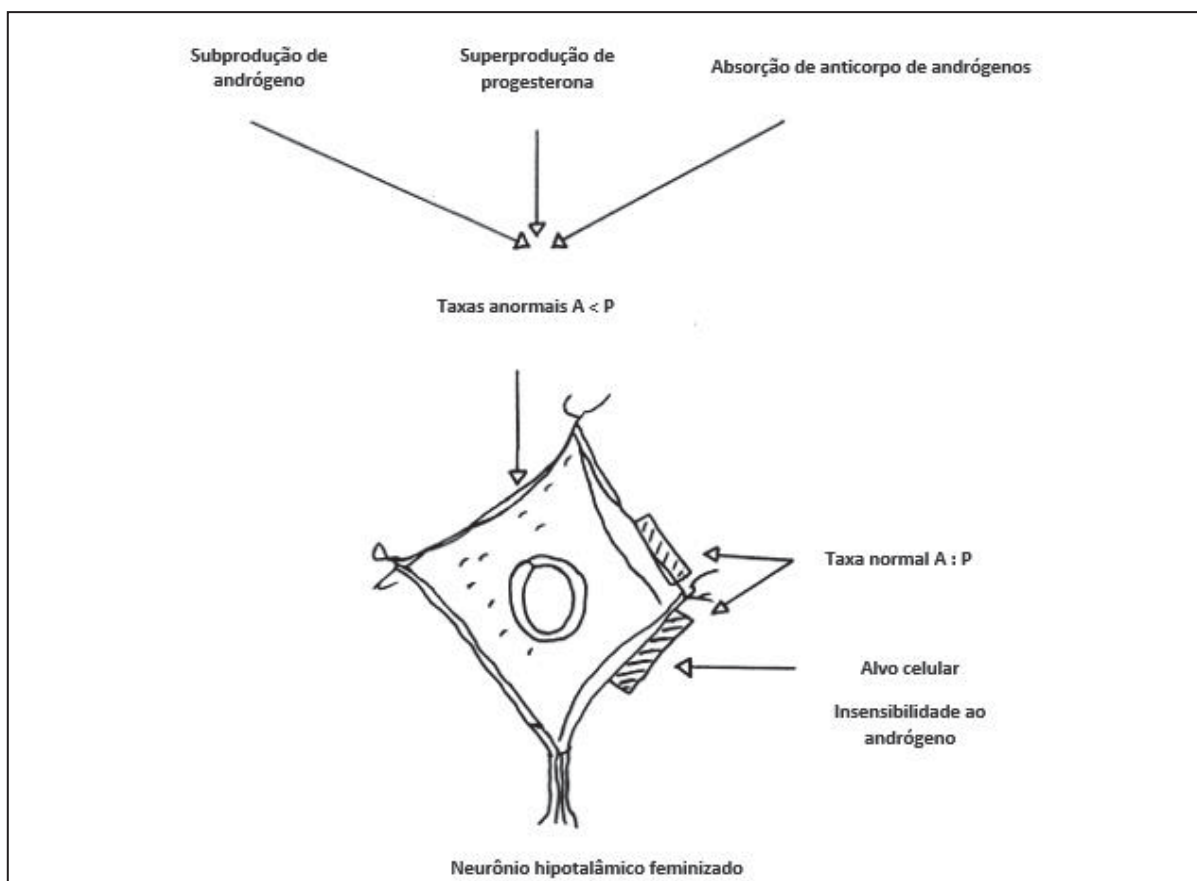


Figura 45. Possível mecanismo que levaria a uma diferenciação sexual feminina em um cérebro masculino¹⁰⁵

Fausto-Sterling (2012) nos alerta para o enquadramento usado na estruturação dessas pesquisas. Partindo de uma matriz de atração pelo sexo oposto para pensar a homossexualidade, faria sentido pensar que há um centro no cérebro que controla o desejo sexual e que ele se desenvolve em vias masculinas (preferência por mulheres) ou femininas (preferência por homens), dependendo, provavelmente, da ação hormonal sexual pré-natal. Nessa perspectiva, tal qual adotada no Doc. 2, a homossexualidade é considerada como uma inversão da feminilidade, já que o cérebro de homens homossexuais teria regiões semelhantes a regiões presentes no cérebro de mulheres heterossexuais. Por outro lado, se o enquadramento a ser usado para pensar a homossexualidade fosse o modelo da atração pelo mesmo sexo, considerando-se que homens e mulheres homossexuais possuem diferentes organizações cerebrais do que homens e mulheres heterossexuais, então, seriam postulados dois modelos diferentes, um para os homens e um para as mulheres. Se o desejo pelo mesmo sexo fosse considerado, de fato, haveria um jeito mais justo de pensar o que propõe o Doc. 2,

¹⁰⁵ Figura extraída de MacCulloch (1980, p.137), tradução livre feita por mim.

ainda que a diferença seja estrutural e não de efeito, porque a homossexualidade continuaria sendo considerada algum tipo de inversão. O Doc. 2 se refere às lésbicas apenas como um exemplo complementar: uma alta exposição a andrógenos levaria à homossexualidade em mulheres, cujo hipotálamo seria insuficientemente feminizado e/ou protegido de quantidades normais de estrogênio por déficits de progesterona, ao passo em que uma baixa exposição a andrógenos provocaria a homossexualidade em homens.

Seja qual for o caso, diferenças estruturais entre cérebros de homossexuais e heterossexuais estão longe de serem achados positivos indiscutíveis e, mesmo que houvesse consenso sobre os hormônios sexuais pré-natais, por exemplo, não teríamos informações acerca da causalidade, porque são estudados cérebros adultos e, assim, não se pode dizer se o cérebro se desenvolveu em resposta a experiências anteriores ou se foi a anatomia que levou a esse padrão de comportamento em particular. Podemos dizer que um cérebro sexuado existe muito mais palpavelmente no campo social do que em evidências científicas, afinal, não há como fazer experimentos significativos em humanos. Além disso, o que tem sido dito é baseado em estudos com roedores, pássaros e, às vezes, com primatas (FAUSTO-STERLING, 2012). Essas investigações negligenciam a distinção desses diferentes enquadramentos e, como resultado, há uma literatura complexa que dificilmente pode ser sumarizada ou interpretada. Por isso, ainda que haja uma extensa pesquisa sobre as causas biológicas do desejo sexual, sabe-se menos sobre o assunto do que cientistas às vezes clamam.

Sem dúvida, há um salto temporal para o Doc. 2 (o último documento discutido), publicado em 1980 em relação aos documentos anteriormente discutidos, situados na década de 1940 (Docs. 1, 3 e 4). É importante dizer que a análise dos documentos não demarca uma linearidade, com um começo e fim dessas práticas científico-biológicas, mesmo porque elas são descontínuas. Com isso, quero dizer que as diferentes teorias etiológicas que estão sendo discutidas, sejam elas de ordem endocrinológica, genética ou neurológica, estiveram em voga a partir da segunda metade do século XIX, tomaram força no início do século XX, com altos e baixos, certamente, mas ainda ocorrem na atualidade, e arrisco a dizer que com consideráveis similitudes. Se nos dias de hoje as encontramos em outras roupagens, não é simplesmente porque acompanham os avanços científicos teóricos e técnicos, mas porque se submetem (ao mesmo tempo em que conformam) às demandas políticas e sociais vigentes. Em relação ao Doc. 2, por exemplo, não nos esqueçamos que os movimentos sociais de liberação gay lutavam há pelo menos dez anos pela despatologização da homossexualidade e sua retirada

do DSM, o que significa que outros posicionamentos deveriam ser adotados nessas investigações.

Nesse sentido, esse salto pode ser interessante porque nos indica uma mudança teórico-discursiva adotada nessas pesquisas: o Doc. 1, por exemplo, é intitulado *Homossexualidade: uma anomalia biológica*¹⁰⁶, enquanto o Doc. 2, de 1980, se chama *Aspectos biológicos da homossexualidade*¹⁰⁷. Sintetizando os documentos publicados na década de 1940, pode-se dizer que esses estudos estavam mais preocupados em procurar causas, produzir sintomas e curas para a “homossexualidade”, já que herdeiros da teoria da degenerescência. Segundo Foucault (2015, p. 128-129), essa teoria

[...] explicava de que maneira uma hereditariedade carregada de doenças diversas – orgânicas, funcionais ou psíquicas – pouco importa, produzia, no fim das contas, um perverso sexual [...] mas explicava, também, de que modo uma perversão sexual induzia um esgotamento da descendência – raquitismo dos filhos, esterilidade das gerações futuras. O conjunto perversão-hereditariedade-degenerescência constituiu um núcleo sólido das novas tecnologias do sexo. Não se tratava apenas de uma teoria médica cientificamente insuficiente e abusivamente moralizadora. Sua superfície de dispersão foi ampla e profunda a sua implantação. [...] Toda uma prática social, cuja forma ao mesmo tempo exagerada e coerente foi o racismo de Estado, deu a essa tecnologia do sexo um poder temível e longínquos efeitos.

Nesse contexto, as investigações científico-biológicas, aliadas aos saberes *psi*¹⁰⁸, pautariam a “homossexualidade” como um estado de debilidade, psicopatia ou neuropatia, além de uma doença para a espécie humana, o que justificaria o envio desses sujeitos não somente às prisões, mas a asilos e hospitais, como membros de uma espécie degenerada que deveria ser controlada, medicalizada e normalizada. Não à toa que os sujeitos examinados nos documentos selecionados como material empírico perfaziam, em sua maioria, populações encarceradas e de hospitais. Estudando pacientes de um hospital federal, por exemplo, o Doc. 1 supõe ser a homossexualidade um desvio multifatorial, atrelando o diferencial biológico à ideia da figura **homossexual afeminada**, associada ao comportamento “natural” feminino.

¹⁰⁶ Do original: *Homosexuality: a biological anomaly*.

¹⁰⁷ Do original: *Biological aspects of homosexuality*.

¹⁰⁸ Referência à primeira versão oficial do DSM, de 1952, que incluía a homossexualidade como um desvio sexual e, conseqüentemente, como uma doença.

Doc. 1:

Os homens homossexuais femininos diferem de outros homens na medida em que a diminuição habitual da colinesterase sérica após prostigmina não ocorre. **Os homens homossexuais masculinos estudados provavelmente são facultativos em sua anomalia.**

(WILLIAMS, 1944, p.65, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹⁰⁹

Doc. 1:

Embora provavelmente seja verdade que, dadas certas condições, qualquer homem possa participar de atividades homossexuais, há uma grande diferença entre o **homem que a faz como uma substituição para atividades heterossexuais e o indivíduo que, apesar de ter o físico masculino, tem o temperamento sexual feminino** (o termo sexual é usado em seu sentido mais amplo). Uma forma de expressão desta feminilidade é a preferência por assumir o papel feminino na relação sexual homossexual; indivíduos que designamos como **homens homossexuais femininos** (HHF). A evidência de que, em tais indivíduos, **um fenômeno biológico não presente nas pessoas assim-chamadas saudáveis** será apresentada neste relatório de **um estudo realizado no United Public Health Service Hospital**, Lexington, Kentucky.

(WILLIAMS, 1944, p.70, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹¹⁰

¹⁰⁹ Trecho original: "Although it is probably true that, given the right conditions, any male may indulge in homosexual activities, there is a vast difference between the man who does so as a substitution for heterosexual activities and the individual who, though having the physical of the male, has the sexual temperament of the female. (The word sexual is used in its broadest sense.) One form of expression of this femininity is the *preference* for assuming the feminine role in homosexual intercourse; such individuals we designate as feminine male homosexuals (FMH). Evidence that there is, in such individuals, a biological phenomenon not present in the so-called healthy person will be presented in this report of a study conducted at the United Public Health Service Hospital, Lexington, Kentucky".

¹¹⁰ Trecho original: "Feminine male homosexuals differ from other males in that the usual decrease in serum cholinesterase following prostigmine does not occur. The masculine male homosexuals studied are probably facultative in their anomaly"

Na bioquímica, a colinesterase sérica corresponde a uma enzima existente no fígado, no plasma, no pâncreas e no intestino delgado, sendo responsável pela destruição da acetilcolina (neurotransmissor) restante no espaço sináptico em colina e ácido cético. A reação de degradação permite o retorno do neurônio colinérgico ao estado de repouso após sua ativação, evitando uma transmissão excessiva de acetilcolina que resultaria em uma sobre-estimulação do músculo e, como consequência, debilidade e cansaço. A prostigmina é uma droga que inibe a ação da colinesterase sérica, de forma que quando administrada aos sujeitos estudados, esperava-se que a atividade enzimática diminuísse. Esse exemplo é representativo porque nos mostra como esse diferencial foi buscado em ínfimas coisas: “homossexuais femininos” seriam eminentemente anormais porque não foi constatada a diminuição da ação da colinesterase sérica em contato com a droga. O resultado também indica que essas pessoas não se assemelhavam às “mulheres de verdade”, cujos resultados eram semelhantes aos dos homens “normais”. Os homossexuais masculinos estavam dentro do padrão de normalidade considerado e, por isso, deveriam ser facultativos quanto à sua anomalia.

Desde a invenção da figura homossexual afeminada ao atributo biológico diferenciado, há todo um esforço para desvencilhar homens homossexuais de “homens de verdade”. Evocam-se a feminilidade, diferenças hormonais e cerebrais, sempre associando a figura homossexual afeminada às mulheres. Por suposto, haveria uma homossexualidade verdadeira, desempenhada por homens que se assemelham às mulheres por serem penetráveis, e uma homossexualidade falsa ou facultativa desempenhada por homens que praticam a penetração e, portanto, o papel masculino nas relações sexuais? Seria mesmo válido discutir provas científicas de algo que a própria Ciência inventou e fez incorporar no real? Afinal, essas questões expõem um outro aspecto suscitado pelos documentos científicos/biológicos, **os critérios de seleção dos sujeitos examinados**, que satisfazem a própria descrição imaginária científica sobre as sexualidades e gêneros dissidentes.

A seleção de sujeitos para um estudo depende, frequentemente, de escalas de quantificação e qualificação do desejo, tal qual a famosa escala de Alfred Kinsey (Figura 46). Algumas pesquisas se concentram no comportamento, outras na auto identificação sexual, outras nas fantasias e desejos. São diferentes pesquisas que usam uma mesma escala, mas que não intentam mensurar as mesmas características relativas ao comportamento e ao desejo e que, por vezes, descartam sujeitos porque mesmo que pareçam homossexuais em

alguns aspectos, suas respostas em questionários são consideradas “inconsistentes” (FAUSTO-STERLING, 2012).

- 0. Exclusivamente heterossexual
- 1. Predominantemente heterossexual, apenas incidentalmente homossexual
- 2. Predominantemente heterossexual, porém mais do que incidentalmente homossexual
- 3. Igualmente heterossexual e homossexual
- 4. Predominantemente homossexual, porém mais do que incidentalmente heterossexual
- 5. Predominantemente homossexual, apenas incidentalmente heterossexual
- 6. Exclusivamente homossexual
- X. Assexual

Figura 46. Escala Kinsey para a orientação sexual¹¹¹

Para ser elegível à essas pesquisas, uma pessoa deve ser considerada “verdadeiramente homossexual”. Neste caso, os estudos científicos-biológicos deflagram, novamente, um modelo que define a homossexualidade como algo bi-dimensional, absolutamente estático: você é ou não é, de modo que essa escolha, além de ser arbitrária, corresponde a um padrão normativo criado a partir da própria homossexualidade (FAUSTO-STERLING, 2012). No Doc. 2, por exemplo, duas categorias foram criadas: a homossexualidade primária e a homossexualidade secundária. No primeiro grupo se enquadrariam homens que nunca tiveram relações sexuais heterossexuais e, no segundo, homens que manifestaram algum tipo de desejo sexual por mulheres. Nos Docs. 4 e 1 prerrogativa semelhante foi adotada.

Doc. 2:

Os cálculos iniciais no final do teste confirmaram a impressão de que **havia duas categorias de homossexuais** – primária e secundária – a primeira é formada por aqueles que relataram que nunca manifestaram interesse heterossexual.

(MACCULLOCH, 1980, p.133, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹¹²

¹¹¹ Extraída de Fausto-Sterling (2012, p.84). Traduzida livremente por mim.

¹¹² Trecho original: “Early calculations at the end of the trial confirmed an impression that there were two categories of homosexuals – primary and secondary - the former being those who reported that they had never shown any heterosexual interest”.

Doc.4:

Os homens homossexuais masculinos (HHM) eram pós-adictos **conhecidos por ter desempenhado o papel masculino** com pelo menos uma pessoa do grupo HHF. Não fomos capazes de obter alianças com este grupo, mas não encontramos motivos para acreditar que preferiam os homossexuais às atividades heterossexuais.

(SILVERMAN; ROSANOFF, 1945, p.311, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹¹³

Doc.1:

Cinquenta e cinco homens homossexuais **foram selecionados da população da unidade psicopática do centro médico para prisioneiros federais**. A atividade homossexual persistente na prisão é tão comum que não pode ser usada como critério para selecionar casos de **homossexualidade verdadeira**. Muitos pesquisadores descobriram que muitos animais, além do homem, voltarão regularmente para a homossexualidade quando os sexos são segregados. A assunção habitual do **papel feminino no ato homossexual** ou a história de repetidos atos homossexuais no mundo livre constituiu nosso critério mais importante.

(WILLIAMS, 1944, p.66, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹¹⁴

Não há critérios neutros ou objetivos para dizer se alguém é ou não é homossexual, como tentam fazer as pesquisas científico-biológicas. Não existe essa “pretensão posição epistemicamente privilegiada de onde possamos apontar para o verdadeiro homossexual sem

¹¹³ Trecho original: “Fifty-five male homosexuals were selected from the population of the psychopatic unit of the Medical Center for Federal Prisoners. Overt homosexuality activity in prison is so common that it cannot be used as the criterion for selecting cases of true homosexuality. It has been shown by numerous investigators that many animals besides man will regularly turn to homosexuality when the sexes are segregated. The habitual assumption of the female role in the homosexual act or a history of repeated homosexual acts in free world constituted our most important criterion”.

¹¹⁴ Trecho original: “The masculine male homosexuals (MMH) were post-addicts who were known to have played the male role with at least one of the FMH group. We were not able to gain rapport with this group but we found no reason to believe that they preferred homosexuals to heterosexual activities”.

recorrer a petições de princípio ou circularidades de raciocínios escondidos” (COSTA, 2002, p.28). Nos Docs. 2, 4 e 1 tanto os “homens homossexuais femininos” (homens que são penetráveis por outros homens), como os “homens homossexuais cuja anomalia é facultativa” (que desempenhavam um papel “tipicamente masculino” na relação sexual) são caricaturas forjadas pelos saberes médicos, biológicos e psiquiátricos, tratando-se, deste modo, muito mais de um “componente da política, da sociedade, e da moral cultural e econômica do que de um fato da natureza, como pretende a grande maioria dos discursos médicos” (FAUSTO-STERLING, 2000, p. 5).

O mesmo pode ser dito quanto às lésbicas, às pessoas bissexuais e trans? Sobre essa questão, Lowy (2000) diz que a homossexualidade masculina é entendida como tendo maior estabilidade temporal, portanto, é vista como mais “natural” do que a homossexualidade feminina, menos estável, e tomada como mais “cultural”. Nesse sentido, arrisco dizer que esse entendimento possa ser estendido para as pessoas trans também, o que, em parte, justificaria a ausência dessas experiências nos documentos selecionados. Além disso, talvez as pessoas designadas como “homens homossexuais femininos”, por exemplo, estivessem mais próximas de experiências trans, tal como enunciado nos Docs.1 e 4:

Doc.1:

Caso nº 54 - Foi preso por prostituição masculina aos 17 anos enquanto vivia com outro HHF. **Eles viviam como mulheres, vestindo apenas roupas femininas** e ganhando seu sustento como prostitutas. [...]

(WILLIAMS, 1944, p.67, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹¹⁵

Doc. 4:

[...] Depois de alguns meses, no entanto, ele começou a ser muito afeminado em seus modos, tirou as sobrancelhas, etc., e vários bilhetes para outros internos homossexuais foram interceptados em que **referia a si mesmo como "Brenda" e "nós, meninas"**.

¹¹⁵ Trecho original: “Case nº 54 – Was arrested for male prostitution at the age of 17 while living with another FMH. They were living as women, wearing only feminine apparel and earning their livelihood as prostitutes. [...]”

(SILVERMAN; ROSANOFF, 1945, p.320, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹¹⁶

Com isso, não quero ceder aos estereótipos pelos quais, historicamente, as pessoas trans têm sido violentadas física e simbolicamente. Meu intento é o de mostrar que os critérios de seleção das amostras dessas pesquisas eram (e continua sendo) tão somente uma abstração, baseada em generalizações do campo social. Pessoas trans foram capturadas pelas pesquisas científico-biológicas diferentemente de homossexuais, bem como receberam diferentes investidas e tratamentos que merecem, sem dúvida, um trabalho de pesquisa mais específico que este. Em relação às lésbicas, além do Doc. 2 que, como discutido, aponta uma etiologia neurológica dependente de hormônios pré-natais (alta exposição à andrógenos), há apenas outras duas menções, nos Docs. 9 e 3:

Doc. 9:

Caso 6. Uma mulher branca de vinte e quatro anos. O nome e o endereço fornecidos foram reconhecidamente fictícios. **Disse ter sido lésbica** desde a puberdade. Promíscua. Preferiu o **papel ativo**. Tende a se vangloriar de suas conquistas. Embriagada nos últimos quatro anos [...]

(OWENSBY, 1940, p.66, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹¹⁷

Doc. 3

A mesma explicação vale para o fato de que **ainda não conseguimos estudar um material suficiente de mulheres homossexuais**. De acordo com o código criminal Germânico que está em vigor desde 1871, apesar de numerosas alterações especialmente durante os últimos cinco anos, **apenas as ofensas sexuais entre homens eram puníveis originalmente, enquanto a prática homossexual entre mulheres permanecia impune**.

¹¹⁶ Trecho original: "After a few months, however, he began to be very effeminate in his manner, plucked his eyebrows, etc., and several notes to other homosexual inmates were intercepted in which he referred to himself as "Brenda" and "we girls".

¹¹⁷ Trecho original: "Case 6. A White female aged twenty-four years. Name and address given were admittedly fictitious. Said to have been a lesbian since puberty. Promiscuous. Preferred the active role. Inclined to boast of her conquests. Inebriate for past four years."

(LANG, 1940, p.56-57, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹¹⁸

No Doc. 9 a experiência lésbica é associada ao comportamento sexual “tipicamente masculino”, ou ativo; é semelhante ao que acontece com a experiência homossexual em homens: para ser considerada verdadeira, a homossexualidade deve se assemelhar aos papéis de gênero naturalizados. Uma tese publicada em 1956 fez um levantamento de pesquisas até então publicadas sobre a homossexualidade em mulheres e os achados corroboram essa noção. No texto, afirma-se que dois grupos de lésbicas podem ser distinguidos. O primeiro incluiria as mulheres que demonstram traços eminentemente masculinos, sendo mais ou menos masculinizadas fisicamente - tais mulheres também imitariam os homens em sua vestimenta, comportamento e atitude. O segundo grupo incluiria aquelas que não demonstram nenhum sinal físico de anormalidade, cujos corpos são completamente femininos - essas mulheres viveriam vidas de mulheres casadas (LIDDICOAT, 1956).

Já no Doc. 3, lésbicas são mencionadas por sua ausência no estudo em questão. Os homens examinados advinham da coerção do parágrafo 175, do código criminal germânico, que proibia práticas sexuais entre homens, e aplicava punições como a prisão e a perda dos direitos civis. Deste modo, justifica-se no documento que a prática sexual entre mulheres não era passível de punição sob o parágrafo 175, porque se considerava que a experiência homossexual entre mulheres era um distúrbio passageiro facilmente corrigido. A lei vigorou de diferentes formas, de 15 de maio de 1871 a 11 de junho de 1994, sendo intensamente aplicada quando nazistas assumiram o poder em 1933, quando a lei foi alterada para punir qualquer ato homossexual, incluindo a masturbação que, antes desse período, não era passível de punição¹¹⁹.

Nos documentos selecionados, é certo que quanto mais os sujeitos examinados estivessem afastados dos padrões de masculinidade (no caso dos homens) ou dos padrões de

¹¹⁸ Trecho original: “The same explanation holds for the fact that we have not yet been able to study a sufficient material of female homosexuals. According to the German criminal code, which has been in force since 1871 in spite of numerous alterations, especially during the last five years, only sexual offenses between men were punishable originally while homosexual practice between woman remaneid unpunishable.”

¹¹⁹ Segundo o documentário *Paragraph 175*, de Rob Epstein e Jeffrey Friedman, estima-se que cerca de 100 mil homens dentre as famílias cristãs alemãs foram presos, sendo que, entre 10 e 15 mil foram mandados para campos de concentração. No ano 2000, quando o documentário foi feito, apenas dez homens dessa cifra permaneciam vivos.

feminilidade (para as mulheres), maior a investida e a abertura para outras suspeitas. Maura Corcini Lopes (2009), ao tecer seus estudos sobre surdez, vai falar em curvas de normalização que funcionam banindo para as zonas abjetas e inabitáveis os sujeitos que estão mais longe da norma. Mesmo que aqui o caso não seja surdez, mas a “homossexualidade”, o mesmo pode ser pensado, isto, é, “homossexuais” estariam, nessas curvas de normalização, mais longe de um ponto que pode ser definido como masculino, cis e heterossexual. Essa é justamente a situação que pode ser observada nos documentos. As operações de normalização realizadas por estas pesquisas trabalharam aprofundando a dicotomia normal/anormal - seja pela invenção do diferencial biológico ou pela figura do homossexual afeminado -, a partir de uma crescente obsessão em torno da norma que acirra o controle sobre esses corpos. Nessa esteira, para conferir maior legitimidade aos resultados obtidos, alguns estudos expõem relatos de caso sobre as pessoas examinadas para que não restem dúvidas sobre a escolha de seus sujeitos, bem como da importância de investigá-los. Destacarei excertos que mostram o que se considerava verdadeiramente homossexual e elegível aos experimentos nos Docs. 3, 9 e 4.

Doc. 3:

Caso N° 101. - Ele lembra que desde os 7 ou 8 anos de idade **preferiu a companhia de meninas e atividades de menina.** Primeira "relação sexual" aos 14 anos de idade. Foi enviado para uma escola de meninos em uma tentativa de "mudá-lo". Ele ficou convencido, assim como sua mãe, de que "Deus me fez dessa maneira e é inútil tentar fazer alguma coisa sobre isso".[...]

Caso N° 117. - Quando criança ele **gostava de usar as roupas de sua irmã. Seus pais perceberam que ele era queer** e enviaram-no para um internato aos 9 ou 10 anos. Foi expulso aos 14 anos de idade por práticas homossexuais. Foi expulso de duas outras escolas pelo mesmo motivo. Viajou muito e viu a vida no seu pior. Está familiarizado com muitas (talvez a maioria das) formas de práticas sexuais irregulares, mas só obtém prazer do coito anal. Sustenta-se com a prostituição[...]

(LANG, 1940, p.66, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹²⁰

Doc. 9:

Caso 3. Um homem branco de quarenta e quatro anos de idade. **Tem sido homossexual desde o início da juventude.** Passou a maior parte de sua vida em instituições penais por causa das oportunidades para satisfazer sua **perversão**. Ele parecia orgulhoso do fato de ser "**homem-mulher**". Estava constantemente embriagado fora da prisão.

(OWENSBY, 1940, p. 65-66, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹²¹

Doc. 4:

Caso 2: Homossexual com características psicopáticas criminais: um homem branco de 26 anos foi admitido no **Centro Médico de Prisioneiros Federais** em março de 1941, **diagnosticado com personalidade psicopática**. O paciente foi criado por uma tia e tio; sua mãe morreu quando ele era criança e seu pai era um "desleixado, alcoólatra sem valor". Diz-se que sua mãe teria sido uma ladra mesquinha e mentalmente atrasada. Os pais adotivos do paciente sempre foram economicamente independentes e estão livres de tendências de delinquência. [...] Quando criança, era imprudente, nervoso, mentiroso, insistia em impor sua própria vontade, contava histórias fantásticas, era teimoso, e ladrão. Aos nove anos, ele estava no Tribunal de Menores por se envolver em um ato homossexual com um homem adulto.

¹²⁰ Trecho original: "Case Nº 101. – He remembers that since the age of 7 or 8 he has preferred the company of girls and girlish activities. First "intercourse" at the age of 14. Was sent to a boy's school in an attempt to "change" him. He has become convinced, as had his mother, that "God made me this way and there is no use trying to do anything about it. [...] Case Nº 117. – As a young child he liked to wear his sister's clothes. His parents noticed that he was "queer" and sent him to a boarding school at the age 9 or 10. Was expelled at the age of 14 for homosexual practices. Was expelled from two other schools for the same reason. Has travelled much and has seen life at its worst. Is familiar with many (perhaps most) forms of irregular sex practices, but derives pleasure only from anal coitus. Has supported himself by prostitution [...]"

¹²¹ Trecho original: "Case 3. A White male aged forty-four years. Had been a homosexual since early youth. Most of his past life had been spent in penal institutions because of the opportunities to indulge his perversion. He seemed proud of the fact that he was a "man-woman". Was constantly inebriated when out of prison."

(SILVERMAN; ROSANOFF, 1945, p.318-319, tradução livre feita por mim)¹²²

Desse modo, os documentos científico-biológicos podem ser entendidos como frutos da explosão discursiva e da dispersão das sexualidades que foram incorporadas não só na Biologia, mas na Medicina, na Demografia, na Psiquiatria e na Psicologia, enfim, por saberes que se dispuseram em um processo crescente de controle e extração dos discursos dos corpos que, em seu escrutínio, viabilizavam a matéria necessária para os próprios processos que os patologizariam (FOUCAULT, 2015). Assim como os outros excertos destacados ao longo do texto, articulam-se ao exercício da *scientia sexualis*, visando a objetivação e a subjetivação de quem confessa ou, neste caso, sobre quem é examinado, portanto, mostram que a confissão, tal qual difundida no século XIX nos moldes científicos, como a principal forma de produção da verdade do sexo, não deixou de existir, mas tomou novas formas no século XX. A produção das sexualidades e gêneros dissidentes depende, então, de sua incitação: confessam-se os crimes, os sonhos, os desejos a quem tem autoridade para ouvir e dar significado às palavras, mas não para que elas deixem de existir, ou para excluí-las, ao contrário: se faz falar para melhor controlar (FOUCAULT, 2015).

Nestes excertos há um caráter confessional tal qual descrito por Foucault (2015), pois: I) há uma suposição de que o sexo fosse a causa de todos os males que os indivíduos manifestavam; II) em alguns casos, como no Doc. 4, há um minucioso exame da história familiar dos indivíduos em busca de sinais de demência e de degeneração (Figura 47); III) os relatos de caso deveriam passar pela relação cientista x sujeito examinado para que fossem consideradas legítimas, já que cientistas teriam a capacidade de interpretar e dar sentido às confissões (os trechos são narrados em terceira pessoa), ainda que elas sejam fruto de coerção de leis, como no exemplo mais explícito do Doc. 3; e IV) o sexo é colocado como justificativa para outras tendências, instintos e, contundentemente, os sujeitos são classificados em relação aos crimes que cometeram – a homossexualidade, por exemplo, foi correlacionada à diversos crimes no Doc. 4 (Figura 48).

¹²² Trecho original: “Case 2: Homosexual with criminal psychopathic features: A 26-year-old-white man was admitted to the Medical Center for Federal Prisoners in March, 1941, diagnosed as psychopathic personality. The patient was reared by an aunt and uncle; his mother died when he was infant and his father was a “shiftless, worthless alcoholic.” His mother is said to have been a petty thief and mentally dull. The patient’s foster parents have always been economically independent and are free of delinquency tendencies. [...] As a child he was reckless, nervous, untruthful, insisted on having his own way, told fantastic yarns, was stubborn, and a thief. At the age of nine he was in Juvenile Court for involvement in a homosexual act with a grown man.”

TABLE 2.—INCIDENCE OF NEUROPATHIC FAMILY HISTORY								
	<i>Definitely Neuropathic Family</i>		<i>Slightly Neuropathic Family</i>		<i>Negative Family</i>		<i>Unknown</i>	
	No.	%	No.	%	No.	%	No.	%
All Cases	23	41.8	6	10.9	21	38.2	5	9.1
Psychopathic group:	(31) 15	48.4	1	3.2	12	38.7	3	9.6
Relatively normal group:	(24) 8	33.3	5	20.8	9	37.5	2	8.3

Figura 47. Histórico familiar dos indivíduos examinados¹²³

TABLE 1.—CRIMES OF HOMOSEXUALS	
Sodomy.....	27
Theft.....	10
Forgery.....	4
Swindling.....	4
Selective Service Act violation.....	4
White Slave Act violation.....	2
Kidnapping.....	1
Narcotic Law violation.....	1
Immigration Act violation.....	1
Quarantine Regulation violation.....	1

Figura 48. Crimes de homossexuais¹²⁴

Para além uma patologia sexual, os homens examinados são caricaturas perturbadoras da homossexualidade, pois além de um diferencial biológico, da afeminação e, conseqüentemente, do papel de gênero não adequado, homossexuais poderiam ser criminosos - roubo, falsificação, estelionato, sequestro, para citar alguns crimes, conforme a figura 48. O que está em jogo é a invenção de uma espécie que ameaçaria a segurança e a normalidade social. Deste modo, esses relatos chamam a atenção não só em função do apelo aos estereótipos manifestos pelas preferências daquilo que se dizia pertencer ao outro sexo, mas também pela frieza, pela dramaticidade com que as histórias de vida dos sujeitos são esmiuçadas, ou mesmo pela pretensão de quem teria a capacidade de contar e dar

¹²³ Figura extraída de Silverman; Rosanoff (1945, p. 313). O título da tabela pode ser traduzido por "Crimes de homossexuais". A lista de crimes, lida de cima para baixo pode ser traduzida por: Sodomia; Roubo; Falsificação; Estelionato; Violação da Lei de Serviço Seletivo; Violação da lei do tráfico de mulheres; Sequestro; Violação da Lei Narcótica; Violação da Lei de Imigração; Violação da regulamentação de quarentena.

¹²⁴ Figura extraída de Silverman; Rosanoff (1945, p. 312). O título da tabela pode ser traduzido por "Incidência de histórico familiar neuropático". Abaixo, da esquerda para a direita, as colunas podem ser traduzidas por: "Família definitivamente neuropática"; "Família ligeiramente neuropática"; "Família negativa"; "Desconhecido". As linhas podem ser traduzidas por: "Todos os casos"; "Grupo psicopático"; "Grupo relativamente normal".

importância a essas histórias. Elas também interessam porque exibem os esforços de normalização das dissidências sexuais e de gênero.

2.2 Uma ficção cientificamente ensaiada

As argumentações foucaultianas são de que o poder em nossa sociedade funciona não pela repressão do sexo e da sexualidade, mas pela produção de diversas sexualidades e que, mediante a “classificação, a distribuição e a hierarquização moral dessas sexualidades, os indivíduos que as praticam podem ser aceitos, tratados, marginalizados, sequestrados, adestrados/disciplinados e normalizados” (BERSANI, 1998, p. 101 apud HALPERIN, 2007, p38, tradução minha)¹²⁵. Bem por isso a tática de conhecer os comportamentos sexuais se tornou uma medida extremamente eficaz, sobretudo no que diz respeito às intervenções científicas em torno da sexualidade no intuito de legitimar posturas em relação ao uso do sexo pelas pessoas, inclusive as tentativas de cura da homossexualidade, que deixa de ser um crime e passa a ser uma doença pelo viés científico-biológico (SIERRA, 2013b).

O investimento científico nas dissidências sexuais e de gênero significa a existência de um regime mais severo pela preocupação de exercer sobre elas um controle direto, e mostra a forma como o poder foi/é exercido. Nas palavras de Foucault (2015, p. 50):

O poder funciona como um mecanismo de apelação, atrai, extrai essas estranhezas pelas quais se desvela. O prazer se difunde através do poder cerceador e este fixa o prazer que acaba de desvendar. O exame médico, a investigação psiquiátrica, o relatório pedagógico e os controles familiares podem, muito bem, ter como objetivo global e aparente dizer não a todas as sexualidades errantes ou improdutivas, mas, na realidade, funcionam como mecanismo de dupla incitação: prazer e poder. Prazer em exercer um poder que questiona, fiscaliza, esprieta, espia, investiga, apalpa, revela; e por outro lado, prazer que se abrasa por ter de escapar a esse poder, fugir-lhe, enganá-lo ou travesti-lo.

Se antes do século XVIII os sujeitos cujas sexualidades eram consideradas desviantes sofriam penas severas que, em última instância, incluíam a morte, a partir do século XIX a postura adotada seria outra, inteiramente diferente, tanto em método quanto em finalidade, conforme é possível notar inclusive nos documentos científicos-biológicos que fazem parte deste estudo. Essa mudança diz respeito à junção dos saberes médicos-científicos ou, melhor

¹²⁵ Trecho original: “[...] clasificación, la distribución y la jerarquización moral de esas sexualidades, los individuos que las practican pueden ser aprobados, tratados, marginados, secuestrados, disciplinados o normalizados.”

dizendo, ao modelo médico-científico de sociedade que ocuparia, a partir do século XIX, a centralidade que entre os séculos XII e XVIII era ocupada pelo modelo jurídico. Transformação que, por sua vez, pode ser entendida com o deslocamento de um direito de morte para o poder sobre a vida, em que o poder passaria a se exercer positivamente sobre a vida, administrando-a e regulando-a (FOUCAULT, 2015).

Em linhas gerais, essa nova forma de atuação do poder se desenvolve a partir do século XVII em duas formas principais: a anatomo-política do corpo, centrada no corpo como máquina – seu adestramento, docilização, e integração aos sistemas de controle e econômicos; e a biopolítica da população, tendo essa se formado mais tarde, no século XVIII, centrada no corpo-espécie – fenômenos de proliferação, natalidade, morte, tempo de vida, etc. Foi a articulação entre a sujeição do corpo e a regulação da população que possibilitou “a entrada dos fenômenos próprios à vida da espécie humana na ordem do saber e do poder – no campo das técnicas políticas” (FOUCAULT, 2015, p.153). Uma das consequências disso é que esses novos mecanismos de poder centrados em uma biopolítica passariam a se efetuar menos com relação ao direito e às leis, e mais pela técnica e pela normalização, pelo controle que será exercido, fundamentalmente, pelas técnicas médico-científicas. No Doc. 3, por exemplo, os sujeitos examinados foram fornecidos às pesquisas pela polícia, justamente porque um poder investido na vida prescinde de mecanismos contínuos, reguladores e corretivos; deve qualificar, mensurar, classificar, hierarquizar; um poder deste tipo “opera distribuições em torno da norma” (FOUCAULT, 2015, p. 156).

Doc. 3:

Foi em **1934** que o **departamento de polícia** de Munique nos deu, sob o selo de sigilo absoluto, os nomes e endereços de todos aqueles que eram conhecidos pela polícia como homossexuais. Cerca de 1.700 homens **foram indicados como homossexuais definidos ou como bons motivos para assumir que eles praticaram a homossexualidade em uma ou mais ocasiões**. Esta lista foi aumentada com o nome de 2.500 homens, quando, em 1937, o departamento de polícia de Hamburgo também recebeu permissão das autoridades centrais para colocar o material atual de homossexuais à nossa disposição.

(LANG, 1940, p.56, grifo meu, tradução livre feita por mim)¹²⁶

O Doc. 5, oriundo de uma conferência realizada em 1935, na Sociedade Brasileira de Criminologia é, nesse sentido, quase um manifesto. Estudando 143 homossexuais que foram detidos pela polícia do Rio de Janeiro, o médico criminalista Leonídio Ribeiro defendia a ideia que os “invertidos sexuais” eram doentes e, por isso, não deviam ser condenados judicialmente pela sua anormalidade. Na época, estava em discussão a reforma do Código Penal brasileiro e a ampliação do Artigo 282 que, em linhas gerais, proibia atos ou gestos obscenos e atentados ao pudor, praticados em lugar público, sob o desígnio de um Artigo que se chamaria “homo-sexualidade”, de número 258, que intentava reprimir relações homossexuais entre homens sob o risco de detenção de até um ano. Além disso, uma outra cláusula proposta visava o tratamento de homossexuais, especificada da seguinte forma: “tratando-se de anormais por causa patológica ou degenerativa, poderá o juiz, baseado em perícia médica, substituir a pena por medida de segurança adequada às circunstâncias” (ALMEIDA, 1937, p. 198 apud GREEN, 2000, p. 219).

Ribeiro, assim como demais profissionais da medicina e criminalistas, convenceu-se de que a homossexualidade era mais um problema social a ser resolvido pela Ciência por acreditar que homens homossexuais poderiam ser curados mediante o transplante de testículos saudáveis, já que estava provado em experimentos realizados em laboratório com outros animais que a masculinização de fêmeas e a feminilização de machos com transplantes de testículos e ovários era um sucesso. Deste modo, Ribeiro acreditava que o internamento de homossexuais deveria substituir o encarceramento desses sujeitos.

Quer se adote a teoria psicogenética do homossexualismo, quer se aceite a razão endocrínica, em qualquer das hipóteses teremos que modificar a nossa atitude diante dessa classe de indivíduos, cada vez mais numerosa em todos os países civilizados [...] Em vez da condenação, um diagnóstico e o devido tratamento. Será mais justo e mais científico. (RIBEIRO, 2010, p. 511)

¹²⁶ Trecho original: “It was in 1934 that the police department in munich gave us, under the seal of absolute secrecy, the names and addresses of all those who were known to the police as homosexuals. About 1.700 men were indicated as being definite homosexuals or as providing good reason for assuming that they had practised homosexuality on one or more occasions. This list was increased by the names of 2,500 males when, in 1937, the Hamburg police department also received permission from the central authorities to put their current maerial of homosexuals at our disposal.”

Durante a primeira metade do século XX, as técnicas de correção científico-biológicas da homossexualidade variariam, desde a castração aos transplantes testiculares, passando da indução de convulsões provocadas por substâncias químicas, ao tratamento com eletrochoque – isso para citar alguns métodos. Segundo Richard Green (2000), no Brasil, o confinamento era o principal método terapêutico indicado para o tratamento e cura das perversões sexuais, de modo que a internação dos sujeitos era feita pela associação da degeneração física com a degeneração moral que a homossexualidade representava, sendo a afeminação considerada um dos traços mais proeminentes de anormalidade. Apesar de não ter uma instituição específica para o tratamento de homossexuais, alguns hospitais e sanatórios brasileiros aplicariam diferentes teorias e métodos mais incisivos importados da Europa e dos Estados Unidos para o tratamento destes sujeitos, incluindo as terapias convulsivas e eletrochoques. Neste contexto, destacam-se o Hospital Psiquiátrico do Juquery e o Sanatório Pinel, ambos localizados em São Paulo.

Alguns trabalhos se dedicavam exclusivamente à divulgação dessas terapias, como o Doc. 9, publicado em 1940. O tratamento indicado neste documento incluía a indução de convulsões a partir da droga metrazol (também conhecida como cardiazol, pentilenetetrazol ou PTZ), baseado no entendimento de que a homossexualidade e o “lesbianismo”, como se refere o documento, eram sintomas de uma esquizofrenia subdesenvolvida. Na época, o metrazol era comumente administrado em pacientes esquizofrênicos a partir de observações de que os sintomas dessa condição diminuía após episódios convulsivos. O documento é constituído por oito relatos de caso de pacientes que passaram pelo tratamento com metrazol e teriam sido “reabilitados”.

Doc. 9:

Caso I. - Um homem branco de 19 foi preso e sentenciado à prisão por depravação moral (homossexualidade). Foi liberado para tratamento e seria absolvido se sua perversão fosse corrigida. [...] Maneirismos femininos eram evidentes. **Metrazol foi administrado até que quinze choques foram produzidos.** Todos os desejos homossexuais desapareceram após o nono choque, mas **o tratamento continuou até que todos os maneirismos femininos fossem removidos.**

Relações sexuais normais foram estabelecidas e dezoito meses depois não houve recaída às tendências homossexuais.

Foi-lhe concedida a absolvição.

[...]

Caso 5. - Um homem branco de vinte e seis anos de idade. Casado. Envolveu-se com a homossexualidade desde os dezessete anos. [...] Nunca tinha se sustentado. **Uma óbvia mudança de personalidade seguiu-se após a sexta convulsão induzida.** Considerando que, anteriormente, ele era indiferente a sua família e amigos, começou a mostrar interesse e carinho por eles. Ele conseguiu uma posição depois de voltar para casa e se tornou capaz de se sustentar. Seis meses após ter recebido o tratamento com metrazol, **ele informou que continuava livre de todos os desejos homossexuais.**

(OWENSBY, 1940, p.65-66, tradução livre feita por mim)¹²⁷

A convulsão provocada pelo metrazol era tão violenta que, em alguns casos, chegava a provocar lesões vertebrais nos sujeitos, uma das razões pelas quais a droga foi substituída pelo eletrochoque, usado pela primeira vez nos Estados Unidos em 1935, e praticado no Brasil, primeiramente no Sanatório Pinel, em 1941. Pelos excertos destacados do Doc. 9, nota-se que não era o suficiente que os desejos homossexuais desaparecessem, era preciso que qualquer traço de degenerescência fosse normalizado; neste caso, o traço mais eminente era a feminilidade. A “cura” não só servia como escambo para a pena imposta pela justiça, mas era cada vez mais necessária para a readmissão desses sujeitos na sociedade de ordem normalizadora - a reabilitação prometida pelo Doc. 9 era a reabilitação da própria norma.

¹²⁷ Trecho original: “Case I. – A White male of 19 years had been arrested and sentenced to prison because of moral turpitude (homosexuality). He was paroled for treatment and promised a pardon if his perversion was corrected. [...] Feminine mannerisms were evident. Metrazol was administered until fifteen shocks were produced. All homosexual desires had disappeared after the ninth shock, but treatment was continued until all feminine mannerisms had been removed. Normal sex relations were established and eighteen months later there had been no return of homosexual tendencies. He was granted a pardon. [...] Case 5. – A White male aged twenty-six years. Married. Had indulged in active homosexuality since his seventeenth year. [...] Had never been self supporting. An obvious personality change followed the sixth induced grand mal attack. Whereas he had formerly been indiferente to his family and friends, he began to show interest and affection for them. He secured a position after returning home and became self supporting. Six months afer receiving the metrazol treatment, he reported that he had continued to be free from all homosexual desires.”

Seguindo a trilha das terapias usadas no tratamento da homossexualidade, o Doc. 8, publicado em 1972, chama atenção pela combinação de alguns métodos em um sujeito de codinome B-19.

Doc.8:

Background: O paciente B-19 é um indivíduo solteiro de 24 anos, de gestação e nascimento normais, cuja família é composta pelos pais, 55 anos, e uma irmã, 19. O pai, descrito pelo paciente como um tirano, abusivo e um indivíduo agressivo dado ao consumo excessivo de álcool, à raiva e violência episódica, considera que seu filho é um jovem profundamente decepcionante, que foi um fracasso e covarde durante a infância e adolescência. A mãe é caracterizada como uma mulher extremamente reservada, rígida e emocionalmente controlada, cujo abraço B-19 não se lembra.[...]A educação básica de B-19 é caracterizada por nove principais mudanças residenciais e escolares e pela manifestação precoce de problemas comportamentais e disciplinares que resultaram em três expulsões da escola e dois exames realizados por especialistas em crianças aos 11 anos. Desde a primeira série, sofreu consistentemente dificuldades em interagir com outros meninos e procurou ativamente evitar contato e competição com eles, tornando-se cada vez mais agressivo e punitivo em relação a suas colegas femininas.[...]Em desespero, foi enviado para uma escola paroquial só para meninos, onde experimentou mais rejeição e isolamento, voltando-se para perseguições, interesses e devaneios individuais. A escola secundária começou com um encaminhamento psiquiátrico por causa da incapacidade de se dar bem com seus colegas e notas cada vez mais baixas. Ele desistiu depois de 3 anos e ocupou um emprego de meio período como estoquista antes do recrutamento militar, que resultou em uma dispensa psiquiátrica após 1 mês devido a tendências homossexuais.

(MOAN; HEATH, 1972, p.24, tradução livre feita por mim)¹²⁸

Assim mesmo, de gestação e nascimento normais, e após duas internações psiquiátricas por depressão suicida, B-19 foi encaminhado para a equipe de Moan e Heath no começo da década de 1970. A equipe acreditava que a estimulação de algumas áreas cerebrais pudesse condicionar ou reverter desordens de comportamento e, particularmente, a estimulação da área septal despertava interesse porque poderia ser utilizada como modalidade de tratamento para facilitar a iniciação, o desenvolvimento e a demonstração de comportamentos novos e adaptativos. Deste modo, o objetivo da investigação era explorar a possibilidade de usar a estimulação septal para induzir um comportamento heterossexual em um homem homossexual.

O primeiro passo foi a implantação de eletrodos de aço inoxidável, revestidos com teflon, em nove regiões distintas do cérebro de B-19, conectados a fios que saiam do crânio. Recuperado da cirurgia, uma caixa de controle foi anexada aos fios e permitia a estimulação das áreas cerebrais desejadas mediante a supervisão da equipe. Antes que lhe fosse permitido usar a caixa de controle, o paciente deveria assistir a um filme pornô *straight* de 15 minutos. Monitorando o cérebro do paciente, a equipe notou que ele mostrava sinais de raiva e repulsa. Passados alguns dias, a equipe de Moan e Heath liberaram o uso da caixa de controle para B-19, que rapidamente descobriu que poderia experienciar sensações de euforia ao pressionar botões específicos - a equipe relata que o paciente chegou a pressionar um mesmo botão cerca de 1.500 vezes em uma única sessão de 3 horas de duração.

¹²⁸ Trecho original: “*Background*. Patient B-19 is a 24-year-old single, white male of unremarkable gestation and birth whose immediate family consists of parents, age 55, and a sister, 19. The father, described by the patient as a tyrannical, abusive and demanding individual given to excessive drinking and episodic anger and violence, reportedly considers his son to be a deeply disappointing young man who was a failure and coward during childhood and adolescence. The mother is characterized as an extremely withdrawn, rigid and emotionally controlled woman, whose embrace B-19 cannot recall. [...] The educational background of B-19 is characterized by nine major residential and school changes and by the early manifestation of behavioral and disciplinary problems which resulted in three expulsions from school and two examinations by child specialists by age 11. From first grade on, he consistently experienced difficulties in interacting with other boys and actively sought to avoid contact and competition with them, while becoming increasingly aggressive and punitive toward his female peers. In desperation, he was sent to an all-male parochial school where he experienced further rejection and isolation and turned to individual pursuits, interests and reveries. High school began with a psychiatric referral because of an inability to get along with his peers and increasingly poor grades. He dropped out after 3 years and took a part-time job as a stock clerk before military enlistment, which resulted in a psychiatric discharge after 1 month due to homosexual tendencies.”

O programa funcionava da seguinte forma: vídeos pornôs eram mostrados ao paciente enquanto a equipe estimulava passivamente as áreas cerebrais de interesse em B-19, criando uma dependência estímulo-associada às imagens. Ao passar dos dias, o próprio paciente estimularia seu cérebro. Deste modo, a equipe ainda contratou uma prostituta para manter relações sexuais com B-19, que foram monitoradas e descritas no documento. Ao final do experimento, a equipe relata que B-19 estava praticamente “curado”.

Doc. 8:

Ele reporta que o comportamento homossexual só ocorreu duas vezes, quando precisava de dinheiro e a prostituição era a maneira mais rápida de conseguir quando ele não estava trabalhando. No entanto, ele afirma que tal ato não foi pensado como uma substituição para o sexo com mulheres, o qual ele se mostra definitivamente motivado a continuar.

(MOAN; HEATH, 1972, p.29, tradução livre feita por mim)¹²⁹

Em 1973, a homossexualidade seria retirada do DSM-III e, ao que parece, as técnicas científico-biológicas entraram em relativo desuso, mas, por outro lado, elas abriram espaço para outros tipos de terapias. O Doc. 7, por exemplo, publicado em 2003, reporta que 200 homossexuais mudaram de orientação sexual e passaram a se identificar como heterossexuais após algum tipo de terapia de reorientação sexual que não as científico-biológicas, mas relacionadas aos saberes *psi*. Selecionaram 143 homens e 57 mulheres cujos desejos sexuais e afetivos tiveram ao menos uma mínima mudança de homo para heterossexual e que duraram pelo menos 5 anos. As pessoas foram entrevistadas por telefone, pela aplicação de um questionário estruturado que avaliava questões como: a atração pelo mesmo gênero, fantasia, desejo e detalhes sobre o comportamento homossexual que essas pessoas manifestavam antes das terapias. Os resultados discutidos concernem alguns aspectos, como exemplo: sobre praticar alguma religião - a maioria era cristã, sendo 81% protestante, 8% católica, 7% mórmon, 3% judeus. A vasta maioria (93%) disse que a religião era extremamente

¹²⁹ Trecho original: “He reports that homosexual behavior has occurred only twice, when he needed Money and “hustling” was a quick way to get it when he was out of work. However, he states that such acting out was not intended to be a replacement for sex with females, which he indicates he is definitely motivated to continue.”

ou muito importante em sua vida. É válido dizer que 19% era constituído por profissionais da saúde mental ou diretores de ministérios “ex-gay”. Sobre os motivos pelos quais essas pessoas desejaram mudar de orientação sexual - 79% disseram ser pelo conflito entre seus sentimentos e comportamentos sexuais e os princípios de sua religião. Quanto ao tipo de terapia praticada, 48% disseram que a terapia era feita com psicólogos, 25% com pastores, 5% com psiquiatras, sendo que 34% disseram que o único tipo de terapia eficaz era com grupos de ex-gays e grupos religiosos, e 19% reportaram que o único tipo de terapia eficaz incluía coisas como biblioterapia ou mudar sua relação com Deus. Sobre os principais assuntos conversados em terapia, alguns tópicos incluíam: relacionamentos familiares conturbados e experiências traumáticas na infância. Há, ainda, uma correlação entre depressão antes e após a terapia. As pessoas relataram que são muito mais felizes após a terapia (91% dos homens e 88% das mulheres). Homens dizem se sentir muito mais “homens” e as mulheres dizem se sentir muito mais “femininas”, inclusive, relataram ter desenvolvido uma relação íntima não sexual e saudável com pessoas do mesmo sexo.

Além da apropriação de teorias psychologizantes nos conteúdos das terapias que, inclusive, também é um ponto ao qual o fundamentalismo religioso brasileiro tem recorrido para legitimar as terapias de reorientação sexual (NATIVIDADE, 2006), é curioso que as pessoas digam que se sentem “mais homens” ou “mais mulheres” após essas terapias. Segundo o Doc.7, terapeutas acreditam que a atração pelo mesmo sexo é um reflexo de um transtorno do desenvolvimento que pode ser drasticamente diminuído a medida em que uma identidade de gênero é reforçada. Deste modo, a questão não poderia estar relacionada à necessidade de coerência do sistema sexo-gênero-desejo que atravessa as relações sociais? Não à toa que os discursos de ódio e violência contra as sexualidades e gêneros dissidentes operam atribuindo às dissidências um “gênero danificado”, chamando homens gays de “afeminados” e as lésbicas de “masculinas”, por exemplo. Cria-se um terror aos atos sexuais dissidentes, um terror de “perder” o gênero – “não é um homem de verdade ou não é uma mulher de verdade”, que desempenha um papel fundamental dentro de um dispositivo teórico que explica como a sexualidade é regulada por meio do controle e a humilhação de gênero (BUTLER, 1993).

De qualquer forma, a motivação dessa mudança transpassa, majoritariamente, questões religiosas. A maioria das pessoas entrevistadas por Spitzer pertenciam a organizações religiosas que, inclusive, são reconhecidamente fortes centros de luta contra as dissidências sexuais e de gênero nos Estados Unidos, como a NARTH (*National Association for Research & Therapy of Homosexuality*¹³⁰) e a Exodus International, cujo *slogan* é “liberte-se da homossexualidade através do poder de Jesus” - isso sem citar os problemas de ordem científico-metodológicas do estudo.

Uma das questões mais interessantes sobre o Doc. 7, segundo a autoria, é que as pessoas participantes não queriam somente mudar sua orientação sexual quando procuraram terapia, mas também queriam poder se encaixar no que é chamado de “bom funcionamento heterossexual”, uma espécie de medidor da qualidade de vida heterossexual, descrita no documento da seguinte forma:

Doc. 7:

[...] (1) durante o último ano, o participante estava em uma relação heterossexual e a considerava “amorosa”; (2) satisfação geral no relacionamento emocional com seu parceiro (pelo menos 7 em uma escala de 1 a 10 onde 10 é tão bom quanto pode ser e 1 é tão ruim quanto pode ser); (3) sexo heterossexual com parceiro pelo menos algumas vezes ao mês; (4) satisfação física do sexo heterossexual pelo menos 7 (a mesma escala de 1 a 10); (5) durante não mais do que 15% das ocasiões sexuais heterossexuais pensam em sexo homossexual.

(SPITZER, R. L., 2003, p. 406, tradução livre feita por mim)¹³¹

Se a dicotomia hetero/homo depende de todo um sistema ancorado em diversas disciplinas para ser legitimado, a dicotomia bom funcionamento

¹³⁰ Pode ser traduzida por “Associação Nacional de Pesquisa e Terapia para Homossexualidade”.

¹³¹ Trecho original: “[...] (1) during the past year, the participant was in a heterosexual relationship and regarded it as “loving”; (2) overall satisfaction in the emotional relationship with their partner (at least 7 on a 1–10 scale where 10 is *as good as it can be* and 1 is *as bad as it can be*); (3) heterosexual sex with partner at least a few times a month; (4) physical satisfaction from heterosexual sex at least 7 (the same 1–10 scale); (5) during no more than 15% of heterosexual sex occasions thinks of homosexual sex.”

heterossexual/funcionamento heterossexual não-tão-bom-assim torna a heterossexualidade um lugar ainda mais impossível da hegemonia. Parece realmente difícil se encaixar nessas próprias normas, e talvez seja por isso que o *slogan* “orgulho de ser heterossexual” seja tão necessário e repetido pelos setores conservadores na atualidade. Bem, se há este apelo incessante é porque a (hetero)norma é, de fato, muito frágil¹³².

O Doc.7 tem sido amplamente citada pelo fundamentalismo religioso como prova incontestável da funcionalidade das terapias de reorientação sexual, até porque sua autoria, Spitzer, é conhecida publicamente por ter presidido a comissão de revisão do DSM-III, marcada pela retirada da homossexualidade de sua lista de doenças, o que, em teoria, faria com que o estudo não fosse interessado. Deste modo, o fundamentalismo religioso entende as dissidências sexuais e de gênero como a manifestação de um desvio de comportamento (Figura 49 e 50).



Figura 49. Tweet Malafaia¹³³

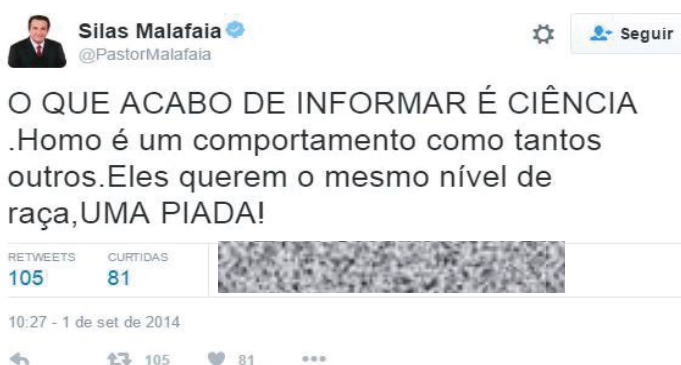


Figura 50. Tweet Malafaia¹³⁴

¹³² Estes aspectos, assim outras discussões sobre as terapias de reorientação sexual serão apresentadas na terceira parte da dissertação, *Nós, as cobaias do fundamentalismo religioso*.

¹³³Extraído de MALAFAIA, Silas. @PastorMalafaia. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@pastormalafaia>>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹³⁴Extraído de MALAFAIA, Silas. @PastorMalafaia. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@pastormalafaia>>. Acesso em: 22 out. 2016.

É certo que os argumentos fundamentalistas não concernem somente aos estudos como o de Spitzer. Até o momento, as discussões presentificadas no texto apontam para outras questões, como a apropriação científico-biológica da invenção das sexualidades e gêneros dissidentes como desvios da natureza, que as personalidades fundamentalistas religiosas interpretam, por vezes, como “um sexo mutante” - para citar a expressão de Marco Feliciano (Figura 34). Além disso, essas estratégias estão englobando afirmações de que a “homossexualidade” não pode ser determinada geneticamente e que, por isso, é um desvio de comportamento, além da incitação moral de que os gêneros e sexualidades dissidentes são um risco de vida à família nuclear e à heterossexualidade. Estes aspectos serão abordados a seguir.

2.3 A peste gay

A negação de que a “homossexualidade” não pode ser natural como a heterossexualidade parece estar relacionada com o fato de que não se pode dizer que ela seja determinada geneticamente, embora nem a própria heterossexualidade seja. O fundamentalismo religioso, deste modo, faz uma manobra interessante: primeiro, exploram-se as falhas biológico-deterministas que cercam as investigações genéticas, e depois, reafirmam que a “homossexualidade” é responsável pela propagação da aids.

Podemos começar com o exemplo do estudo de Dean Hamer et al., publicado em 1993 na revista *Science*, cujo título pode ser traduzido por *Uma ligação entre marcadores de DNA no cromossomo X e a orientação sexual masculina*¹³⁵. Ao analisarem sequências gênicas entre irmãos homossexuais, a equipe de Hamer produziu a “evidência de que uma forma de homossexualidade masculina é preferencialmente transmitida através do lado materno e está geneticamente ligada a região cromossômica Xq28” (HAMER et al., 1993, p. 325)¹³⁶. Ainda que Hamer e sua equipe tivessem cautela ao usar expressões como “geneticamente influenciado”; “um locus relacionado à orientação sexual”; “o papel da genética na orientação homossexual

¹³⁵ Título original: “A Linkage Between DNA Markers on the X Chromosome and Male Sexual Orientation”.

¹³⁶ Trecho original: “[...] evidence that one form of male homosexuality is preferentially transmitted through the maternal side and is genetically linked to chromosomal region Xq28”.

masculina”, a absorção do estudo na mídia tomou rumos bem diferentes, sendo publicizado como “a descoberta do gene gay”. A própria *Science* fez alarde sobre o artigo, de forma que não demorou para que a linguagem no debate público se tornasse polarizada: genética x ambiental, congênita x adquirida, imutável x construída, inata x escolhida (FAUSTO-STERLING, 2012). No Brasil, a febre do “gene gay” também acometeu a mídia, que mesmo após um intervalo de 20 anos da publicação do artigo da equipe de Hamer, são divulgadas amplamente chamadas como a da figura 51, desconsiderando a existência de outros artigos científicos que contradizem esses achados, como os de George Rice et al. (1999), que repetiram o experimento e não encontraram qualquer gene relacionado à região Xq28 que pudesse desempenhar papel significativo para a orientação sexual.

Cidadania

Pesquisa indica que metade da população mundial pode ter 'gene gay'

por Redação 15/04/2016 10:59 | Atualizado: 05/05/2016 14:56 | Comunicar erro

Figura 51. *Print screen* de matéria online¹³⁷

Um dos problemas dessas investigações é que elas não são compatíveis com os fundamentos básicos da própria genética. Segundo Fausto-Sterling (2012), quando se quer identificar um gene envolvido com qualquer tipo de traço se deve procurar por versões fortes desse traço, entretanto, o que tem sido publicado não segue essa premissa. O que se faz é selecionar amostras por conveniência, enfatizando casos extremos e fazendo desaparecer o “meio de campo”. Ademais, sabe-se que quando dizemos “um gene é responsável por...”, deveríamos dizer “muitos genes são responsáveis por...” e assumir que cada um deles pode ter um papel muito pequeno que não pode ser observado em amostras restritas como usualmente as pesquisas fazem. Sabe-se, também, que o efeito que um gene desempenha em um ambiente pode não ser o mesmo em um outro ambiente e, por fim, algumas combinações de genes podem não ser o suficiente para que um comportamento mensurável apareça.

¹³⁷Extraído de <<https://goo.gl/zjdk6U>>. Acesso em out. 2016.

Talvez as personalidades fundamentalistas religiosas tenham razão em dizer que não se pode dizer que a homossexualidade é genética, mas não parece ser o objetivo posicionar-se contra os determinismos científicos-biológicos. Em uma ligeira impressão, a questão parece ser mais de “má-fé” e oportunismo, quando se trata de algo muito mais significativo, como a disputa hegemônica do discurso, pois admitir uma etiologia genética seria dizer que “nada pode ser feito a respeito” (Figuras 52, 53, e 54).



Figura 52. Tweet Malafaia¹³⁸



Figura 53. Tweet Lobo¹³⁹

¹³⁸ Extraído de MALAFAIA, Silas. @PastorMalafaia. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@PastorMalafaia>>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹³⁹ Extraído de LOBO, Marisa. @marisa_lobo. Não paginado. Disponível em: <http://twitter.com/@marisa_lobo>. Acesso em: 22 out, 2016.



Figura 54. Tweet Feliciano¹⁴⁰

As personalidades fundamentalistas religiosas não estão preocupadas em refutar qualquer coisa sobre os saberes científico-biológicos, portanto, afirmar veemente que a homossexualidade não é genética não possui esse objetivo. A questão é que, por essa negação, outras consolidações e significados são moldados: I) as sexualidades e gêneros dissidentes não são um destino genético, portanto, são antinaturais. As pessoas “nascem com um sexo biológico heterossexual” e depois “aprendem” a ser homossexuais por experiências negativas sempre arraigas na psicologia, como: abuso sexual na infância, relacionamento problemático com a família, etc.; e II) como desvios de comportamento, podem ser mudados porque, sobretudo, há uma natureza heterossexual - prova disso é a existência de “ex-gays”. É necessário, sem dúvida, uma economia dos discursos de verdade sobre “o homossexual” (FOUCAULT, 1988) para que as estratégias fundamentalistas funcionem. Bem por isso os argumentos são contrários a uma essencialização das sexualidades e gêneros dissidentes e se aproximam de uma abordagem construtivista, que abre espaço para a possibilidade de gerenciamento dos corpos na produção de uma sexualidade adequada aos pressupostos doutrinários (NATIVIDADE, 2006). Para somar força a esses argumentos, é necessário também “inventar” as sexualidades e gêneros dissidentes como um risco de vida à heterossexuais e à família nuclear, pela incitação moral evocada pelo dispositivo da aids. Nesse sentido, destaca-se o Doc. 6, publicado em 1994¹⁴¹.

¹⁴⁰Extraído de FELICIANO, Marco. @marcofeliciano. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹⁴¹Talvez este seja o documento menos diretamente relacionado aos saberes científico-biológicos, e que mais explicitamente se mostra “interessado” pelo objeto de estudo, uma vez que foi produzido pelo *Family Research Institute*, ou Instituto de Pesquisa da Família. Este instituto é composto por organizações religiosas que buscam influenciar o debate político nos Estados Unidos, mas a questão é que eles clamam por um status de

Doc. 6:

[...]Nossos resultados sugerem que a **AIDS reduziu a vida homossexual** em cerca de 3 a 5 anos, **tornando a homossexualidade sensivelmente mais perigosa hoje do que no passado** [se assumimos uma idade média de morte de 42 antes da AIDS, a AIDS está associada a uma redução de 7% a 12% em Período de vida]. A discrepância entre a vida média de homens casados e homossexuais (ou seja, 75 - 42 = 33 anos ignorando mortes por AIDS) ou mulheres casadas e lésbicas (ou seja, 79 - 45 = 34 anos) é consideravelmente maior do que qualquer discrepância registrada entre os estilos de vida "convencionais" (por ex. Fumantes v. Não-fumantes, dieta rica em gordura v. com baixa gordura) que podemos localizar na literatura. Em termos de estilos de vida "não convencionais", **a homossexualidade parece semelhante à vida reduzida e mais violenta de usuários de drogas intravenosas.**

(CAMERON, et al.,1994,p.260, tradução livre feita por mim)¹⁴²

Os resultados do Doc. 6 foram obtidos a partir da análise de obituários publicados em jornais "homossexuais" entre 1981-1994 e comparados com obituários de dois outros jornais "convencionais", 6.574 obituários ao total – o que, segundo a autoria, indicaria que o estudo está livre de preconceitos contra homossexuais. O documento traz a comparação das causas de morte: considerando as mortes violentas, o número de homossexuais assassinados foi 21

cientificidade em seus estudos e, até mesmo, conseguem publicá-los em revistas científicas. O Instituto é liderado por Paul Cameron, um psicólogo que diz ter publicado mais de 90 artigos científicos e 5 livros, todos voltados ao combate da existência das sexualidades e gêneros dissidentes. Portanto, o Doc. 6 poderia (e, talvez, deveria) fazer parte dos materiais empíricos selecionados a partir das personalidades fundamentalistas. Este documento é um híbrido, mistura referências que a autoria diz ser científicas ao mesmo tempo em que ataca abertamente a homossexualidade, por exemplo.

¹⁴² Trecho Original: "[...]Our results suggest that AIDS has reduced the homosexual lifespan by aboutut 3 to 5 years, making homosexuality appreciably more dangerous today than in the past [if we assume an average age of death of 42 before AIDS, then AIDS is associated with a 7% to 12% reduction in life-span].The discrepancy between the median life-span of married men and homosexuals (i.e., 75 - 42 = 33 years ignoring AIDS deaths) or married women and lesbians (i.e., 79 - 45 = 34 years) is considerably larger than any registered discrepancy between "conventional" life-styles (e.g., mokers v. non-smokers; high fat v. low fat diet) which we could locate in the literature. In terms of "unconventional" lifestyles, homosexuality appears similar to the shortened and more violent lives of intravenous drug users."

vezes a porcentagem de homens negros e 116 vezes da porcentagem de homens brancos assassinados; 61% dos homossexuais se suicidaram, o que é 30 vezes a porcentagem de homens negros e 24 vezes a porcentagem do número de homens brancos que também se suicidaram. Desconfio que as comparações foram feitas desta forma (tantas vezes a porcentagem de...) porque chama a atenção e mascara o fato de que a diferença não é tão discrepante quanto a autoria do Doc.6 queria que fosse. As lésbicas também foram consideradas pelo estudo e as causas de morte são comparadas de forma semelhante: o assassinato de lésbicas é 511 vezes a porcentagem de assassinato de mulheres brancas; e a taxa de suicídio é 705 vezes a porcentagem de mulheres brancas que também se suicidaram.

No Doc. 6 há também o seguinte questionamento: “a atividade homossexual é tóxica ou a atividade heterossexual é benéfica?” (CAMERON, et al., 1994, p.269, tradução minha)¹⁴³. Levanta-se a suspeita de que deve haver organismos infecciosos que ameaçam a vida que são transmitidos exclusivamente entre pessoas que praticam a homossexualidade, algo como uma substância bioquímica que adoeceria o corpo. Alguma substância “ausente” nas relações sexuais homossexuais que “normalmente” beneficia ou protege aqueles que participam de relações sexuais heterossexuais ou, até mesmo, a “falta” de complementaridade social-psicológica “tipicamente” existente entre um casal heterossexual causaria mais estresse que, de alguma forma, se traduziria em disfunções corporais em homossexuais. A partir dessas especulações, a conclusão mais direta é que a homossexualidade - mais perigosa depois da epidemia da aids - é, ao mesmo tempo, falta e excesso. Falta do natural e do sagrado que as relações heterossexuais exigem. Excesso do profano, do que é doença, do que é sujo. A homossexualidade significa a morte, conscientemente aceita e praticada por pessoas degeneradas.

Nos anos 1980, a homossexualidade foi responsabilizada por difundir a aids por um terrorismo instaurado pelo moralismo científico, midiático e popular em um “coro alarmista, segregacionista e perigosamente ideológico” (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009, p. 135). João Silvério Trevisan (2002) diz que não à toa que a aids foi associada à peste - pela mortalidade de ambas - afinal, as doenças em massa são sempre tidas como castigos divinos. Trevisan (2002) continua: a aids não trouxe nada de novo à tona, antes, ela exacerbou algo que sempre “esteve lá”. Some o ressentimento com um elemento de culpabilidade ou de punição que

¹⁴³ Trecho original: “*Is homosexual activity toxic or heterosexual activity is beneficial?*”.

doentes da aids “merecem”; daí, basta um pulo para associar a homossexualidade com “o mal”. Para os setores conservadores da sociedade e, de forma especial, para o fundamentalismo religioso, a aids ainda hoje é associada diretamente à doença moral da homossexualidade (Figuras 55, 56, 57, 58 e 59).



Figura 55. Tweet Feliciano¹⁴⁴



Figura 56. Tweet Feliciano¹⁴⁵



¹⁴⁴Extraído de FELICIANO, Marco. @marcofeliciano. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016

¹⁴⁵Extraído de FELICIANO, Marco. @marcofeliciano. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

Figura 57. Tweet Feliciano¹⁴⁶Figura 58. Tweet Feliciano¹⁴⁷

Figura 59. Tweet Lobo

Assim como os enunciados destacados do Doc. 6, os enunciados das personalidades fundamentalistas religiosas corroboram a noção de que o que induz à aids é um comportamento anômalo, sujo, cujos doentes são irresponsáveis e usam drogas. As pessoas que vivem suas sexualidades e gêneros dissidentes são elas próprias uma doença, porque oferecem risco de vida para si e, principalmente, para heterossexuais: estão mais suscetíveis a doenças, à depressão, às drogas; oferecem perigo à sociedade porque não se adequam a reprodução; representam um risco à unidade familiar. Segundo Larissa Pelúcio e Richard

¹⁴⁶Extraído de FELICIANO, Marco. @marcofeliciano. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹⁴⁷Extraído de FELICIANO, Marco. @marcofeliciano. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

Miskolci (2009), essas estratégias podem ser pensadas como parte do dispositivo da aids. Em outras palavras,

[...]trata-se de uma trama formada por vários discursos e práticas que se materializam em saberes e poderes. O dispositivo raramente proíbe ou nega, antes controla e produz verdades moldando subjetividades. No caso da aids, são subjetividades marcadas pela culpa e pela impureza, sintetizadas nos seus desejos tomados como ameaçadores da ordem social. (PELÚCIO; MISKOLCI, 2009, p. 130)

Sob esses preceitos, a epidemia da aids permitiu o reforço da norma heterossexual para (re)patologizar os gêneros e sexualidades dissidentes. Nessa perspectiva, os enunciados destacados se apropriam do imaginário social criado em torno da epidemia da aids para afirmar a importância das terapias de reorientação sexual.

Nós, as cobaias do fundamentalismo religioso

Até o momento me dediquei a expor algumas estratégias que, em meu entendimento, tem possibilitado a emergência de discursos de ódio e violência contra as sexualidades e gêneros dissidentes na atualidade. Estratégias que, por sua vez, atravessam os saberes científicos-biológicos que tão bem fizeram funcionar o dispositivo histórico da sexualidade no qual se engendrou/engendra certas noções anteriormente discutidas sobre essas experiências, sejam elas entendidas como doenças, como desvios de comportamento ou como um risco de vida. Com este movimento, quis provocar a produção discursiva científico-biológica que tem servido ao discurso religioso contemporâneo brasileiro, tangenciando alguns modos pelos quais essa relação tem figurado na mídia e, principalmente, nas mídias sociais. Agora, talvez seja a hora de pensar para além dessas estratégias, e articular alguns motivos pelos quais há o interesse nos discursos-biológicos por parte do fundamentalismo religioso. Afinal, o que quer o fundamentalismo religioso com os discursos científicos-biológicos?

Sabendo que os apontamentos feitos nesta pesquisa estão permanentemente abertos a outras significações, algumas ideias possíveis podem ser articuladas. A primeira é que os discursos científicos-biológicos constituem um campo discursivo privilegiado para a significação epistêmica do corpo, do gênero e da sexualidade. Alguns exemplos básicos podem ser pensados a partir de artefatos culturais, como os livros didáticos de Ciências e de Biologia ou nas enciclopédias de educação sexual em que historicamente esses discursos foram/estão alocados; nas campanhas de prevenção da aids/hiv; nos discursos midiáticos que suscitam vozes de especialistas para tratar sobre o que consideram ser transtornos; em alguns discursos militantes que requerem discursos naturalizantes em suas lutas; ou mesmo em nossas próprias palavras quando recorremos a eles para justificar nossas mini-certezas. Ainda que sob diferentes pedagogias normalizadoras, ou associada a outros meios de divulgação mais incisivos, como a mídia¹⁴⁸ e as mídias sociais, creio que esses saberes ainda desempenham forte papel na regulação dos modos de viver os corpos e os prazeres, arriscando dizer, inclusive, com mais voracidade aos corpos não cisgêneros e às sexualidades não-heteronormativas. Deste modo, a produção dos discursos científicos-biológicos sobre as sexualidades e gêneros dissidentes pode significar parte do processo histórico responsável

¹⁴⁸ É válido dizer que se os discursos científicos-biológicos chegam até nós pelas matérias veiculadas pela grande imprensa, é “porque ela está quase sempre disponível para exhibir tudo aquilo que, sob a égide das ciências, se propõe a corrigir nossas supostas mazelas sociais” (RODRIGUES, 2009, p.160).

pela estigmatização dessas dissidências como uma ameaça à ordem social, por isso, desconfio que o movimento de apropriação desses discursos por parte do fundamentalismo religioso possa ser assim justificado.

Conforme discutido em *Uma Ciência sobre a diversidade*, o discurso fundamentalista religioso assimilou discursos científicos-biológicos deterministas, a fim de legitimar o *status* de doença e desvio que conferem às sexualidades e gêneros dissidentes. Ao mesmo tempo, usou esses discursos para afastar a ideia de que essas sexualidades pudessem ser um destino genético em prol de pressupostos das terapias de reorientação sexual, ou “cura gay”. Não à toa que os projetos de lei (PL) que atentam contra a diversidade sexual e de gênero apresentam justificativas arraigadas nos discursos científico-biológicos e, por vezes, nos discursos *psi*. Como exemplo, podem ser citados o Estatuto da Família (PL6583/2013)¹⁴⁹, que definiu como família a composição homem, mulher e prole; a aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio 2011-2020 (PL8035/2010)¹⁵⁰, que não contém qualquer menção à palavra gênero ou mesmo qualquer aspecto que possa abranger a discussão sobre a diversidade sexual e de gênero; o Projeto Escola sem Partido (PL867/2015)¹⁵¹, que consonantemente às revisões do PNE, visa o cerceamento da liberdade de pensar; o PL4931/2016¹⁵² e a tentativa de revogação da resolução 001/99 do Conselho Federal de Psicologia (CFP)¹⁵³, que explicitamente requerem a legitimação da “cura gay”. Isso sem falar de projetos de lei arquivados, como a Criminalização da “Heterofobia” (PL7382/2010)¹⁵⁴; a proibição da adoção de crianças por casais compostos por duas pessoas de mesmo gênero (PL7018/10)¹⁵⁵, e o arquivamento da Criminalização da Homofobia previsto pelo PL122/2006¹⁵⁶ que seguiu o desmonte do Programa Brasil sem Homofobia.

Ainda que por uma questão de recorte e do que escolhi como *corpus* deste trabalho não possa fazer uma discussão aprofundada sobre esses projetos de lei, neste momento interessa dizer que discursos científico-biológicos - sobretudo, noções anátomo-fisiológicas e

¹⁴⁹ O Estatuto da família pode ser acessado aqui: <<https://goo.gl/xrrxJb>>.

¹⁵⁰ O PL que aprova o PNE (2011-2020) pode ser acessado aqui: <<https://goo.gl/LqluMz>>.

¹⁵¹ O Projeto Escola sem Partido pode ser acessado aqui: <<https://goo.gl/2USVtj>>.

¹⁵² O PL da “cura gay” pode ser acessado aqui: <<https://goo.gl/24gW97>>.

¹⁵³ A liminar concedida à “revogação” da resolução do CFP pode ser acessada aqui: <<https://goo.gl/PNNAiY>>

¹⁵⁴ O PL que previa a criminalização da “heterofobia” pode ser acessado aqui: <<https://goo.gl/Le5mB4>>.

¹⁵⁵ O PL que proíbe a adoção de crianças por casais de mesmo gênero pode ser acessado aqui: <<https://goo.gl/j5x3dN>>.

¹⁵⁶ O PL que previa a criminalização da homofobia pode ser acessado aqui: <<https://goo.gl/cXXcj5>>.

de reprodução¹⁵⁷, foram usados como manobra de polemização e legitimação das pautas fundamentalistas, que tem adentrado em número cada vez mais significativo na arena política, compondo frentes parlamentares, como a Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional, que já conta com 199 deputados signatários e 4 senadores, que atuam interferindo não somente nas pautas para a diversidade sexual e de gênero, mas nas pautas feministas e nas pautas étnico-raciais não-hegemônicas, barrando leis e políticas públicas. Em vista disso, mesmo que minha abordagem aqui, em função dos objetivos e do tempo para realização desta pesquisa, tenha sido mais a de tangenciar os discursos de ódio manifestados pelas personalidades fundamentalistas religiosas, do que realizar uma genealogia do próprio fenômeno fundamentalista do qual essas personalidades fazem parte, é importante trazer alguns elementos.

O fundamentalismo religioso, cuja origem é cristã, ocidental e protestante (ROCHA, 2009) não é homogêneo e opera de modos distintos no mundo, sendo que o fenômeno vivenciado no Brasil está relacionado mais diretamente à emergência do fundamentalismo protestante nos Estados Unidos de início do século XX, que preconiza a interpretação literal dos escritos da Bíblia como fundamental à vida e à doutrina. Independentemente da vertente, é possível dizer que os fundamentalismos religiosos “nasceram como perspectivas redentoras, como discursos salvadores em meio a uma condição de profunda insegurança e instabilidade” frente à modernidade (VILAS BÔAS, 2016, p. 220). Consonantemente, Silvio Gallo (2009) aponta que a emergência do fundamentalismo reside em um niilismo realizado, já que a crise de fundamentos provocada pela modernidade, instigada pela cisão entre Ciência e pertencimentos religiosos, deixou desamparada uma multidão que já não podia encontrar um fundamento para viver e, que frente a inseguranças, agarrou-se a qualquer certeza provisória, mesmo que frágil. Portanto, em sua concepção tradicional, o fundamentalismo religioso rejeita o tempo presente a partir da mobilização das camadas tradicionais da sociedade e de seus sistemas de valores aos sistemas tradicionais. Presentifica-se a noção de regresso aos fundamentos e a rejeição daquilo que não é considerado normal ou natural (LÉON, 2017), o que justifica a tese de que a emergência do fundamentalismo religioso contemporâneo no contexto brasileiro pode estar condicionada a um período marcado pelas lutas em torno da

¹⁵⁷ Um dos casos que podem explicitar essa questão concerne ao Plano Municipal de Educação de Curitiba. A câmara de vereadores incluiu, em suas diretrizes, o inciso IX, que visa a “promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade cultural e à sustentabilidade socioambiental, com direito à **identidade biológica (do homem e da mulher)**” (CURITIBA, 2015, p. 2, grifo meu).

liberação sexual, dos direitos das mulheres e da diversidade sexual que, paradoxalmente, marcou o retorno de suas diferentes vertentes como forças imprevisíveis e de grande influência que ainda vigoram na atualidade.

Por meio do emprego eficiente dos meios de comunicação, o fundamentalismo religioso alçou posições de destaque não só na mídia, mas no Congresso, fazendo com que seus discursos se tornassem influentes (VILAS BÔAS, 2016). Prova disso é o número de estações de rádio e canais de TV que pertencem a diferentes vertentes fundamentalistas religiosas, além do número exorbitante de deputados que compõem a Frente Parlamentar Evangélica, o que indica um grande apelo social pelas pautas de violência que ela representa, e demonstra o desejo e sua aceitabilidade no Brasil. Diferentemente do fundamentalismo religioso praticado em algumas localidades do oriente¹⁵⁸, por exemplo, o fundamentalismo ocidental tem atuado sobre as políticas de saúde e, sobretudo, nas políticas voltadas à educação. Dentre essas iniciativas, fundamentalistas condenam as pautas em prol do feminismo, do aborto, e das reivindicações para uma educação que abarque a diversidade sexual e de gênero, e isso pode ser considerado unânime se levarmos em consideração o caráter deste movimento nos Estados Unidos, por exemplo.

Em outras palavras, é possível afirmar que essa unanimidade envolve diretamente o ódio ao feminismo, às sexualidades e gêneros dissidentes, às relações fora do casamento, o fortalecimento do homem como centro nas relações de poder entre os sexos, e a defesa em torno da família nuclear. Deste modo, a ênfase do fundamentalismo religioso ocidental recai sobre o controle da conduta sexual. Este controle é explícito no contraponto necessário do culto à mulher casta e submissa, ao mesmo tempo em que há o rechaço aos gays afeminados, às pessoas trans e às mulheres ditas masculinizadas em relação à idealização do homem viril, autoritário e destemido, seja na forma da autoridade paterna, suscitada por personalidades como o pastor Silas Malafaia, seja na bravura dos soldados da fé, como no caso dos ataques violentos aos terreiros de Candomblé e Umbanda no Brasil (VILAS BÔAS, 2016)¹⁵⁹.

¹⁵⁸ Para uma leitura e genealogia sobre os diferentes fundamentalismos religiosos, veja Vilas Bôas (2016).

¹⁵⁹ No que concerne às relações entre feminismo, liberdade política e fundamentalismo religioso, algumas produções oferecem previsões de um futuro sombrio oriundo dos fundamentalismos que vivenciamos na atualidade. A série *The Handmaid's Tale*, produzida pela plataforma *Hulu*, apresenta uma sociedade distópica ultraconservadora em que um grupo fundamentalista cristão toma o poder político nos Estados Unidos e estabelece um regime totalitário, hierárquico e fanático. No universo da série, devido à poluição ambiental e às infecções sexualmente transmissíveis, as taxas de fertilidade caíram drasticamente e poucas mulheres podem engravidar. Essas mulheres são transformadas em *Handmaids* - ou escravas sexuais - de acordo com

A obsessão em torno das sexualidades e gêneros dissidentes bem pode ser entendida como o medo da destruição das relações engessadas entre os gêneros. O ideal de masculinidade é baseado na dominação sexual das mulheres e na discriminação da feminilidade, o que justifica porque gays afeminados são repudiados. Acredita-se que gays afeminados são uma paródia insuportável da feminilidade, que desafia a feminilidade servil e doméstica desejada, ao mesmo tempo em que essa feminilidade trai a masculinidade hegemônica. Nessa perspectiva, mulheres masculinizadas, homens afeminados e pessoas trans tem seus corpos e modos de viver deslegitimados porque não são “homens”. O ódio contra as sexualidades e gêneros dissidentes não parte somente do ódio contra as práticas afetivas e/ou sexuais entre gêneros semelhantes, mas também da misoginia e do sexismo. Paradoxalmente, essas formas de violência também guardam outra semelhança: elas causam e toleram a violência dirigida aos corpos, aos gêneros e às sexualidades que abominam (FONE, 2000).

No que concerne às dissidências sexuais e de gênero, as consequências do fundamentalismo religioso variam desde a estigmatização, o desprezo, a rejeição familiar, a aplicação de penas legais em alguns países do mundo, como multa, flagelação, prisão - inclusive com trabalhos forçados - e até mesmo a morte (VILAS BÔAS, 2016). No Brasil, arrisco dizer que o número crescente e assustador de assassinatos de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e pessoas trans é uma condição que também reflete esse fanatismo, já que o fundamentalismo pode ser considerado como um outro lado do fascismo (GALLO, 2009). Foram 342 mortes LGBT no ano de 2016 (GGB, 2016), um recorde vergonhoso não somente brasileiro, mas mundial. Ou, de acordo com o fundamentalismo religioso, poderia se pensar que uma vez que as dissidências sexuais e de gênero “sempre” foram objeto de condenação religiosa (ao menos do catolicismo e do protestantismo), de repressão e criminalização por parte do Estado e de aversão social, a violência dirigida à essas dissidências, antes de ser “uma forma de fanatismo ou intolerância, ratifica os valores da sociedade e das instituições que a

interpretações extremistas de contos bíblicos, e são designadas para famílias de elite, cujos “chefes de família” as estupram em ordem de gerar descendentes. De modo geral, todas as mulheres (sendo *Handmaids* ou não) são extremamente subjugadas - elas não podem trabalhar, possuir bens, e até mesmo ler. Interessantemente, também há um paralelo assustador com o entendimento que o fundamentalismo religioso (não somente o cristão) da atualidade possui sobre as dissidências sexuais e de gênero. Ao decorrer dos episódios, homens são executados por serem gays, sendo que no terceiro episódio, uma lésbica é chamada de “traidora de gênero” e julgada em um tribunal com base nos escritos de Coríntios.

constituem e regem” (FONE, 2000, p. 573-574). Tem-se aí a reinterpretação de uma história de perseguição enquanto uma história de aplicação apropriada e “sensata” de justiça (seja ela qual for) e da manutenção da moralidade, da virtude e da ordem contra uma forma subversiva, antinatural e perigosa da conduta sexual (FONE, 2000).

Neste momento, é importante dizer que a ascensão da cruzada fundamentalista religiosa no Brasil nos últimos anos pode ser entendida como uma forte reação a um período histórico (2002-2015) de parceria entre o Estado e os movimentos sociais, dentre eles, o movimento LGBT, em prol da elaboração de políticas públicas, o atendimento às demandas de direitos civis e jurídicos, o fortalecimento de políticas de saúde, bem como a discussão da composição dos currículos educacionais que tangenciam a noção de diversidade (SIERRA, 2013a). Deste modo, uma genealogia da última década, considerando “as propostas para a elaboração de políticas públicas voltadas para a promoção da igualdade de gênero e o respeito à diversidade sexual”, como propõem Maria Rita de Assis César e André de Macedo Duarte (2017, p.146), nos mostra a instauração de um pânico moral¹⁶⁰ em torno das dissidências sexuais e de gênero, desempenhada por reações violentas do fundamentalismo religioso contra qualquer avanço nas pautas LGBT, além do cerceamento às escolas, à produção científica (principalmente as produções e grupos de pesquisa que seguem a vertente dos Estudos de Gênero), bem como aos movimentos sociais, e às ações artísticas e políticas no país nos últimos anos¹⁶¹.

¹⁶⁰ Os pânicos são chamados de “morais” porque se teme uma suposta ameaça à ordem e a seguridade social, ou mesmo uma concepção idealizada de instituições que são parte importante dela, como a família (MISKOLCI, 2007).

¹⁶¹ Neste contexto, destacam-se o episódio turbulento da exposição *Queermuseu – cartografias da diferença na arte brasileira*, que reunia cerca de 270 obras com o tema diversidade sexual e de gênero. A exposição esteve em cartaz em Porto Alegre do dia 15 de agosto de 2017 ao dia 10 de setembro de 2017, quando foi encerrada abruptamente em função de protestos à instituição responsável pela exposição - o Santander, incluindo agressões físicas e ameaças contra a curadoria da exposição, além da mobilização virtual massiva fundamentalista religiosa e do MBL (Movimento Brasil Livre) que acusavam a exposição de apologia à pedofilia e à zoofilia, além da profanação de símbolos religiosos. Semelhantemente, a performance *La Bête*, de Wagner Schwartz, que incluía a manifestação do público - que podia tocar o corpo de Schwartz, ou mesmo modificar sua posição -, foi alvo de ataques. A performance ocorreu em uma única exibição no mês de setembro de 2017, no Museu de Arte Moderna (MAM) em São Paulo, e também foi alvo de manifestações violentas nas mídias sociais, inclusive, com a invasão do museu por um grupo conservador. Sob a acusação de pedofilia, o MBL publicou em suas redes sociais que a performance era repugnante, inaceitável, e promovia a erotização infantil – quando um vídeo de uma criança tocando os pés de Schwartz viralizou no *Facebook*. Marco Feliciano chegou a dizer que “destruidores da família” estariam envolvidos com a performance. Somados a esses episódios, está a reação exacerbada às visitas de Judith Butler ao Brasil, situação em que um grupo de manifestantes chegou a queimar um simulacro de Butler, ao estilo “queimem a bruxa” em frente ao Sesc Pompéia em São Paulo. Butler chegou a ser agredida no aeroporto de Congonhas por algumas pessoas, conforme mostra um vídeo veiculado nas mídias sociais. Dentre elas, duas mulheres que aos gritos chamavam Butler e sua companheira, Wendy Brown, de “pedófilas”, “assassinas de crianças”, “mediócras”; entre outras coisas, pode-se ouvir também um homem

A primeira reação do fundamentalismo religioso a tomar grande proporção nas mídias sociais ocorreu em 2011, com o ataque ao Caderno Escola sem Homofobia, alcunhado pejorativamente de “Kit gay”, cujos objetivos englobavam uma série de materiais de apoio para a abordagem dos temas diversidade sexual e gênero nas escolas, no intuito de combater as violências contra as sexualidades e gêneros dissidentes (CÉSAR; DUARTE, 2017). Nessa esteira, é possível dizer que o Estatuto da Família, apresentado em 2013 e aprovado em 2015, foi uma espécie de resposta à decisão do Supremo Tribunal Federal de aprovar a união jurídica de duas pessoas de mesmo gênero no ano de 2011. Em seguida, o pânico moral teria sido acirrado nos embates acerca da redação e aprovação do PNE e seus desdobramentos nos Planos Estaduais e Municipais de Educação (PEE e PME, respectivamente), sob a égide da famigerada “ideologia de gênero”¹⁶², que segundo César e Duarte (2017, p. 148),

[...] visa desmerecer e criminalizar a produção acadêmica e dos movimentos sociais em torno das questões relativas à igualdade de gênero e do respeito à diversidade sexual [...] um claro repúdio à produção acadêmica e intelectual que critica as concepções do corpo e da sexualidade como lugares naturalizados e que recusa denominar como patológicas as experiências de gênero e sexuais não-heteronormativas.

Na fantasia fundamentalista religiosa, a “ideologia de gênero” seria responsável por incentivar a erotização de crianças e, conseqüentemente, a pedofilia; ela também objetivaria “mudar” o “sexo biológico e natural” das crianças ao dizer que o sexo e o gênero não são dados fixos e imutáveis dado por uma natureza cisgênero e heterossexual e que tampouco seguem a “trindade” sexo-gênero-desejo e/ou prática sexual e/ou afetiva; em delírios mais elaborados, comunistas estão tentando implantar sua ideologia através do “gênero” para destruir a família nuclear, entendida como o sustentáculo da sociedade. Em outras palavras, trata-se de uma estratégia para a reafirmação de um modelo heteronormativo, machista, misógino e violento que usa da “preservação e proteção” da criança e da família como argumentos para se manter (MOREIRA, 2016).

Se os pânicois morais podem ser considerados como “aqueles que emergem a partir do medo social com relação às mudanças, especialmente as percebidas como repentinas e, talvez por isso mesmo, ameaçadoras” (MISKOLCI, 2007, p. 103), não é difícil perceber porque todas

enaltecendo a agressão, dizendo “não à ideologia de gênero”. O vídeo em questão pode ser acessado neste link: <<https://goo.gl/KEi6LT>>.

¹⁶² Para uma genealogia da ideologia de gênero, ver o texto completo de César e Duarte (2017).

as ações relacionadas ao combate da promoção de direitos e de igualdade política para a diversidade sexual e de gênero tomadas pelo fundamentalismo religioso na última década parecem estar norteadas pela defesa da família nuclear. São ações que além de estabelecerem um efeito de causa – já que as sexualidades e gêneros dissidentes são inventados como sendo responsáveis pela destruição eminente da família, dizem respeito a uma concepção a-história e acrítica a respeito dessa instituição, uma vez que a configuração familiar considerada legítima tem sua hegemonia simbólica, mas nunca foi a regra, podendo até mesmo estar mais próxima de uma ficção, ou de um ideal coletivo (MISKOLCI, 2007). É em nome da família burguesa, nuclear e excludente, e da moral e dos bons costumes que essas cruzadas religiosas e morais têm assolado qualquer perspectiva de mudança que permita a liberdade das experiências de gênero e sexuais não-heteronormativas no Brasil. Aliás, não faltam pessoas dispostas a lutar e promover essa cruzada moral contra a “ideologia de gênero”, como as personalidades fundamentalistas religiosas cujos enunciados tenho tomado em minhas análises (Figuras 60, 61 e 62).

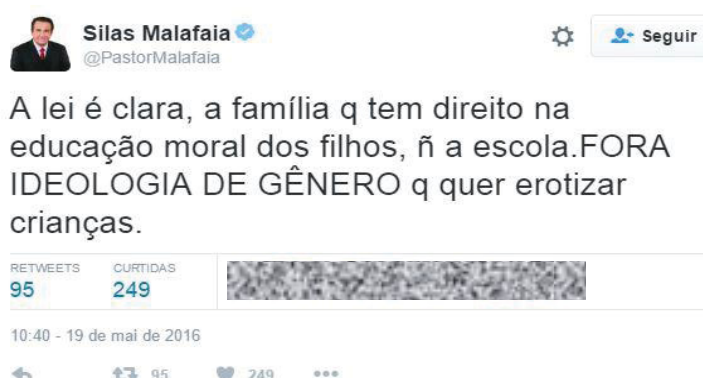


Figura 60. Tweet Malafaia¹⁶³



¹⁶³Extraído de MALAFAIA, Silas. @PastorMalafaia. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@PastorMalafaia>>. Acesso em: 22 out. 2016.

Figura 61. *Tweet Lobo*¹⁶⁴Figura 62. *Tweet Feliciano*¹⁶⁵

Alinhado à defesa da família, o investimento nas propostas de “cura gay” pode ser tomado como o evento mais recente¹⁶⁶ dentro dessa série de investidas que estão sendo discutidas. A ação popular que gerou a decisão em caráter liminar de uma nova interpretação da resolução 001/99 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), foi movida pela psicóloga e missionária Rozangela Alves Justino¹⁶⁷ e argumenta que a resolução - que estabelece normas para profissionais de Psicologia no que concerne à orientação sexual, ao se opor à participação de eventos e oferta de serviços que proponham tratamento e cura de sexualidades dissidentes, é um ato de censura que restringe a liberdade de pesquisa científica assegurada pelo art. 5º da Constituição, uma vez que, em seu entendimento, a resolução proíbe que profissionais da Psicologia desenvolvam estudos, atendimentos ou investigações científicas acerca dos comportamentos não-heterossexuais. O juiz federal da 14ª Vara do Distrito Federal, Waldemar Cláudio de Carvalho, entendeu que a resolução 001/99 do CFP, se mal interpretada, fere a liberdade científica, por isso, a decisão acatada foi a de que o CFP não impeça que profissionais realizem pesquisas e ofereçam atendimento acerca da reorientação sexual a quem, voluntariamente, procure-a.

¹⁶⁴Extraído de LOBO, Marisa. @marisa_lobo. Não paginado. Disponível em: <http://twitter.com/@marisa_lobo>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹⁶⁵Extraído de FELICIANO, Marco. @marcofeliciano. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹⁶⁶ É válido lembrar que proposições de “cura gay” já foram suscitadas em outros projetos de lei que estão arquivados.

¹⁶⁷Rozangela ocupa um cargo no gabinete do deputado Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ) na Câmara. O parlamentar, que está em seu primeiro mandato no Congresso, é apadrinhado por Silas Malafaia.

Ora, o que está bem assegurado a partir da liminar é o escrutínio das experiências sexuais e de gênero dissidentes única e exclusivamente, já que os corpos cisgêneros e as sexualidades heterossexuais não constituem problema algum à moral brasileira e tampouco condizem à uma condição de vulnerabilidade social. As terapias de “cura gay” da atualidade ressurgem na roupagem *psi* como uma possibilidade de retorno à norma. A ação movida pela missionária em “defesa” do progresso científico não é diferente do que as personalidades fundamentalistas defendem, como pode ser notado nos *tweets* de Silas Malafaia e Marco Feliciano (Figuras 63 e 64).

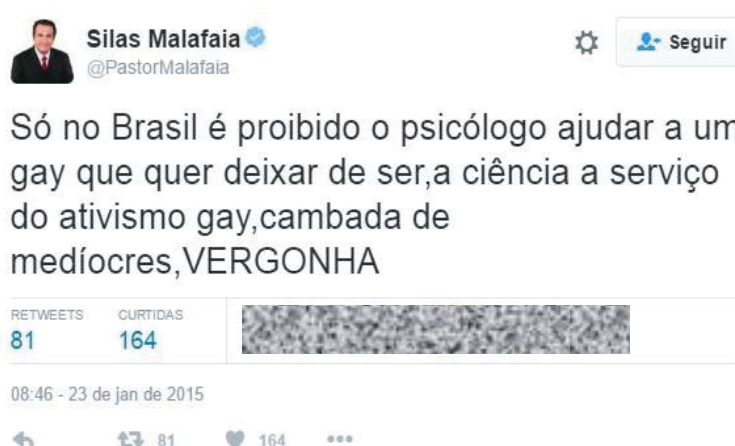


Figura 63. Tweet Malafaia¹⁶⁸



Figura 64. Tweet Feliciano¹⁶⁹

¹⁶⁸Extraído de MALAFAIA, Silas. @PastorMalafaia. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@PastorMalafaia>>. Acesso em: 22 out. 2016.

¹⁶⁹Extraído de FELICIANO, Marco. @marcofeliciano. Não paginado. Disponível em: <<http://twitter.com/@marcofeliciano>>. Acesso em: 22 out. 2016.

Se em *Uma Ciência sobre a diversidade*, como tentei mostrar, essas personalidades demonizavam as dissidências sexuais e de gênero, por que há mudança de retórica quando o assunto é a “cura gay”? Para entender de que modo a tentativa de invalidar a resolução 001/99 do CFP é parte de uma orquestração fundamentalista religiosa, é pertinente esmiuçar brevemente o PL4931/2016¹⁷⁰, que segue tramitando na Comissão de Seguridade Social e Família da Câmara, proposto pelo deputado federal e pastor Ezequiel Teixeira (PTN-RJ)¹⁷¹:

Art. 1º Fica facultado ao profissional de saúde mental, atender e aplicar terapias e tratamentos científicos ao paciente diagnosticado com os transtornos psicológicos da orientação sexual egodistônica, transtorno da maturação sexual, transtorno do relacionamento sexual e transtorno do desenvolvimento sexual, **visando auxiliar a mudança da orientação sexual, deixando o paciente de ser homossexual para ser heterossexual**, desde que corresponda ao seu desejo. Art. 2º O profissional que atuar em atenção ao artigo anterior, não poderá sofrer qualquer sanção pelos órgãos de classe. (BRASIL, 2016, p. 1, grifo meu)

A saber, o uso do termo “orientação sexual egodistônica”, como propõe o deputado, pode ser considerado um erro conceitual, uma vez que o termo diz respeito a não vivência plena da sexualidade, que pode ser experienciada independentemente do desejo e da prática sexual e/ou afetiva. Se a não vivência plena da sexualidade está mais relacionada às sexualidades não-heterossexuais, o problema reside na violência à qual os sujeitos que as experienciam estão submetidos, não no desejo e na prática sexual e/ou afetiva. Nesse sentido, o PL é muito explícito ao equiparar a homossexualidade a um distúrbio da orientação sexual, usando proposições do décimo Código Internacional de Doenças (CID-10):

Penso que a homossexualidade causa diversos transtornos psicológicos. No entanto, **visando não entrar, apenas, no campo religioso e para manter o debate no aspecto científico** destaco que a CID-10 elenca os seguintes transtornos: F66.0 Transtorno da maturação sexual [...] F66.1 Orientação sexual egodistônica [...] F66.2 Transtorno do relacionamento sexual [...] F66.8 Outros transtornos do desenvolvimento psicosssexual [...] F66.9 Transtorno do desenvolvimento sexual, não especificado [...]. Na verdade, o que persiste na sociedade brasileira é exatamente a ideia propagada ostensivamente por meio do discurso meramente ideológico desses grupos de interesse que, de modo impressionante, convenceu grande parte da população brasileira de que não se podem tratar os transtornos relacionados à orientação sexual, exceto no sentido (obrigatório) de se levarem os **portadores desses transtornos** a aceitarem (sem questionamentos) uma orientação sexual da qual, na verdade, eles próprios querem se livrar (BRASIL, 2016, p.2-4, grifos meus).

¹⁷⁰ O projeto aguarda o parecer do relator, o deputado Diego Garcia (PHS-PR) que, oportunamente, foi o relator do Estatuto da Família. O projeto de lei pode ser acessado em: <<https://goo.gl/dE9HGP>>. Acesso em jan. 2018

¹⁷¹ Ezequiel Teixeira também é pastor evangélico da Associação Missionária Vida Nova, criada por ele mesmo em 1989.

Considerando o que diz este excerto do PL4931/2016, é possível até mesmo traçar um paralelo com as propostas de terapias de cura de início do século XX descritas no item anterior, já que o que se quer extirpar são transtornos. O medo da “degeneração sexual” é, pois, o medo das transformações em instituições como a família, é o medo da ameaça à reprodução biológica e aos frágeis papéis de gênero legitimados socialmente (MISKOLCI, 2007). Deste modo, as personalidades fundamentalistas religiosas têm suscitado antigos pânico morais, conforme exposto na discussão sobre o dispositivo da aids/hiv, associado ao recente pânico moral da “ideologia de gênero”, tendo como sua mais recente estratégia a tentativa de normalizar a diferença, expressa pela “cura gay”. Essas estratégias deflagram as condições pelas quais esse fundamentalismo opera para reafirmar a importância de um retorno aos valores tradicionais, considerados como os bons e legítimos valores, sendo que, no Brasil, essas operações parecem consistir na propagação de discursos de ódio, que encontra nas mídias sociais um meio sem fronteiras e sem regulação para se disseminar.

No que concerne aos discursos de ódio, esse tipo de discurso insulta, assedia e intimida em virtude de pertencimentos étnico-raciais e culturais, de nacionalidade, de religião, de idade, de expressão de gênero e de sexualidade, mas também pode ser caracterizado pela capacidade de incitar ou disseminar a violência, o ódio e a discriminação em outras esferas (SANTOS, 2012). Essa incitação à discriminação também atravessa a subjetivação de noções deturpadas de determinados grupos sociais, conforme demonstrado pela discussão da produção das sexualidades e gêneros dissidentes como desvios da natureza, como doença e risco à família nuclear. Também é comum que esse tipo de discurso esteja disfarçado em argumentos de proteção moral e social, conforme explícito pela cruzada moral pela família e pela “proteção” das crianças. Além disso, os discursos de ódio são abrandados pela “liberdade de expressão”, o que tem tornado possível que agressões - veladas ou não - contra as dissidências sexuais e de gênero possam ser ditas sem qualquer consequência a quem as profira, afinal, como tão bem entoadado, o fundamentalismo religioso supõe estar “falando de Ciência”.

Não intento adentrar em estratégias pedagogizantes de dizer e classificar o que pode e o que não pode ser considerado discurso de ódio, além do mais, parece óbvio que por se tratar de discursos científicos não está eliminada a possibilidade de se qualificarem como discursos de ódio. Por isso, ainda que não seja meu intuito estabelecer, aqui, efeitos de causa e consequência, ou culpabilizar exclusivamente as personalidades fundamentalistas religiosas

pela violência causada às sexualidades e gêneros dissidentes, entendo que elas promovem uma espécie de violência “sem sujar as mãos” ao inflamar e propagar os pânicos morais, uma vez que se apropriam de discursos que além de serem legitimados e privilegiados socialmente, estão fora do alcance da lei, por assim dizer. Considerando as terapias de “cura gay”, por exemplo, tanto no conteúdo das propostas do PL4931/2016, quanto na liminar concedida à “revogação” da resolução 001/99 do CFP, em que se afirmou veladamente que as perspectivas de “cura gay” têm valor científico, anulou-se, supostamente, qualquer caráter de violência. Os conteúdos, por apelarem à legitimidade científica, são liberados; o que seria passível de punição são seus possíveis efeitos – que de uma forma ou outra não podem ser provados judicialmente¹⁷².

Em consonância ao que foi exposto neste ensaio, o cenário atual não parece permitir grandes expectativas a quem almeja condições de vida igualitárias para a diversidade sexual e de gênero: as tentativas de criminalização da homofobia foram violentamente rejeitadas por pressões da Frente Parlamentar Evangélica e, agora, corremos o risco de assistir à legitimação das terapias de “cura gay”. No que concerne à educação, o fundamentalismo religioso também não vacila: não está assegurado o direito das discussões de gênero em âmbito escolar, e paira o Projeto Escola Sem Partido, que visa cercear o direito de tratar de determinados temas em sala de aula. Se há pouco tempo nos preocupávamos com a qualidade das políticas públicas, ou mesmo com avanços políticos que o movimento LGBT havia pleiteado com a lógica da inclusão identitária (SIERRA, 2013a), o caso agora parece ser outro: estamos vivenciando um novo período em que não há mais sequer parceria com o Estado. As estratégias discursivas usadas pelo fundamentalismo religioso não abrem espaço para dúvida: tratam-se de violências que intentam a aniquilação daquilo que expõe a insustentável fragilidade com que a heteronormatividade se mantém.

¹⁷² Nesse contexto, embora não intente discutir aspectos que concernem ao âmbito do direito, é relevante lembrar o arquivamento da denúncia do Ministério Público contra Marco Feliciano, após o deputado declarar em seu *Twitter* que “A podridão dos sentimentos dos homoafetivos levam (sic) ao ódio, ao crime, a (sic) rejeição” (SCHAFER et al., 2015). Também é válido lembrar que Marco Feliciano presidiu a Comissão de Direitos Humanos da Câmara no ano de 2013.

Considerações finais

Se no início disse que o “começo seria o prelúdio do fim”, chegando ao final da tessitura desta pesquisa, acredito que se trate exatamente disso. Como um mosaico dos horrores de nossa época¹⁷³, penso que aquela sequência inicial de imagens e fragmentos textuais possa compor uma espécie de genealogia. Intentava um confronto com um arsenal discursivo (um protocolo fantasioso, fragmentos de investigações da ciência médico-psi positiva, do jornalismo, de lideranças religiosas contemporâneas), cuja composição se entrecruza, se alimenta e se espraia, constituindo a ordem do discurso que nos invade, nos crava e nos dilacera. Questionei: a partir de que redes de saber e poder os discursos contemporâneos que espraiam ódio e violência contra as sexualidades e gêneros dissidentes estão articulados com narrativas que, historicamente, os construíram ora como uma doença, ora como um desvio comportamental, e ora como um risco de vida à heterossexuais?

Tentei compor argumentos de que uma certa “diversidade” é produzida pelos saberes científicos-biológicos e apropriada pelo discurso fundamentalista religioso. Talvez estivesse falando de uma Ciência própria dos desvios, das aberrações e da anormalidade e, em última instância, da produção de uma diferença letal cravada nos corpos e sexualidades dissidentes. De todo modo, falava da obsessão científico-positivista que intenta conformar o Outro à uma mesmidade específica: cisgênera e heterossexual e, quem sabe, a mesmidade dos amores tristes e ressentidos que o fundamentalismo religioso tanto exalta. Assim, busquei alguns elementos de captura dos gêneros e das sexualidades dissidentes para pensar como esses mecanismos se constroem, se modificam e se tornam desejáveis na atualidade.

Encontro-me neste texto-último sem fazer previsões teleológicas, ao contrário das personalidades fundamentalistas religiosas cujos enunciados tomei em minhas análises. É em nome Dele e da família que elas propõem um resgate inesperado e inverossímil de um mundo que se acredita corrupto pela sujeira do feminismo e da existência de outros modos de viver os gêneros e as sexualidades. Na atualidade, essas personalidades têm encontrado no dispositivo midiático - seja pelas rádios, pela TV ou pelas mídias sociais - como tenho destacado -, sua fonte contemporânea de reverberação. Neste ambiente, disseminam pânicos morais cujos efeitos ainda são imprevisíveis. É certo que alguns efeitos podem ser sentidos,

¹⁷³ Agradeço à Juslaine Nogueira e ao Fernando Pocahy, por estes *insights* no momento da qualificação.

sobretudo no que diz respeito às políticas públicas e às perspectivas de igualdade política para grupos considerados não-hegemônicos, conforme tentei expor em *Nós, as cobaias do fundamentalismo religioso*. Por entender que essas personalidades não são vozes destoantes, e que se somam ao coro fundamentalista que vivenciamos na atualidade, neste momento, estou convencida de que não há como se livrar do fundamentalismo religioso desligando a TV, ou se afastando das redes sociais e da toxicidade que nos invade via *feed* de notícias. Bem por isso, tenho dificuldades de fazer apontamentos para um futuro possível.

Sei que melhor que os niilismos reconfortantes e as táticas vitimizadoras, de se colocar como uma cobaia, por exemplo, é correr o risco de me contradizer e dizer que toda essa discussão também é um convite para repensarmos: já que o fundamentalismo é, paradoxalmente, uma manifestação do medo, ele não engendra controle total. Talvez, reste outro questionamento: como reinventar modos de vida não fundamentalistas?

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation**. Washington: APA, 2009. Disponível em: <<https://goo.gl/eJUssL>>. Acesso em março 2017.

_____. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders - DSM-V**. Washington: APA, 2014.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **PROJETO DE LEI Nº 4931/2016 DE 2016**. Disponível em: <<https://goo.gl/9Pt8dq>>. Acesso em jan. 2018.

BERSANI, Leo. Homos. In: HALPERIN, David. **San Foucault**. Para uma hagiografia gay. Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2007.

BUTLER, Judith. **Excitable speech**. A politics of the performative. New York: Routledge, 1997.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. **Bodies that matter**. New York: Routledge, 2000.

_____. Critically queer. **GLQ: a journal of lesbian & gay studies**. V. 1, p. 17-32, 1993. Disponível em: <<https://goo.gl/gbvfgV>> Acesso em jan. 2018.

CAMERON, Paul; PLAYFAIR, William L.; WELLUM, Stephen. The longevity of homosexuals: before and after the aids epidemic. **OMEGA - Journal of Death and Dying**. v, 29, n.3, p. 249 – 272, 1994.

CAMERON, Paul; Kirk, CAMERON. Federal Distortion Of Homosexual Footprint (Ignoring Early Gay Death?). **Eastern Psychological Assn Convention**, Filadelfia, p. 1-27, 2007. Disponível em: <<https://goo.gl/CRXaOh>>. Acesso em março de 2017.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean. et al. **A pesquisa qualitativa**. Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André de Macedo. Governo e pânico moral: corpo, gênero e diversidade sexual em tempos sombrios. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 33, n. 66, p. 141-155, out./dez. 2017.

CHAMPANGNATTE, Dostoiowski Mariatt de Oliveira; CAVALCANTI, Marcus Alexandre de Pádua. Cibercultura - perspectivas conceituais, abordagens alternativas de comunicação e movimentos sociais. **Revista de Estudos da Comunicação**. Curitiba, v. 16, n. 41, p. 312-326, set./dez. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/LhdaLa>>. Acesso em Jan. 2018.

COLAPINTO, John. **Sexo trocado**. A história real do menino criado como menina. Tradução de Beatriz Horta. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício**. Estudos sobre o homoerotismo. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

CURITIBA. Prefeitura Municipal. **LEI nº 14681 DE 2015**. Aprova o Plano Municipal de Educação – PME, da cidade de Curitiba. Disponível em: <<https://goo.gl/d8AYCq>>. Acesso em jan. 2018.

DORLIN, Elsa. **Séxo, género y sexualidades**. Introducción a la teoría feminista. Tradução de Victor Goldstein. Buenos Aires: Nueva Visión, 2009.

ELLIS, Havelock, The study of sexual inversion. **Medico-Legal J.** p.148-157, 1894-1985. Disponível em: <<https://goo.gl/s4NqgD>>. Acesso em out. 2016.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Sex/Gender: biology in a social world**. New York and London: Routledge, 2012.

_____. The five sexes. Why male and female are not enough. **The Sciences**, p.20-25, 1993.

_____. **Sexing the body: gender politics and the construction of sexuality**. New York: Basic Books, 2000.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise de discurso. **Cadernos de pesquisa**, n.114, 2001, p. 197-223.

_____. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 151-162, jun. 2002. ISSN 1678-4634. Disponível em: <<https://goo.gl/zPj2p2>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

FONE, Byrne. **Homofobia: Uma historia**. Tradução de Daniel Rey. México: Océano, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Herculine Barbin: o diário de um hermafrodita**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1982.

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GALLO, Silvio. A vila: microfacismos, fundamentalismo e educação. In: GALLO, Sílvio; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Fundamentalismo e Educação**. A vila. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 17-35.

GGB. Grupo Gay da Bahia. **Assassinato de homossexuais (LGBT) no Brasil**: relatório de 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/6XGLLj>> Acesso em 20 dez. 2017.

GREEN, James. **Além do carnaval**. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

HALPERIN, David. **San Foucault**. Para una hagiografia gay. Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2007.

HAMER, Dean; HU, Stella; MAGNUSON, Victoria L.; HU, Nan; PATTATUCCI, Angela M. L. A Linkage Between DNA Markers on the X Chromosome and Male Sexual Orientation. **Science**, v, 261, p. 321-327, 1993.

LANG, Theo. Studies on the genetic determination of homosexuality. **Journal of Nervous & Mental Disease**, v, 92, n.1, p.55-64, 1940.

LÉON, Adriano de. Fascismos em rede: uma mirada nos discursos de ódio pelas mãos de Foucault. In: SILVA, Francisco Vieira da; DOMINGOS, JJ; PEREIRA, Tânia Maria Augusto. (Orgs.). **Foucault e Mídia**. Entre pirotecnias e reflexões. Paraíba: Marca de Fantasia, 2017, p. 163-193.

LIDDICOAT, Renée. **Homosexuality**: results of a survey as related to various theories. Tese de doutorado. University of the Witwatersrand, 1956.

LISPECTOR, Clarice. Primeiras histórias. Cartas a Hermengardo. In: Benjamin Moser. (Org). **Todos os contos**. Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

LOPES, Maura Corcini. Inclusão como prática política de governamentalidade. In: LOPES, Maura Corcini; HATTGE, Morgana Domênica. **Inclusão Escolar**: conjunto de práticas que governam. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

LOWY, Ilana. Universalidade da ciência e conhecimentos “situados”. **Cadernos pagu**, n. 15, p. 15-38, 2000. Disponível em: <<https://goo.gl/8ubiq9>>. Acesso em jan. 2018.

MACCULLOCH, Malcolm. Biological aspects of homosexuality. **Journal of Medical Ethics**, v, 6, n. 3, p. 133-138, 1980. Disponível em: <<http://twixar.me/Psk>>. Acesso em out. 2016.

MAY, Tim. **Pesquisa social**: questões, métodos e processo. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MEYER, Dagmar Estermann. Abordagens pós-estruturalistas de pesquisa na interface educação, saúde e gênero: perspectiva metodológica. In: Meyer, D. E. & Paraíso, M. A.

Metodologias de Pesquisas pós-críticas em educação e currículo: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

MISKOLCI, Richard. Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política queer. In: SOUZA, Luís Antônio Francisco de; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro de (Org.). **Michel Foucault:** sexualidade, corpo e direito. Marília: Cultura Acadêmica, 2011, p. 47-68.

_____. Pânicos morais e controle social - reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos pagu** (28), janeiro-junho de 2007, p. 101-128.

MOAN, Charles E.; HEATH, Robert G. Septal stimulation for the initiation of heterosexual behavior in a homosexual male. **J. Behav. Ther. & Psychiat**, v, 3, p, 23-30, 1972.

MOREIRA, Jasmine. **Janelas Fechadas:** o percurso da pauta LGBT no PNE 2014. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

NAPHY, William. **Born to be gay.** História da homossexualidade. Lisboa: 70, 2006.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade, gênero e *cura* em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v, 21, n. 61, 2006.

OWENSBY, Newdigate M. Homosexuality and lesbianism treated with metrazol. **Journal of Nervous & Mental Disease**, v, 92, n.1, p. 65-66, 1940.

PELUCIO, Larissa; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, n. 1, p.125-157, 2009.

PESTANA, Germano Manoel. **Make the best woman...win:** perturbações entre os discursos psi, psicanálise e teoria queer na educação. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

PETERS, Michael. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença.** Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

REKERS, George A.; LOVAAS, O. Ivar. Behavioral treatment of deviant sex-role behaviors in a male child. **Journal of Applied Behavior Analysis**. 1974;7(2):173-190.

REVEL, Judith. **Michel Foucault:** conceitos essenciais. Tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005.

RIBEIRO, Leonídio. Homossexualismo e endocrinologia. In: James N. Green. **Além do carnaval.** A homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

_____. Ciência, homossexualismo e endocrinologia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia fundamental**. São Paulo, v. 13, n. 3, p. 498-511, set. 2010. Disponível em:< <https://goo.gl/k7iftq>> Acesso em jan. 2018.

RICE, George; ANDERSON, Carol; RISCH, Neil; EBERS, George. Male Homosexuality: Absence of Linkage to Microsatellite Markers at Xq28. **Science**, v, 284, p.665-667, 1999.

ROCHA, Marisa Lopes da. Fundamentalismo e discussões contemporâneas acerca da crise da razão: implicações com as práticas educacionais. In: GALLO, Sílvio; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Fundamentalismo e Educação**. A vila. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 203-216.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. Sobre política e discursos (neuro)científicos no Brasil contemporâneo: muitas questões e algumas respostas inventadas a partir de um escrito de Michel Foucault. In: RAGO, Margareth; VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs.). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009, p. 153-168.

RUBIN, Gayle. Notes for a radical theory of the politics of sexuality. In: ABELOVE, Harry; BARALE, Michèle Aina; HALPERIN, David (Ed.). **The lesbian and gay studies reader**. New York: Routledge, 1993, p. 03-44.

SANTOS, Karla Cristina. **A problemática da constituição da ofensa no ato de insultar**: a injúria como prática linguística discriminatória no brasil. Ttese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

SCHÄFER, Gilberto; LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo; SANTOS, Rodrigo Hamilton dos. Discurso de ódio. Da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. **Revista de Informação Legislativa**. Brasília, a. 52, n. 207, jul./set. 2015, p. 143-158.

SCHIEBINGER, Londa. **O feminismo mudou a ciência?** São Paulo: Unesp, 2001.

SIERRA, Jamil Cabral. **Marcos da vida viável, marcas da vida vivível**: o governo da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para a teorização político-educacional LGBT. Tese de doutorado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013a.

_____. **Homossexuais, insubmissos e alteridades em transe**. Representações da homocultura na mídia e a diferença no jogo dos dispositivos contemporâneos de normalização. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2004.

_____. Corpo, sexualidade e poder: a homossexualidade na mídia e as biopolíticas de prevenção contra a AIDS. **Textura**, n.28, p.111-128 maio/ago. 2013b.

SILVERMAN, Daniel; ROSANOFF, William R. Electroencephalographic and neurologic studies of homosexuals. **The Journal of Nervous and Mental Disease**, v, 101. n. 4, 1945.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SPITZER, Robert L. Can some gay men and lesbians change their sexual orientation? 200 Participants reporting a change from homosexual to heterosexual orientation. **Archives of sexual behavior**, v, 32, n.5, p. 403-417, 2003.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso**. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. Rio de Janeiro: Record, 2002.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VILAS-BÔAS, João Paulo Simões. **Nilismo, fanatismo e terror**: uma leitura do fundamentalismo a partir de Friedrich Nietzsche. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

WILLIAMS, Edwin G. Homosexuality: a biological anomaly. **Journal of Nervous & Mental Disease**, v, 99, n.1, p. 65, 1944. Disponível em:< <https://goo.gl/29dAIN>> Acesso em out. 2016.

WOOLF, Virginia. **As Ondas**. Tradução de Lya Luft. São Pulo: Novo Século, 2011.